UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO MARIA ELISA DE ALBURQUERQUE MAIA – CAMEAM
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS

OS TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA: FORMAÇÃO DE LEITORES A PARTIR DOS CÍRCULOS DE LEITURA

PAU DOS FERROS
2015

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS

OS TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA: FORMAÇÃO DE LEITORES A PARTIR DOS CÍRCULOS DE LEITURA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ *Campus* Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Constantin Xypas

PAU DOS FERROS
2015

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS

OS TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA: FORMAÇÃO DE LEITORES A PARTIR DOS CÍRCULOS DE LEITURA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ *Campus* Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Constantin Xypas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Constantin Xypas – Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

_____
Profª Dra. Rosiane Maria Soares da Silva – Examinador externo
Universidade Federal de Campina Grande/UFCG

_____
Prof. Dr. Marcos Nonato Oliveira – Examinador interno
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

_____
Profa. Dra. Maria Edileuza Costa – Suplente
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

PAU DOS FERROS
2015

DEDICATÓRIA

A Deus eu me entrego e dedico todo o meu ser e o que nele habita. Esta conquista, dedico especialmente a minha primogênita, Ariela Mabel, e à Maya Louise que ganhei de presente de Deus no término do Mestrado. A vocês meus amores, meu carinho, meus cuidados e minhas orações. Minhas vidas!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas inúmeras bênçãos a mim concedidas. Pela força e fé que tudo daria certo. “Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”, 1 Tessalonicenses 5:18.

Ao meu amado esposo, Dário Amaral, pelo companheirismo, dedicação e aceitação das idas e vindas, por sua disposição a me ajudar.

À minha preciosa filha, Ariela Mabel, que soube compreender as minhas ausências sem reclamar.

Aos meus pais, Raimundo e Graça, os quais em suas orações me entregaram a Deus para que tudo desse certo.

Aos meus irmãos, Francisco Cosme, Raniele Cristina e Cícero Raunir que sempre me deram forças e contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse me ausentar e realizar meus estudos.

Às minhas primas Wélia, Hwênia e minha tia Ducarmo (*in memorian)*, as quais em minha ausência hospedaram e cuidaram da minha Mabel como uma mãe carinhosa cuida de seus filhos. Para Tia Ducarmo, o meu pesar porque, embora viva hoje momento de êxito, também sinto um enorme vazio e uma tristeza profunda por ela ter partido sem que pudesse assistir a minha conquista.

Aos meus amigos e amigas que torceram por mim e me deram uma palavra de apoio quando eu quis fraquejar.

Aos meus alunos do oitavo ano que em muito contribuíram para a consolidação deste projeto.

Aos meus colegas de sala em especial, Anna Cátia, Wellivânia, Jaciara, Jucilea e Ana Maria pelo incentivo, apoio, pelas conversas, “sofrências” e risadas. Pela

companhia nas pousadas, almoços e lanches, e também pelas andanças na cidade para as comprinhas.

Ao meu professor orientador, Dr. Constantin Xypas, que com sua sabedoria e paciência soube conduzir-me de forma brilhante para que eu chegasse até o fim.

Ao meu diretor e colegas de trabalho que me apoiaram e torceram por mim.

Enfim, agradeço a todos e a todas que contribuíram de forma direta ou indireta, com suas palavras, gestos e orações para que eu vencesse mais essa etapa de minha vida. Meu muito obrigada! Que Deus abençoe a cada um!

Não sei se seria sonhar muito. Mas acredito que, se desde o início, for dada aos alunos a oportunidade da leitura plena (do livro e do mundo) – aquela que desvenda, que revela, que lhes possibilita uma visão crítica do mundo e de si mesmos –, se lhes for dada a oportunidade da leitura plena, repito, uma nova ordem de cidadãos poderá surgir e, dela, uma nova configuração de sociedade.

(Irandé Antunes)

RESUMO

DIAS, M. S. O. **Os textos literários em sala de aula**: formação de leitores a partir dos círculos de leitura. Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia. Pau dos Ferros. p. 140, 2015.

Neste trabalho apresentamos uma pesquisa/intervenção desenvolvida no 8º ano da Escola Estadual Zenon de Sousa – Umarizal/RN, na qual lecionamos. Partimos da seguinte indagação: Como contribuir para a formação leitora e despertar o gosto pela leitura através da literatura? Para isso, tivemos como objetivo principal promover o encontro entre literatura e leitores nas aulas de Língua Portuguesa a fim de instigar o gosto pela leitura através dos Círculos de Leitura Literária. Escolhemos o círculo de leitura literária como ferramenta para nossa intervenção por perceber, através de pesquisa exploratória e observação das aulas, que os textos com os quais nossos alunos mais se identificam são os literários e que estes, abrem caminhos para a aquisição do gosto pela leitura, bem como para a formação de leitores mais críticos e participativos. A nossa pesquisa percorreu caminhos como questionários com os alunos, observações das atitudes dos leitores, até chegar à implantação dos círculos de leitura literária, nos quais realizamos duas etapas intercalando com a leitura protocolada de alguns textos. Com a realização da intervenção em sala de aula, tivemos como resultados: melhoras significativas na aquisição do gosto pela leitura, bem como na atuação dos alunos frente aos textos enquanto leitores mais participativos, mais críticos e com maior desenvoltura e propriedade para se posicionarem mediante suas leituras.

Palavras-Chave: Leitura. Literatura. Círculo de leitura. Formação leitora. Letramento literário.

RÉSUMÉ

Ce travail présente la recherche/intervention que fut réalisée à la 8e année de l'École d'État Zénon de Sousa - Umarizal/RN, dans laquelle nous enseignons. Nous partîmes de la question suivante: Comment contribuer à la formation à la lecture et éveiller le goût pour la lecture à partir de la littérature? Pour cela, nous nous sommes donné comme objectif principal de promouvoir la rencontre entre littérature et lecteurs dans les cours de Langue Portugaise à fin de stimuler le goût pour la lecture par le biais des Cercles de Lecture Littéraire. Nous choisîmes le Cercle de Lecture Littéraire comme instrument de notre intervention pédagogique parce que nous nous perçûmes au travers de la recherche exploratoire et l'observation en salle de classe que les textes avec lesquels les élèves s'identifient le plus sont les textes littéraires et que ceux-ci ouvrent la voie pour l'acquisition du goût pour la lecture, tout comme pour la formation de lecteurs critiques et participatifs. Notre recherche utilisât les techniques suivantes: le questionnaire avec les élèves, l'observation de leurs attitudes en tant que lecteurs, jusqu'à arriver à implanter les Cercles de Lecture Littéraire; pour cela nous réalisâmes deux étapes, incluant la lecture protocolaire de quelques textes. Comme conséquence de l'intervention pédagogique, nous observâmes une amélioration significative dans l'acquisition du goût pour la lecture, le plaisir de lire, mais aussi l'application des élèves face aux textes en tant que lecteurs participatifs, plus critiques et avec plus de facilité et d'à-propos pour se positionner par rapport à leurs lectures.

Mots-clés: Lecture. Littérature. Cercle de Lecture Littéraire. Formation à la lecture. Alphabétisation littéraire.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 O ENSINO DA LEITURA: DA TEORIA À PRÁTICA 15
2.1 O QUE É LEITURA: CONCEPÇÕES ATUAIS 15
2.2 A LEITURA EM SALA DE AULA 20
3 O ENSINO DA LITERATURA: PRÁTICAS E REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO LEITORA 25
3.1 A LITERATURA QUE TEMOS *VERSUS* A QUE QUEREMOS 25
3.2 OS CÍRCULOS DE LEITURA LITERÁRIA 33
4 A INTERVENÇÃO DIDÁTICA 38
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA INTERVENÇÃO 38
4.2 A INTERVENÇÃO: O COMEÇO, O MEIO E O FIM 43
4.3 O CENÁRIO E OS SUJEITOS DA INTERVENÇÃO 44
4.4 O COMEÇO: A PESQUISA EXPLORATÓRIA 45
4.5 O MEIO: A INTERVENÇÃO PILOTO EM 2014 49
4.6 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA 56
4.7 O FIM: A INTERVENÇÃO 2015 60
4.8 AVALIANDO A INTERVENÇÃO: A TÉCNICA DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE LEITURA 69
CONSIDERAÇÕES FINAIS 82
REFERÊNCIAS 86
APÊNDICES 91
APÊNDICE A – Carta aos alunos: Minha biblioteca íntima 92
ANEXOS 96
Anexos A – Questionário aos alunos 97
Anexos B – Desenhos representando trechos das obras lidas pelos alunos 108
Anexos C – Cartas dos alunos 127

1 INTRODUÇÃO

Escrever e/ou pesquisar sobre leitura na atualidade vem sendo trivial, porém este é um tema em constante atualização já que frequentemente surgem novos olhares e novas formas de entender e pesquisar essa temática. Em consonância com as transformações sociais sucedidas nos dias atuais, a leitura deixa de ser vista como um simples mecanismo de decodificação dos impressos e de tudo que nos cerca. Ela ultrapassa esse mecanismo, passando a ser vista como construção de sentidos, conhecimentos e de formação de impressões e opiniões que o ser humano constrói ao longo da sua trajetória de formação pessoal e social.

Nossa concepção de leitura se encontra em consonância com Lerner (2002), ao dizer que ler é adentrar outros mundos possíveis, questionar a realidade para compreendê-la melhor, distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer. É assumir a cidadania no mundo da cultura crítica. Desse modo, é que se legitima o dever do professor de está em constante preparação/formação com o propósito de nortear o aluno para o gozo pleno e acesso à leitura.

Partindo dessa assertiva, nos propusemos investir numa nova possibilidade de ver e fazer a prática pedagógica para envolver os alunos com a prática da leitura em sala de aula, já que os mesmos em sua grande maioria, ainda não descobriram o prazer e todo leque de benefícios proporcionados por ela. É notória a falta de autonomia leitora, pensamentos críticos, argumentação consistente e até mesmo uma visão de mundo e literária limitada em consequência da falta de leitura.

Esta pesquisa foi pensada a partir de inquietações pessoais, enquanto docente sobre a repercussão e o tratamento dado à leitura em sala de aula, já que por mais que nos esforcemos em fazer da leitura uma constante em nossas aulas, notamos a pouca e até mesmo a falta de compreensão do texto, a ausência de um posicionamento crítico e reflexivo, uma ida além do que está posto. Ou seja, os alunos não conseguem adentrar nas entrelinhas do texto, por mais simples que este seja. Notamos também uma falta de atitude leitora, pois raras vezes é visto um aluno indo à biblioteca por sua própria vontade. Eles só a visitam e retiram livros quando é tarefa expressa pelo professor. Como consequência de tudo isso, temos alunos que nas diversas situações escolares escondem seus pensamentos próprios, e por medo

de fracassar não apresentam argumentos e posicionamentos consistentes. Tudo isso nos dá a impressão de alunos apáticos que não encontram sentido na escola. Estes são fatos preocupantes já que temos a consciência de que “saber ler é um poderoso fator de inclusão social, bem como nos fornece bases para construirmos, negociarmos e interpretarmos o mundo em que vivemos”. (COSSON, 2014).

Diante disso, sentimos ser inadiável a necessidade de “travarmos uma batalha” em nossas escolas para minorar essas deficiências acarretadas pela não leitura, bem como estimular a aquisição do gosto pela leitura em nosso meio.

Para tanto, propusemo-nos a desenvolver uma pesquisa/intervenção na Escola Estadual Zenon de Souza, Umarizal-RN, instituição na qual lecionamos, tendo como amostra o 8º ano do Ensino Fundamental II, do turno vespertino. Isto, por perceber a necessidade de engajá-los à adentrar no mundo da leitura como forma de contribuir para o crescimento pessoal e intelectual dos mesmos para que estes possam tornar-se leitores proficientes e que busquem leituras significativas as quais contribuam para uma tomada de consciência sobre o mundo e as problemáticas que os cercam.

Nosso foco é promover o encontro entre textos literários e leitores nas aulas de Língua Portuguesa a fim de instigar o gosto pela leitura através dos Círculos de leitura literária. Para isso, buscaremos envolver toda a turma nas referidas aulas incluindo os alunos com níveis de leitura mais fracos. Também tentaremos através de nossas aulas contribuir para a leitura proficiente através da literatura: ler usando a pontuação correta, perceber as entonações da fala e melhorar a interpretação textual, utilizando a literatura como instrumento para o fortalecimento das práticas argumentativas e desenvolver o pensamento próprio a partir das situações de leitura.

Dessa forma, esperamos contribuir para aquisição do gosto pela leitura, assim como, através dos círculos de leitura literária, desenvolver a habilidade de compartilhamento das leituras e fortalecer o trabalho em equipe.

Quando falamos em leitura, não buscamos apenas a decifração do código, mas uma leitura nos moldes postulados por Gonçalves (2008, p. 136) que enfatiza: “não basta aprender a ler, é necessário aprender com o que se lê: é necessário interpretar os conteúdos e atribuir-lhes significado, para que a leitura, enquanto exercício de inteligência cumpra o seu papel”. Desse modo, a nossa preocupação

enquanto educadores é que possamos promover de fato, meios que possibilitem aos nossos alunos a aquisição dessa leitura.

Para tanto, depois de realizarmos várias leituras acerca dessa temática, resolvemos utilizar para essa empreitada a metodologia do *Círculo de leitura* proposta por Rildo Cosson (2014), o qual define o círculo de leitura como um grupo de uma comunidade de leitores que objetiva a leitura prazerosa e o compartilhamento de suas impressões sobre as obras, bem como permite o diálogo entre texto, leitor, contexto, intertexto de modo coletivo e colaborativo.

E um dos seus pontos fortes conforme o autor já citado se manifesta por que:

> Ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas e tradições. (COSSON, 2014, p.139)

Trazemos o texto literário para nossa sala de aula porque este permite aos leitores sair de seus mundos reais, muitas vezes conflituosos e adentrar numa viagem a um mundo mágico, cheio de fantasias, desejos, novas emoções e descobertas, um chamariz para nosso público adolescente. E como bem nos mostra Cosson (2014, p. 25):

> A literatura é essencialmente palavra, quando da experiência de mundo que concentra e disponibiliza, pois não há limites temporais ou espaciais para um mundo feito de palavras – o exercício da liberdade que nos torna humanos. É por sua força libertária que a literatura sempre participou das comunidades humanas.

A nossa intenção ganha forças ao passo que já sabemos um caminho menos pedregoso para trilhar junto a esses adolescentes nessa experimentação e formação leitora, na aprendizagem prazerosa que a literatura de forma tão efetiva oferece. Para tanto, apresentamos para essa tarefa o círculo de leitura na medida em que Passos e Sacramento (2009), em comunicação publicada nos Anais do 17º COLE – Congresso de Leitura no Brasil promovido pela UNICAMP/Capinas-SP, apontam alguns dos benefícios:

> Os Círculos de Leitura buscam proporcionar um encontro agradável com o livro, possibilita ao sujeito adentrar a história de modo a se sentir personagem, abrindo espaço para que os participantes explicitem sua

> interpretação e possam, assim, dialogar com o texto lido, argumentando, contestando, acrescentando e até discordando.

Desta forma, os círculos amparam nossas intenções e objetivos pretendidos, ao passo que queremos não somente despertar o prazer pela leitura, mas possibilitar a interação entre leitor/texto e todos os seus elementos.

Nosso trabalho encontra respaldo nos estudos de Cunha (2010) sobre formação de leitores; Solé (1998), que apresenta proposições acerca do ensino de leitura; Chiapini (2010) sobre a literatura; Cosson (2014), que traz novos olhares sobre leitura literária e círculos de leitura; Costa (2007), que defende que o prazer pela leitura deve ser ensinado, trabalhado e experienciado para tornar-se parte indissociável das práticas sociais do aluno e não apenas um requisito para a aquisição dos conhecimentos necessários à sua convivência em sociedade; os PCN´s (1997), que trazem proposições sobre a importância do envolvimento geral da escola no ensino de leitura; Cândido (1995), que fundamenta a importância da literatura na vida do ser humano; Rouxel (2013), que discorre sobre o ensino da literatura para a formação do sujeito leitor; Bohm e Marangoni (2011), reforçando a definição de círculo de leitura; Yunes (1999), que reforça o caráter dialógico do círculo de leitura literária; Daniels (2002), com a organização de um círculo de leitura; e para respaldar nossas escolhas metodológicas, Bortoni-Ricardo (2008) e Bogdan e Biklen (1994), sobre a pesquisa qualitativa; Engel (2000) e Thiollent (2002), sobre a pesquisa-ação; e outros que trazem contribuições também significativas a cerca da temática abordada.

A organização deste trabalho está estruturada em dois momentos que se subdividem em quatro capítulos: a fundamentação teórica sobre a aprendizagem da leitura e o ensino da literatura; logo após um capítulo metodológico em que apresentamos a intervenção didática na sala de aula.

Para o primeiro capítulo, ficou reservada a parte introdutória onde informamos o leitor, de maneira, geral sobre o que encontrará em nosso trabalho, os objetivos, a justificativa e algumas informações relevantes sobre a pesquisa/intervenção bem como os aportes teóricos por nós adotados para a realização deste trabalho.

No segundo capítulo, traçamos considerações sobre o ensino da leitura trazendo as concepções vigentes na sociedade atual fazendo uma ligação com o que acontece na prática de sala de aula. Ou seja, fazemos uma comparação entre

as práticas tradicional e atual colocando em destaque os pensamentos que definiam e definem o ato de ler, pondo em relevo as metamorfoses de focos e prioridades sobre a leitura na vida do ser humano.

No terceiro capítulo, priorizamos a literatura, buscamos também confrontar teoria e prática trazendo apreciações críticas de alguns autores sobre o empobrecimento do texto literário em sala de aula ao mesmo tempo em que trazemos concepções que refletem e reiteram o poder do literário na formação humana e na aquisição pelo gosto da leitura. É aqui também que explicitamos os Círculos de Leitura Literária, trazendo sua conceituação, suas proposições e o posicionamento de alguns estudiosos e pesquisadores sobre a sua realização em sala de aula como componente fortalecedor das práticas de leitura.

Para o quarto e último capítulo reservamos os aspectos metodológicos da pesquisa, a intervenção didática e sua avaliação. Explanamos de forma sucinta os postulados de alguns autores sobre as pesquisa qualitativa, a pesquisa ação e a pesquisa interventiva, as quais se entrelaçam e nos dão nortes para a realização e execução do nosso trabalho. Colocamos de forma explícita todo o percurso da nossa intervenção que vai desde as informações sobre o público alvo, os primeiros passos e as primeiras ideias para nosso projeto, as atividades realizadas, até chegar às avaliações feitas pelos alunos através de narrativas autobiográficas, análises das mesmas e dos resultados alcançados com a nossa pesquisa/intervenção. Tudo isso, amparado à luz das teorias por nós estudadas ao longo do Mestrado Profissional em Letras – Profletras.

2 O ENSINO DA LEITURA: DA TEORIA À PRÁTICA

2.1 O QUE É LEITURA: CONCEPÇÕES ATUAIS

O capítulo vai tratar das concepções modernas que norteiam o ensino de leitura no Brasil. A princípio traremos a conceituação do que vem a ser leitura nessas concepções, uma amostra delas e suas particularidades para depois confrontarmos com as posturas práticas adotadas em sala de aula.

A preocupação e atenção dada à leitura advêm do fato de sermos conhecedores de sua funcionalidade e agenciamento de benefícios para o ser humano entre os quais merecem destaque o desenvolvimento da criticidade, a interação com meio, ampliação de informações e de vocabulário, dentre outros.

É de nosso conhecimento que, mesmo sabendo de todos esses efeitos benéficos advindos da leitura, ainda notamos que falta muito para se alcançar dados satisfatórios no que concerne ao número de adeptos da leitura, não somente em nossas salas de aula, mas no âmbito nacional.

Para se chegar ao ensino eficaz da leitura temos que ter bem claro em nossa mente respostas a alguns questionamentos como: O que é leitura? Todo tipo de leitura provoca ganhos?

Para se chegar a essas respostas recorremos primeiro ao dicionário Michaelis online de Língua Portuguesa e encontramos uma gama de definições para a palavra ler, dentre as quais destacamos:

> 1 Conhecer, interpretar por meio da leitura. 2 Conhecer as letras do alfabeto e saber juntá-las em palavras. 3 Pronunciar ou recitar em voz alta o que está escrito. 4 Estudar, vendo o que está escrito. 5 Decifrar ou interpretar bem o sentido. 6 Decifrar, perceber, reconhecer. 7 Explicar ou prelecionar como professor. 8 Inquirir, perscrutar.

Como podemos observar, o ato de ler vai além de decifrar palavras. É antes de tudo, um ato de descobrimento, de descortinamento do que está disposto aos nossos olhos. Essa definição vai corroborar com os posicionamentos teóricos sobre as concepções de leitura vigentes em nossa atual sociedade que vão nortear um ensino de leitura mais proveitoso.

Por muito tempo a leitura foi vista como mera decifração do código escrito. A definição de leitor era atribuída àquele que conseguisse desvendar o emaranhado

de letras. Porém ao longo dos anos, novos estudos foram realizados e novas metodologias aplicadas ao ensino de leitura, as quais englobam ao *status* de leitor várias outras habilidades.

Mostraremos agora algumas concepções de leitura que devem servir de base para aqueles que desejam fazer a diferença na formação leitora começando com Marisa Lajolo (1982 *apud* COSTA, 2007, p.28), ao mencionar que:

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Como podemos notar, essa discussão acerca do que seja realmente a leitura não é tão recente. A percepção da necessidade de interação com o texto e de um posicionamento diante do mesmo, está evidente nas palavras da autora e nos faz refletir sobre as concepções de leitura empreendidas em nossas salas de aula.

Atrelado a isso, começaram grandes discussões quanto à esfera responsável pela formação leitora. Seria papel da família ou da escola?

À escola foi dada a função de inserir o indivíduo no mundo das letras, dos livros e das artes literárias, assim como instruir os sujeitos para vida plena em sociedade. Dessa forma ganha relevância ainda mais o papel desta frente ao ensino da leitura da vida humana, pois como bem enfatiza Antunes (2009, p. 193):

> Na verdade, pela leitura, temos acesso à novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Ou seja, pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo.

A pretensão de colocar a leitura em lugar de destaque na escola se legitima e ganha forças visto que aquela é, sem dúvida, um instrumento de cidadania, uma poderosa fonte de poder que pode abrir portas para a ascensão do indivíduo na sociedade seja na esfera cultural, econômica ou social.

Para Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto: neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam a leitura”. Nesse

contexto, pressupomos um leitor que age mediante o texto lido, o mesmo interage, dá o seu parecer, sua contribuição ao que lê.

A concepção de leitura como interação da autora supracitada vai ao encontro do que postula Gonçalves (2008, p. 136) ao mencionar que:

> Não basta aprender a ler, é necessário aprender com o que se lê: necessário interpretar os conteúdos e atribuir-lhes significado, para que a leitura, enquanto exercício de inteligência, cumpra o seu papel.

Dessa forma, vemos que fica obsoleta a ideia de leitura como decifração e, consequentemente, de leitor enquanto decifrador do código escrito.

Para Martins (1997, p. 44):

> Leitura não se reduz à simples descodificação do texto; ela é uma atividade de interação que envolve técnica, capacidade intelectual, experiência, sensibilidade, postura crítica sistemática e determinadas associações que só podem ser adquiridas através da prática, o que a transforma num processo de interlocução entre o leitor e o texto, onde intervém o intelecto e as emoções num “continuum” de compreensão e aprofundamento.

Em consonância com esse pensamento trazemos Azevedo (2006, p. 33), que declara: “O ato de ler implica comunicar, entrar em diálogo com o escrito: concordar, discordar, conseguir informações necessárias para realizar algo, obter distração, prazer, companhia”. Com esse autor entra a questão das sensações prazerosas provocadas pela leitura quando o leitor se entrega ao texto.

Trazemos também para nossa discussão os postulados dos PCN’s sobre leitura (BRASIL, 1998, p.41) na qual declara que a leitura:

> [...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto [...] não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão.

Dessa forma, a leitura é um dos meios mais importantes para que novas aprendizagens aconteçam, para que haja a construção e o fortalecimento de ideias e ações.

Observamos que os conceitos de leitura aqui apresentados têm em comum a função social, a interação promovida através dela e dos sujeitos leitores que a buscam como fonte de aprendizado e prazer.

Porém, ninguém nasce gostando de leitura, e, de acordo com Cunha (2010, p. 02):

> A formação do leitor se dá ao longo da vida, uma vez que o indivíduo, desde que nasce, está em permanente contato com os diversos espaços, linguagens e leituras que vão ajudando a desenvolver a sua pessoalidade e desenvolver os seus sentidos. O leitor vai se construindo aos poucos, passando por diversas fases e por múltiplas instituições sociais.

Sobre a importância da motivação leitora nos respaldamos em Solé (1998, p. 43), que declara:

> Não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.

A motivação pela leitura pode acontecer por várias maneiras. Vai desde relacionamento pessoal do professor com a mesma, passando pelos textos e suportes usados em sala de aula, culminando com estratégias que suscitem o interesse, já que para que o aluno se sinta envolvido em uma atividade, este necessita encontrar sentido naquilo que faz e sentir entusiasmo em tal tarefa.

Gonçalves (2008, p. 135) partilha dessa ideia ao afirmar que “o professor pode contribuir para tornar a criança um leitor apto, e mais do que isso, um amante da leitura”.

Nesse sentindo, o sucesso na formação de leitores depende de maneira substancial da escola, pois como bem mostra Costa (2007, p. 96), “Aprender a ler requer que se ensine a ler. O modelo de leitor oferecido pelo professor e as atividades propostas para o ensino e a aprendizagem da leitura não são um luxo, mas uma necessidade”.

Com essas palavras a autora ratifica mais ainda a responsabilidade do professor enquanto mediador, bem como sua competência para a mobilização da leitura em sala de aula.

Os PCN’s – Parâmetros Curriculares Nacionais, nas suas proposições (1997, p.58), também compartilham esse pensamento ao assinalar que:

> Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço.

Portanto, agora mais do que nunca é imperativo incentivar o hábito da leitura em todos os níveis de ensino e em todas as classes sociais, popularizando o acesso aos livros e aos textos em geral. Isto, para podermos então ter uma sociedade leitora, consciente, atuante, informada e que tenha prazer ao realizar esse ato tão imprescindível ao desenvolvimento humano. Logo, se houver leitura, haverá mudanças positivas e crescimentos nas diversas situações, e consequentemente, o alargamento dos rumos de nossas vidas.

Quanto à magnitude da leitura, deve-se à escola a maior parcela de responsabilidade pela expansão da apropriação desta, isso não resta dúvidas. Antunes (2009, p. 201) deixa claro essa questão ao declarar que “formar leitores, desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem que priorizar e não pode sequer protelar.” Mas esse envolvimento seria apenas nas aulas de Língua Portuguesa? Essa disciplina daria conta sozinha de formar o sujeito leitor? A resposta a esses questionamentos nos é dada ainda por Antunes (2009, p. 194) ao mencionar que:

> Primeiro, a leitura deixaria de ser considerada como uma atividade exclusiva da aula ou do professor de português, como tem parecido alguns; segundo, a leitura de textos de outras disciplinas adquiririam teor de ‘fonte de informação’, matéria-prima para futuras interações em que o conhecimento especializado de algum tema fosse solicitado.

Também sobre o engajamento da escola na formação de leitores Alves (2013) vai nos mostrar que, para cumprir seu papel na construção de valores, da identidade e dos hábitos de leitura, a mesma deve trabalhar sistematicamente com a leitura e envolver não somente todos os professores e alunos, mas também a administração. Ou seja, todo o corpo escolar deve engajar-se no processo de formação de leitores.

Em suma, o que temos notado até aqui é que a leitura já não é mais vista como uma prática passiva de recepção de textos. Mas tida como um processo de compreensão e atribuição de sentidos, uma interação mútua entre o leitor e o texto, onde o leitor está autorizado a se posicionar, interpretar e interagir atribuindo seus

pontos de vista e suas leituras ao texto e que toda a escola e não somente o professor de língua portuguesa tem o dever de agenciar a formação leitora.

2.2 A LEITURA EM SALA DE AULA

Até aqui vimos como teoricamente o processo de ensino deve trabalhar com a leitura em sala de aula, as concepções que devem servir de norte para o ensino de leitura. Mas será que na prática estamos agenciando a leitura dessa forma? Formamos mesmo leitores? Como está a questão da leitura em nossas salas de aula?

Neste tópico procuramos responder a esses questionamentos descortinando o ensino de leitura como acontece na maioria de nossas escolas.

Primeiro começaremos mostrando dados de algumas pesquisas realizadas a respeito dos leitores e seus níveis de leitura encontrados no livro Retratos da leitura no Brasil 3 (2012), que é uma iniciativa do Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência. Este traz os resultados de uma pesquisa de abrangência nacional sobre a situação da leitura no Brasil, mostrando os avanços alcançados até aqui e os desafios a serem solucionados.

De maneira geral, segundo Failla (2012, p. 30):

> Os índices de leitura: 4,7 (2008) ou 4 (2012) ao ano, incluindo os didáticos – ainda são muito baixos. Se compararmos esses indicadores com os de outros países ibero-americanos – que desenvolveram a pesquisa seguindo a mesma metodologia proposta pelo Cerlalc – percebemos que o Brasil, com 4 livros lidos/ano, está melhor do que o México (2,9) e a Colômbia (2,2), mas lê menos do que a Argentina (4,6); o Chile (5,4) e menos da metade do que se lê em Portugal (8,5) e Espanha (10,3).

Com base nos dados podemos dizer que quantitativamente, estamos razoáveis, já melhoramos bastante em relação aos anos anteriores. Mas quanto ao conteúdo lido, que tipo de texto está entre as leituras mais realizadas pelos brasileiros? Segundo Failla (2012, p. 39): “Sem dúvida, a Bíblia é o mais lembrado. Foi citada por 42% dos leitores (aqueles que leram pelo menos um livro nos últimos três meses), como o último livro que leram ou estão lendo, o que representa 41,1 milhões de brasileiros”.

E a escola, como está agindo diante desse quadro? Ela está cumprindo seu papel de agente na formação de leitores? Quais textos prioriza? Acerca da competência da escola Rosing (2012, p. 94) declara:

> A escola enquanto instituição, no entanto, tem-se revelado frágil na tarefa de formar leitores. Lacunas na formação dos professores enquanto leitores e a inconsistência dos raros programas de formação de mediadores de leitura desenvolvidos resultam numa inoperância da escola na direção de transformar o Brasil num país de leitores.

Lois (2010, p. 37) também compartilha do pensamento de que a escola não tem contribuído de maneira tão eficaz para o desenvolvimento do leitor, bem como para a aquisição do gosto pela leitura na medida em que declara que:

> Ao entrar na escola, a leitura tende a mudar de roupagem. Gratuidade e leveza se perdem, dando espaço a metodologias, técnicas e cobranças. Sem a motivação do prazer, abandonam-se o interesse e a curiosidade.

Dessa forma, a escola, definitivamente não está cumprindo seu papel de mediadora de formação de opinião, nem instigando práticas de leituras prazerosas.

A negação desse papel e o não envolvimento do aluno com a leitura na maioria das vezes se dá, segundo Kleiman (2012, p. 22) devido ao fato de que:

> Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

Esse tipo de ensino de leitura, conforme a autora (2012), advém do fato de a escola ainda sustentar e perpetuar concepções de texto e leitura pautadas no ensino tradicional. Em metodologias que ainda consideram o texto como um conjunto de elementos gramaticais e como repositório mensagens e de informações. E, ainda, como decodificação e como método de avaliação deixando de lado a legitimidade do texto e da leitura, o que culmina na formação de um leitor passivo que não consegue posicionar-se mediante o texto e acomoda-se com essa situação em toda sua vida escolar.

Um dos elementos que contribui para desencadear esses moldes de ensino de leitura é o livro didático que em sua maioria não condiz com as concepções de leitura atuais, conforme afirma Kleiman (2011, p. 155):

> O professor, trabalhando em condições precárias, não conta com material didático adequado, isto é, material baseado em concepções adequadas de linguagem, leitura e aprendizagem, também a própria prática do professor muitas vezes apenas ecoa o livro didático, assumindo essa inadequação.

Barros e Tamanini (2007, p. 1869) apoiam o entendimento de Kleiman sobre a inadequação de algumas propostas do livro didático ao mencionar que:

> As atividades propostas pelos livros didáticos não proporcionam ao aluno muitas questões de interpretação e retenção. Dá-se mais ênfase nas questões em que o aluno deve responder aquilo que o autor quis dizer explicitamente ou interpretar o que estava implícito, sem dar muita abertura ao aluno expressar suas opiniões sobre o assunto, estando ele de acordo ou não com o que o autor ou o professor pensa.

Desse modo, o ensino da leitura fica prejudicado na medida em que não provoca a reflexão, a busca pelo que está por trás do texto, nem do posicionamento crítico frente ao mesmo, o que acarreta um ensino errôneo da leitura. Conforme afirma Graça Paulino (2001, p. 27):

> A escola, que se pretende democrática, na verdade, também exclui, pois mesmo os alunos que têm acesso a ela sofrem, muitas vezes, um tipo velado de exclusão. Isso porque a inscrição do sujeito leitor se faz controlada e dirigida. Ele é instado a confessar aos outros a sua leitura e a corrigi-la na direção do consenso. Dessa forma, pode-se observar um controle do imaginário que se faz continuamente em nome da aquisição do conhecimento. Daí resulta um conhecimento construído sem imaginação e sem investimento pessoal do leitor.

Nesse sentido, concordamos com as proposições dos PCN's (1998, p. 71), ao apontar que "formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura".

Esse posicionamento sobre o ensino de leitura vai ao encontro do pensamento de Kleiman (2011, p. 151-152) na medida em que a autora afirma que:

> Ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela previr o conteúdo, maior será a sua compreensão; é ensinar a criança a se autoavaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – linguísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.

Portanto, está evidente a relevância do papel da escola na formação de leitores e o caráter dialógico e emancipatório da leitura. Mas que, muitas vezes esta deixa a desejar por falta de práticas adequadas de leitura as quais muitas vezes priorizam textos que não condizem com a realidade dos alunos, nem despertam a emoção e o prazer dos mesmos. Isto por utilizar apenas textos instrucionais e informativos descontextualizados, deixando de lado uma poderosa ferramenta no despertar do gosto pela leitura que é a literatura. Esta, em sua maioria, é trabalhada de forma fragmentada, como pretexto para o ensino gramatical ou cobranças avaliativas, como evidencia Kleiman (2012, p. 22-23):

> Devemos lembrar que, para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas estórias que nossa mãe nos lia antes de dormir. [...] Letras, silabas, dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, 'dificuldades' imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entravando assim o caminho até o prazer.

Dalvi (2013, p. 90-91) mostra que esse entrave ou desvio das funções da leitura literária se dá em grande parte, entre outros fatores, a inconsistências no material didático, muitas vezes única fonte de pesquisa do professor, ao mencionar que:

> Os livros didáticos, normalmente, apresentam retoricamente uma desmistificação, mas, ao mesmo tempo, e com ainda mais incisividade, uma a decantação do literário e, particularmente, do poético, como ligados à intuição, à individualidade e à subjetividade, em desarticulação com o campo da vida. [...] A arte, assim, despede-se de sua possibilidade mais instigante – e a seleção de textos veiculada pelo livro didático não passa de uma colcha de retalhos mal cerzida, pálida cópia do discurso potente que insubordina contra a categorização e o enquadramento.

Dessa forma a leitura literária fica reduzida ao estudo mecânico de lista de autores e obras de determinados períodos literários, esvaziando assim o contato legítimo com a obra e toda a gama de percepções que esta venha a oferecer ao leitor.

Enfim, concordamos com Lois (2010, p. 18), quando ela declara que:

> Se ao ensinar a ler, a escola limitar a criança na reprodução e repetição daquilo que já existe, sem o devido incentivo para a construção de um pensamento crítico e renovador, ela estará promovendo seu estudante ao

> lugar de analfabeto funcional: aquele que decodifica a escrita, sabe ler; mas não possui competências para utilizar essa técnica na sua prática diária.

Tendo em vista as abordagens aqui colocadas e sendo conhecedores de concepções mais apropriadas para o despertar e o aprimoramento da leitura, percebemos a necessidade de, a escola, de uma forma geral, procurar se engajar na busca de uma formação leitora mais eficiente de forma a pautar-se em concepções que visem a interação e a participação ativa do aprendiz no processo de ensino/aprendizagem. Isto para que se formem realmente leitores e a escola cumpra o seu papel de educar para a vida em sociedade de forma plena e digna.

3 O ENSINO DA LITERATURA: PRÁTICAS E REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO LEITORA

Neste capítulo, vamos apresentar as concepções teóricas que norteiam o ensino de literatura fazendo uma reflexão sobre o ensino proposto pelos estudiosos e aquele que encontramos na maioria das nossas escolas. Ou seja, trataremos sobre a discrepância entre a prática do ensino da literatura na escola e as concepções dos estudiosos atuais para o mesmo. Entre essas práticas ideais para a apreciação da literatura em sala de aula trazemos uma metodologia particular que são os círculos de leitura literária.

3.1 A LITERATURA QUE TEMOS *VERSUS* A QUE QUEREMOS

Trataremos agora de trazer para nossas discussões algumas concepções acerca do ensino de literatura, quais as contribuições da literatura para a vida e a aprendizagem do ser humano e como esse ensino vem sendo desenvolvido em nossas salas de aula. Isto, por percebermos que o texto literário abre caminhos tanto para a iniciação leitora, quanto para a formação de leitores mais críticos. Nossa concepção literária vai ao encontro do posicionamento de Cândido (1995, p. 242), quando diz que:

> A literatura aparece claramente como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação.

Dessa forma, acreditamos que é através da literatura que a leitura se consolida, na medida em que desperta no leitor sentimentos, emoções, novas visões de mundo e de reflexão sobre a vida e as venturas e desventuras a qual estamos expostos.

Há todo um processo para se chegar à leitura plena, isto é, uma leitura que vá além do que está posto, que provoque inquietações e posicionamentos por parte do leitor. Para que a descoberta e aperfeiçoamento da leitura aconteçam ainda na fase escolar das nossas crianças e adolescentes faz-se necessário a influência de adultos. Sendo assim, os pais e professores são muito importantes à medida em que

o indivíduo precisa de estímulos para interiorizar o gosto pela leitura. Segundo Vygotsky (1987), as pessoas aprendem primeiramente pela imitação, ao ver outros realizando alguma atividade. Daí a necessidade de o professor, especialmente, de Língua Portuguesa demonstrar o apreço pela leitura, procurando sempre dar à mesma um lugar especial em sua sala de aula e estar pautado em concepções e metodologias que realmente propiciem ao educando não somente uma compreensão daquilo que foi lido, mas também um prazer, um querer mais, um agir no e sobre o texto. Caso contrário, contribuiremos apenas para o alargamento da lacuna existente entre aluno/leitor, bem como não estará sendo cumprindo o papel da escola de mediar a formação de cidadãos críticos e reflexivos, e, acima de tudo bons leitores.

Com as colocações de Abreu (2003 *apud* ROJO 2009, p. 50), despertamos ainda mais para a importância e o tratamento dado à literatura em sala de aula. Na medida em que, mediante pesquisas já realizadas declara: “aqueles que apregoam a crise na leitura não pensam na leitura em geral, e sim na leitura de certo tipo de livros – aqueles que formam a tradição erudita nacional e internacional”. Faz-se aqui uma alerta para reflexão sobre o que estamos ensinando, e sobre o acarreta essa “crise” leitora em nossas escolas.

Nessa perspectiva, é que procuramos se não mudar, mas ao menos tentar resgatar a leitura literária em nossa sala de aula. Isso através de círculos de leitura literária por percebermos que esta é capaz de ser compreendida e apreciada pelas crianças, uma vez que os textos literários são carregados de fantasias delicadas e arte no enredo, além de fatores que se adequam inteiramente aos interesses da criança em certas idades.

Chiappini (2007, p. 22-23), ilustra bem esse pensamento ao fazer uma apreciação sobre a literatura quando diz que:

> A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação.

Diante disso, salientamos a amplidão pela qual perpassa a literatura, bem como sua incontestável importância na formação pessoal, crítica e social do aluno na medida em que a leitura literária leva-o a transitar por diversos mundos e realidades distintas.

Baseados nesses pressupostos, e pensando nos benefícios que a literatura, sob essa nova perspectiva proporciona, é que damos ao texto literário um lugar privilegiado em nossas aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que, por serem textos que transitam entre as crianças desde cedo e por tratarem de conflitos universais, ajudam os mesmos a entenderem melhor os problemas da vida real. E, por isso, fazem uma ponte entre os percalços enfrentados pelas personagens desses textos com os vivenciados por muitos dos nossos alunos atualmente.

Consideramos que a literatura possui uma relação bastante abrangente com o conhecimento formado pelo ser humano. Com o auxílio dela, o professor tem a oportunidade de abordar diversas áreas do conhecimento, instigar as mais diversas reflexões e aprendizagens passando entre real e o simbólico, para que, munido de informações acerca das temáticas discutidas, o educador proponha empreitadas envolventes que mobilizem seus alunos para atividades de investigação, de criação e exploração de suas próprias capacidades.

Por meio da literatura, o aluno satisfaz suas necessidades, sendo-lhe permitido assumir uma atitude crítica em relação ao mundo advinda das diferentes mensagens e indagações que a mesma oferece. Não é uma tarefa fácil tendo em vista os inúmeros desafios enfrentados pelos professores para concretizar esses objetivos, já que em nossa atual sociedade há uma batalha desigual entre as inovações tecnológicas que a mesma dispõe, as quais são bem mais atraentes para as crianças e adolescentes, do que os meios que a escola disponibiliza. Entretanto, devemos encarar essa realidade como uma forma de desafio e aprendizado e procurarmos fazer da melhor maneira possível uma ponte entre essas realidades na busca por educação e promoção leitora de qualidade.

Dessa forma, faz-se necessário um trabalho mais primoroso das maneiras de se trabalhar com os recursos disponíveis, já que sabemos o quanto é importante o papel mediador do professor, pois será de sua responsabilidade proporcionar aos alunos espaços adequados de leitura, transformando estes em situações prazerosas de aprendizagem.

Baseados em Cândido (1995, p. 256), somos levados a refletir de modo mais aprofundado sobre a importância da literatura em nossas vidas, à medida que ele argumenta:

> A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Mesmo sabendo de todo esse poder restaurador que a literatura exerce sobre quem a busca e a tem como companhia, há ainda muito a ser feito para a sua expansão e apreciação em sala de aula para a formação de leitores. A começar pelas propostas de ensino, é grande a nossa preocupação com o fato do quase desaparecimento do texto literário nos livros didáticos atuais, bem como a falta de preparação adequada do professor para atuar nessa área de ensino. E como bem expressa Vilela (s./d.) p. 635:

> O primeiro objetivo a que os professores de literatura se devem propor é o de ensinar a ler: ler com inteligência e finura, ler criticamente – é uma arte difícil. Mas para ensinar a ler, para administrar sabiamente o veneno da literatura, é preciso que os professores amem literatura: não se pode conhecer, nem estudar, nem ensinar, nem viver, aquilo que, no fundo e em verdade, não se ama.

Assim sendo, torna-se imprescindível não somente persuadir os alunos quanto ao gosto pela literatura, mas fazer uma reflexão e tomar uma postura de leitor, enquanto professor, a fim de que se possa mediar de forma coerente a formação leitora.

Sobre a leitura literária Isensee (2004, p. 24) declara:

> Em primeira instância, a leitura literária caracteriza-se como uma atividade intelectual de excelência humana que envolve vários aspectos, como afetivo, cognitivo, lúdico, intelectual. Noutro caminho, o processo da leitura literária constitui-se numa atividade social que exige a construção de habilidades de leitura, não inatas ao homem.

Com isso percebemos a importância de trazer o texto literário para nossas salas de aula e promover o encontro prazeroso e reflexivo do leitor com esse texto. Mas será que na prática acontece realmente esse encontro? O que vemos, na maioria das vezes, são apenas fragmentos que pouco contribuem para o interesse e

formação leitora de nossos alunos. Cosson (2014, p. 13) evidencia esta realidade ao dizer:

> Os próprios livros didáticos, que se antes continham fragmentos de textos literários, hoje são constituídos por textos os mais diversos. As antologias dos livros didáticos de Língua Portuguesa, espaço tradicionalmente destinados à literatura na escola, são agora fragmentos recortados, adaptados ou condensados de gêneros, modalidades, contextos culturais e temas que passam ao largo da literatura.

Com essa fragmentação e esse pouco espaço atribuído à literatura fica difícil despertar em nossos aprendizes o gosto pela leitura bem como, a aquisição dos ganhos trazidos por esse tipo de leitura, que são muitos.

Outro aspecto considerado negativo que merece destaque em se tratando do uso do texto literário em sala de aula é evidenciado por Amarilha (2006, p. 73) ao afirmar que “utiliza-se o texto literário para fazer exercícios de gramática, para enriquecer o vocabulário, para estímulo redacional, esquecendo-se ou ignorando-se que a leitura de literatura é uma atividade produtora, receptiva e comunicativa em si”.

Desse modo, o propósito da literatura fica esfacelado, pois Isensee (2004, p. 26) nos mostra de modo explícito o verdadeiro papel da leitura literária quando diz que:

> A função da leitura literária não está apenas no adquirir um código ou o simples desenvolvimento de um tipo de percepção, por aprender a ler a função da leitura literária é ter acesso a um mundo distinto, propiciando o processo de formação global do indivíduo, permitindo a sua atuação no mundo real. Portanto, ler, caro leitor, se resumido a um simples ato de aquisição e decodificação, não nos daria a eventual e inesquecível experiência da viagem. Seria como se, após ler todas as páginas de um livro, nada que ali estivesse, ficasse internalizado. E se assim o fosse, qual seria o objetivo da leitura literária? Supomos, nenhuma.

Ainda sobre o ensino de literatura, Rouxel (2013, p. 20) declara:

> Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra.

Dessa forma, a literatura torna-se cada vez mais essencial, não somente no contexto escolar com objetivos bem definidos, mas na vida do indivíduo por abrir caminhos para uma boa formação intelectual e social do ser humano. A obra literária é uma ponte para mundos inimagináveis, para descortinamento dos dilemas sociais e dos sentimentos humanos. Conforme expõe Isensee (2004, p. 41):

> Pensar a Literatura como uma estrada repleta de bons motivos para a nossa formação, é entender que ler uma obra literária será um imenso privilégio. Lança-nos pontes incontáveis de contato com os grandes gênios da Literatura. Seria nesses momentos visitando através de suas páginas, pessoas, lugares, obstáculos, um momento de acordar para problemas fundamentais da vida humana. Transformadas em parceiras, Literatura e Formação caminhariam entrelaçadas, construindo, destruindo, remontando e edificando atitudes mais conscientes e menos medíocres. Pode-se afirmar que a literatura mostra sua eficácia como instrumento de formação do ser por estar diretamente ligada a uma atividade básica do indivíduo em sociedade: a leitura.

A partir do exposto, podemos reafirmar a grandiosidade da literatura e seu conjunto de benfeitorias na formação leitora, se trabalhada de forma adequada, pois este tipo de leitura contribui para instrução do leitor crítico. Isto é posto em Santos e Paiva (2012, p. 4):

> A literatura vem solidificar o espaço da leitura na escola enquanto formação de leitores, sendo assim, torna-se importante que o educador não dê a todos os gêneros textuais um caráter utilitário, porque o prazer de ler está relacionado ao prazer de criar novas situações, de adentrar por meio das histórias infantis, num mundo diferente, num mundo de sonhos e ações dos personagens, desmistificando preconceitos, relacionando fatos com sua própria vida, pensando assim, uma forma de tornar o mundo compreensível e mais humano. A literatura, ao nos convidar para o contato com diferentes emoções e visões de mundo, proporciona condições para o crescimento interior, possibilitando a formação de parâmetros individuais para medir e codificar seus próprios sentimentos e ações.

Há, então, a necessidade de repensarmos sobre como se ensina quando tratamos de literatura, se as nossas crenças e concepções de fato permitem esse crescimento intelectual ou se apenas estamos reforçando concepções tradicionais pautadas no ensino de formas e estilos, autores e épocas, que pouco contribuem para a formação e apreciação literária de nossos alunos.

Santos (2011, p. 79), apresenta de forma bastante explícita uma situação que é recorrente no tocante ao ensino de literatura em nossas salas de aula. Na tentativa de inserir a literatura no cotidiano do estudante, acaba por afastá-lo na medida em que impõe leituras. Vejamos:

> Obrigar o aluno a ler dois, quatro, seis livros por ano, fazê-los preencher as fichas de leitura e dar-lhes notas através de avaliações formais pode distanciá-lo ainda mais da leitura, pois esses procedimentos não estimulam o leitor a ir além do que a escola cobrará dele. Ler deve ser um processo de (auto) descoberta individual, particular.

É evidente que para a apreciação do texto literário ou qualquer outra tipologia textual faz-se necessário um contato mais aprofundado, mas se queremos despertar o gosto e o prazer pela leitura, a obrigatoriedade, a leitura sem objetivos definidos não vai favorecer a esse propósito.

Paulino e Cosson (2009, p. 74), também defendem a convivência com o literário, mas com propostas contrárias ao que geralmente vemos nas nossas salas de aula. “O letramento literário requer o contato direto e constante com o texto literário. É, aliás, esse o sentido básico do letramento literário. Sem esse contato a vivência da literatura não tem como se efetivar”. Desse modo, é urgente a mudança de postura quanto à literatura não só do professor de português, mas de toda a escola para que esse contanto com texto se efetive de forma plena.

Ainda esses mesmos autores (2009) propõem um lista de práticas que podem ajudar na adoção de práticas literárias mais eficazes em sala aula, onde em primeiro lugar citam a criação de uma “comunidade de leitores” para que possa circular por essa comunidade uma variedade de textos; a ampliação e a consolidação da relação do aluno com a literatura que pode ser feita colocando o aluno em contato com os mais variados tipos e formas de textos; também é muito relevante a mediação do professor no sentido de despertar o gosto pela leitura literária fazendo uma seleção de textos ligados à vida social e a história de vida dos alunos; e por último, dar lugar também à escrita para que o aluno se aproprie dos textos e de seus recursos. Enfim, essas práticas dão um norte de como se pensar e planejar um envolvimento mais profundo com a literatura.

Os PCN’s (1998, p. 27) já trazem em suas abordagens um alerta sobre as particularidades do trabalho com texto literário ao mencionar que:

> O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as

> particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Ainda sobre esse mesmo assunto (p.71), destacam:

> Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural.

Dessa forma, percebemos que o gosto pela leitura literária acontece de forma gradual e o professor deve trabalhar de forma que possibilite esse contato gradativo e estimulante para que o aluno sinta-se motivado e capaz de aprofundar suas leituras, pois como afirma Amarilha (2006, p. 54), “ler literatura é uma atividade experiencial, isto é, propicia ao leitor vivenciar emoções, situações, sentimentos sobre os quais passa a ter algum conhecimento, passa a ter certeza sobre alguma coisa”.

Pinheiro e Ramos (2013, p. 31) também partilham do entendimento de Amarilha sobre o papel da literatura na formação humana através das vivências singulares que esta proporciona ao mencionarem que:

> Ler literatura seria uma forma de educar pela experiência, já que a educação literária considera o sujeito na sua individualidade e particulariza modos de acesso ao conhecimento, propiciando e atualizando vivências e construindo saberes a partir delas. Em síntese, a presença da leitura literária na escola e por extensão na vida dos sujeitos seria uma forma de contribuir efetivamente para uma educação emancipatória.

Conforme o que temos visto aqui, fica evidente a importância da literatura, não somente na formação leitora do individuo, mas também na vida pessoal de cada um na medida em que a mesma põe em foco temas e dilemas que despertam a emoção, a reflexão, bem como a posição dos leitores frente aos fatos abordados.

Vimos também que, mesmo sendo sabedores de todos esses conhecimentos muitas escolas e professores não dão a merecida importância e tratamento adequado à literatura em suas salas de aula, o que de certa forma, prejudica não somente a formação leitora, mas a formação de cidadãos mais críticos e participativos.

Na tentativa de melhorar esse quadro e de proporcionar um ensino condizente com as demandas sociais e com a nossa formação enquanto educadores comprometidos com práticas que auxiliem na formação leitora é que empreendemos os círculos de leitura que serão explicitados a seguir.

3.2 OS CÍRCULOS DE LEITURA LITERÁRIA

Nossa ponte norteadora para o estudo e trabalho em sala de aula com os círculos de leitura literária tem como inspiração Rildo Cosson (2014), mas também traremos concepções de outros autores que apoiam essa prática para enriquecer e validar ainda mais nossas discussões e pretensões para com a nossa intervenção. E para adentrarmos no universo do círculo de leitura começamos com a definição Bohm e Marangoni (2011, p. 146) sobre a origem do nome:

> O nome da atividade também faz alusão ao leiaute da sala, por acreditar-se que, desta forma, a palavra e os sentimentos também circulam com mais facilidade e fluência. O círculo em movimento propõe que se dê o passo, insinua um ritmo coletivo, ampara a queda, se alguém tropeçar. No círculo, todos se movem, podem contemplar-se mutuamente e trocam sucessivamente de lugar. As mãos dadas submetem a solidão e, ao menos naquele momento, amparam-se no roda mundo, roda vida. Por tais aspectos, a organização em círculo exprime a proposição de leitura solidária que foi concebida.

Como podemos perceber o círculo de leitura remete a uma prática onde todos se ajudam e se complementam, não existindo hierarquização de saberes. Todos formam um grupo com objetivos determinados.

Isso é posto também em Yunes (1999, p. 21) quando declara:

> Ler em círculo é não se deixar andar (falar) em círculos. É abrir-se para as leituras dos outros enquanto lhes facultamos as nossas. Daí para o diálogo que faz crescer leitores é um passo. Para dentro da leitura. A novidade não está na leitura em círculo, mas em fazê-lo para aproximar leitores na troca de suas interpretações – sobretudo tratando-se de sujeitos que, via de regra, foram educados a silenciar –, no intuito de favorecer a experiência de *dizer* e *dizer-se*, sem constrangimentos, temores, disputas e exibicionismos.

Com essas palavras reforça-se ainda mais o caráter dialógico do círculo de leitura o que enriquece de maneira substancial a formação leitora e a abertura para a fruição de reflexões e a manifestação de opiniões por parte dos leitores, conforme é visto também com Souza (2012, p. 100-101):

> Um círculo é um espaço onde a leitura cheira a liberdade, sem o ranço teorizante das salas de aula, nem a presença de um erudito centralizando as discussões. Os participantes têm sua voz respeitada e ouvida. Ao mesmo tempo, é solicitado de seus participantes/leitores compromisso com a existência e o funcionamento da atividade, pois não basta ter vontade, é preciso que, num espaço de construção coletiva de sentido, todos conduzam o timão de sua formação.

Corroborando com a nossa discussão Cosson (2014) também vai mostrar que os círculos de leitura se constituem em uma comunidade de leitores que buscam a atualização, definição e transformação das regras e convenções da leitura. Constituem-se também como uma forma de interação social onde as práticas de leitura ganham a especificidade e concreticidade dos gestos, espaços e hábitos. Com essa prática, os leitores interagem entre si e se identificam mediante seus interesses e objetivos de leitura.

Trazemos ainda Yunes (1999, p.19) acerca da simetria dos participantes do circulo quando diz que “os círculos de leitura se propõem assim – todos se acham em igual distância de um centro, que não é nunca o professor [o leitor-guia, ou outro participante qualquer], mas o texto, o filme, o quadro, a crônica, a reportagem, o documentário que se lê”.

Sobre os frutos benéficos advindos da prática dos círculos de leitura, Cosson (2014, p. 139) afirma:

> O círculo de leitura é uma prática privilegiada. Primeiro, porque, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas e tradições. [...] Depois, porque a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas. [...] Por fim, porque os círculos de leitura possuem caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada.

Com base no exposto, percebemos o quão importante é essa prática, pois contribui não apenas para a formação leitora e o aprofundamento literário, mas principalmente, para construção do ser humano enquanto ser social que deve conviver harmonicamente com os seus semelhantes e comportar-se ativamente frente aos desafios que lhes são impostos.

Souza (2012, p. 101) reforça nossas considerações ao afirmar que:

> Além da sedução pela literatura e da humanização promovida pela atividade dos Círculos, há, também, a questão da formação, servindo como lugar no qual se apresenta e discute o repertório de leitura de cada participante, que nesse momento são reelaborados, cotejados e imersos em outros contextos trazidos pelos demais participantes.

Temos com Yunes (1999, p. 20), a afirmação de nossas pretensões ao propormos o trabalho com os círculos de leitura, na medida em que esta argumenta:

> O que se quer alcançar com o Círculo de Leitura é a descoberta da condição de leitor e uma qualificação maior para a leitura, por conta mesmo da troca, do intercâmbio, da interação de vivências e histórias de leitura – segundo o repertório de cada um.

Em meio a essas assertivas, entendemos que a participação ativa do leitor e a troca de experiências no grupo são de grande relevância para o seu processo formativo na qual todos têm o direito de ouvir e ser ouvido, criticar e ser criticado, conforme nos mostra Souza (2012, p. 103) ao dizer que “não há imunidade para os participantes de um círculo. É também um espaço de crítica, onde ninguém está a salvo de contestação”.

Esse mesmo autor (p. 104) ainda acrescenta que:

> Estando em um círculo, este leitor experimenta mais, confronta imediatamente suas impressões, sentimentos e inferências com as produções dos demais sujeitos da leitura, adotando, rejeitando ou incorporando parcialmente tais construções, situação que um leitor solitário só pode experimentar em um espaço tido como apropriado (congresso, sala de aula, encontro com amigos que tenham o mesmo interesse), muitas vezes, com o distanciamento do texto, utilizando-o ilustrativa ou didaticamente, ou tendo uma figura centralizadora, que, por mais democrática que seja, inibe determinadas intervenções que só aparecem quando nos percebemos entre iguais.

Trazemos Cosson (2014, p. 155), para fechar nossa discussão acerca da contribuição dos círculos de leitura para a formação leitora e pessoal do ser humano. Este enfatiza que:

> Os círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos.

Quanto à estrutura, trazemos também o modelo proposto por Cosson (2014), no qual há uma distinção dos círculos de leitura em três tipos: o estruturado, o semiestruturado e o círculo aberto ou não estruturado. Sendo o primeiro o mais indicado para se desenvolver na escola por permitir o estabelecimento de uma estrutura com papéis definidos para cada integrante, com roteiros, atividades de registros, dentre outros que colaboram para um trabalho mais efetivo e proveitoso, tendo em vista que os alunos têm uma relação ainda imatura com a leitura e precisam estar bem dirigidos para conseguirmos a uma maior solidificação do trabalho. Só com a maturidade e a apropriação das leituras poderemos chegar a realizar os outros tipos de círculos.

Vale também salientar que os círculos poderão se dar não apenas com a leitura da escrita, mas com vários outros tipos de obras e artes.

Ressaltamos que, a priori, trabalharemos com o círculo de leitura estruturado em razão de ser um trabalho em sala de aula e ao grau de maturidade de nossos leitores ainda precisar constantemente da mediação e da interação com o professor para que as leituras e a organização das atividades se deem de forma mais eficiente e produtiva.

A escolha do gênero literário se deu, conforme já mencionamos no capítulo anterior, entre outros fatores, devido ao fato de que “a leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade”. (COSSON, 2014, p. 50) E ainda porque esse mesmo autor (p. 50) acrescenta:

> A leitura literária nos oferece a liberdade de uma maneira tal que nenhum outro modo de ler poderia oferecer, pois a experiência da literatura é um modo único de experiência, uma expansão das fronteiras de nossos próprios sentimento e mundos, vividos por meio de nós mesmos.

E se ainda resta alguma dúvida ou receio quanto ao caráter formativo desse tipo de leitura/texto citamos ainda Cosson (2014, p. 51):

> A literatura é formativa porque ela nos forma como leitores e como sujeitos da nossa leitura, afinal construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler, todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser.

Dessa forma, entendemos que é possível e necessário que o professor busque através do texto literário empreender em sua sala de aula, práticas de leitura que favoreçam a aquisição do gosto pela leitura e consequentemente um maior desenvolvimento intelectual e crítico de seus aprendizes.

Em consonância com o que explicitamos até aqui, traremos no capítulo seguinte os passos e resultados da metodologia utilizada em nossa pesquisa/intervenção.

4 A INTERVENÇÃO DIDÁTICA

4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA INTERVENÇÃO

Neste item, apresentaremos os procedimentos metodológicos que serão empregados em nossa pesquisa intervenção em sala de aula especificando o tipo, o método, assim como os procedimentos adotados para a construção da pesquisa e análise dos dados trazendo o posicionamento de alguns teóricos sobre a pesquisa qualitativa, a pesquisa ação e a pesquisa intervenção. Traremos informações sobre o nosso campo de pesquisa e os sujeitos alvo, bem como todos os passos, procedimentos adotados, resultados e avaliações da nossa intervenção em sala de aula.

Dizemos que nossa pesquisa é de natureza qualitativa ao passo que tem como preocupação fundamental o estudo e análise das práticas em seu ambiente natural, ou seja, o professor é pesquisador em sua própria sala de aula, onde há o contato direto e prolongado com o alvo de pesquisa, conforme mostra Bortoni-Ricardo (2008, p. 49):

> O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula é o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que dela participam.

Trazemos também as considerações de Godoy (1995, *apud* YEN-TSANG; DULTRA-DE-LIMA; PRETTO, 2013, p. 212) nas quais elucidam que:

> A pesquisa qualitativa tem como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem, valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação em estudo.

Baseados nessas informações, podemos dizer que a ênfase da pesquisa qualitativa recai sobre a interação entre os sujeitos envolvidos na ação e no seu ambiente. Neves (1996, p. 02), compartilha desse pensamento ao mencionar que:

> Nas ciências sociais, os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma

> integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor na compreensão do fenômeno.

Quanto à validade e a confiabilidade dos resultados obtidos através da pesquisa qualitativa Neves (1996, p.04) adverte que “não há soluções simples”, e ainda traz as considerações de Bradley (1993), para mostrar critérios para amenizar os possíveis problemas a surgir, começando pela conferência do material investigado, o zelo no processo de transcrição que antecede a análise, assim como, levar-se em consideração os elementos que compõem o contexto. E, como último critério, traz a necessidade de confirmação posterior dos dados pesquisados. Esses critérios, segundo os autores, auxiliarão na busca de uma maior solidificação e legitimidade da pesquisa qualitativa.

Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50) postulam cinco características da pesquisa qualitativa onde a primeira delas refere-se à posição do investigador que se encontra imerso no ambiente a ser investigado, o que o constitui como instrumento principal da investigação. A segunda característica é quanto o caráter descritivo da pesquisa qualitativa, onde o investigador trabalha com narrativas de seus procedimentos e resultados de forma minuciosa. Ou seja, “a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação dos resultados.” (p.49). A terceira revela que “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (p.49). A ênfase é dada no desenrolar dos procedimentos, em como as atividades e a interação acontecem. A quarta característica vai mostrar que os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Os mesmos não recolhem dados com objetivos de confirmar ou refutar hipóteses. A quinta e última característica levantada pelos autores vai dizer que o significado é de importância vital na abordagem qualitativa. “Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações internas, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior” (p.51).

Dessa forma, observamos que a pesquisa qualitativa centra seu foco nos sujeitos envolvidos com o objetivo de perceber suas visões e perspectivas de mundo. Os investigadores traçam estratégias e métodos que não desconsiderem as

experiências de vida dos sujeitos pesquisados. Há, portanto, uma interação entre ambos.

Assim, analisamos as práticas de leitura de nossos alunos para identificarmos o que leva-os ao interesse e a motivação. E ainda, os meios que proporcionam ou deixam de proporcionar o gosto pela mesma, para refletirmos sobre a nossa prática pedagógica e empreendermos metodologias de ensino de leitura que julgamos ser adequadas. Tudo isso, para atingir nosso objetivo de mediar práticas de leituras mais atraentes e acessíveis ao nosso alunado, na tentativa de uma leitura proficiente.

Quanto aos suportes utilizados para atingir os objetivos, a abordagem qualitativa também permite que nos utilizemos de auxilio de questionários, pesquisas exploratórias, registros etnográficos, entre outros.

O presente estudo também pode ser classificado como pesquisa-ação já que há uma intervenção direta do pesquisador na realidade na qual está inserido, bem como há uma interação entre pesquisados e pesquisador por se tratar de experiências pedagógicas em sala de aula. Conforme mostra Engel (2000, p. 182):

> A pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática. Uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto.

Em consonância com o exposto pelo autor acima citado, Thiollent (2002, p. 75) afirma que “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que agenciaria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

De acordo com Tripp (2005, p. 445):

> A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

Vale ainda salientar que a relevância da pesquisa-ação, além do auxílio a uma aprendizagem mais eficaz, é de suma importância para a formação do

professor. Isto é posto em Engel (2000, p. 183), quando o mesmo afirma que “a pesquisa-ação em sala de aula também se revelou como um instrumento eficiente para o desenvolvimento profissional dos professores”. E ainda acrescenta (p. 182):

> A pesquisa-ação é, hoje, amplamente aplicada também na área do ensino. Nela, desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula. Antes disso, a teoria e a prática não eram percebidas como partes integrantes da vida profissional de um professor, e a pesquisa-ação começou a ser implementada com a intenção de ajudar aos professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa.

Sendo assim, estamos convictos da magnitude do nosso projeto e sua aplicação, não somente para o cumprimento dos nossos objetivos em relação à aprendizagem dos alunos, mas também no alargamento de horizontes e de novas possibilidades de reflexões que podem nos trazer melhorias tanto para nossa vida particular quanto e, principalmente, como docentes.

Trazemos também as considerações de Jacobi e Toledo (2013, p. 166), sobre a pesquisa-ação no ensino, ao enfatizarem que:

> A pesquisa-ação aplicada à educação mostra-se com forte potencial de contribuição em processos de transformação das práticas institucionais, bem como no desenvolvimento da cidadania e do empoderamento, elementos essenciais para a mediação de situações de conflito.

Ainda conforme os autores acima citados (p. 158):

> Ao posicionar-se como um instrumento de investigação e ação à disposição da sociedade, a pesquisa-ação exerce também uma função política, oferecendo subsídios para que, por meio da interação entre pesquisadores e atores sociais implicados na situação investigada, sejam encontradas respostas e soluções capazes de promover a transformação de representações e mobilizar os sujeitos para ações práticas.

Quanto às características da pesquisa-ação trazemos também Engel (2000, p. 184-185), que elenca pontos nos quais mostra que nesse tipo de pesquisa a aprendizagem deve acontecer para ambos os envolvidos, bem como não haja separação entre sujeito e objeto de pesquisa. Como critério de validade da pesquisa-ação coloca que “as estratégias e produtos serão úteis para os envolvidos se forem capazes de apreender sua situação e de modificá-la”. Com isso a pesquisa torna-se eficiente quanto se detecta a eficácia do procedimento adotado.

No tocante ao ensino, o autor mostra que o objetivo da pesquisa-ação é mudar situações inaceitáveis pelo professor através da prática. Outra característica abordada é que a mesma é situacional, ou seja, faz-se um diagnóstico de uma dada situação com o fim de atingir, pela prática, resultados relevantes. Também segundo o autor, o tipo de pesquisa que ora discutimos se caracteriza como autoavaliativa, na medida em que, as ações de intervenção estão sempre em constantes avaliações a fim de provocar reflexões, mudanças e redefinições conforme necessário, sempre tendo em vista o aprimoramento e os benefícios das situações futuras. E por último, temos que a pesquisa-ação é cíclica, isto é, os resultados obtidos em uma fase são usados para aprimorar os resultados das fases anteriores.

Assim sendo, o pesquisador que se propõe a trabalhar com a pesquisa-ação deve estar atento e disposto a envolver-se em todos esses processos que caracterizam esse tipo de pesquisa para que obtenha realmente resultados satisfatórios em decorrência das mudanças de sua prática em sala de aula.

Sobre a importância da pesquisa-ação no contexto da sala de aula, Engel (2000, p. 189), declara:

> A pesquisa-ação é um instrumento valioso, ao qual os professores podem recorrer com o intuito de melhorarem o processo de ensino-aprendizagem, pelo menos no ambiente em que atuam. O benefício da pesquisa-ação está no fornecimento de subsídios para o ensino: ela apresenta ao professor subsídios razoáveis para a tomada de decisões, embora, muitas vezes, de caráter provisório.

Desse modo, a nossa pesquisa-ação será trabalhada não se limitando apenas a investigar e descrever uma situação, mas sim, de modo a proporcionar meios que levem a mudanças no campo do coletivo; como expõe Severino (2007, p. 120): “a pesquisa ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas”.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Jacobi e Toledo (2013, p. 162) argumentam que:

> Ao se envolverem em uma pesquisa-ação, os atores sociais, por meio de reflexão crítica sobre a realidade em que se inserem, começam a se questionar sobre suas práticas e a formular perguntas que os auxiliarão na resolução de seus problemas. No decorrer desse processo constroem-se não só conhecimentos individuais ou coletivos, mas também novas habilidades e atitudes que propiciarão a ressignificação de valores e a transformação de situações indesejadas.

A pesquisa-ação, ainda segundo Engel (2000), se divide em oito fases: 1 - definição de um problema; 2 - pesquisa preliminar; 3 - hipótese, 4 - desenvolvimento de um plano de ação; 5 - implementação do plano de ação; 6 - coleta de dados para avaliação dos efeitos da implementação do plano; 7 - avaliação do plano de intervenção; 8 - comunicação dos resultados.

Essas fases permeiam a pesquisa desde a sua idealização até a sua fase final, servindo de norte para o professor pesquisador traçar seus caminhos para atingir seus objetivos de forma eficiente e proveitosa para ambos os envolvidos.

Depois dessas fases da pesquisa-ação, ainda trazemos as considerações de Tripp (2005, p. 445) que aponta também seis metas que devem ser pretendidas quando se propõe a realizar um projeto desse tipo de pesquisa, que são:

> 1 - trate de tópicos de interesse mútuo; 2 - baseie-se num compromisso compartilhado de realização da pesquisa; 3 - permita que todos os envolvidos participem ativamente do modo que desejarem; 4 - partilhe o controle sobre os processos de pesquisa o quanto possível de maneira igualitária; 5 - produza uma relação de custo-benefício igualmente benéfica para todos os participantes; 6 - estabeleça procedimentos de inclusão para a decisão sobre questões de justiça entre os participantes.

Depois de todas essas abordagens e concepções acerca da pesquisa-ação, consideramos que esta é de grande valia para um avanço e melhorias no ensino/aprendizagem de língua portuguesa na medida em que dá suportes para o professor, não somente ser conhecedor das dificuldades encontradas em sala de aula, mas dá-lhe também a oportunidade de agir sobre elas na tentativa de melhorar as lacunas existentes tanto na aprendizagem dos discentes, quanto na sua própria formação e visão de mundo.

4.2 A INTERVENÇÃO: O COMEÇO, O MEIO E O FIM

A intervenção se faz necessária visto que um dos objetivos centrais do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS propostos no Artigo 1º de seu regimento “visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País”. Portanto, nada mais justo do que o educador agraciado com esse curso transportar contribuições e experiências teóricas adquiridas ao longo do mesmo para sua prática de sala de aula.

Para esse momento de nossa pesquisa, decidimos realizá-lo através dos Círculos de Leitura Literária por entendermos que esta é uma prática que segundo Cosson (2014, p. 139), “possui um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra.” Desse modo, já que nossa intenção é despertar o gosto pela leitura e adquirir proficiência, os círculos de leitura são a ponte que nos levará a atingir nossos objetivos.

4.3 O CENÁRIO E OS SUJEITOS DA INTERVENÇÃO

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Zenon de Souza, Umarizal-RN, instituição na qual lecionamos. Para chegarmos à caracterização da amostra da pesquisa, apresentaremos primeiro um breve relato sobre a cidade na qual está localizada a escola. Umarizal/RN fica no oeste potiguar, conta com uma população de aproximadamente 10. 594 habitantes (conforme IBGE 2011), a economia gira em torno do comércio e da agricultura familiar. Sobre a educação, o município possui dez escolas, sendo quatro estaduais, quatro municipais e duas particulares, que juntas atendem a toda a clientela da cidade e também da zona rural. Possui também um núcleo de Ensino Superior da UERN que conta com os cursos de Letras com Habilitação em Português e Inglês e Ciências Econômicas. Também se encontra instalada na cidade a Diretoria Regional de Ensino 14ª DIREC da Secretária Estadual de Educação que atende a toda região.

A escola pesquisada, localizada no centro da cidade, é considerada uma escola de médio porte e atende a uma clientela de 426 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A mesma funciona em dois turnos, matutino e vespertino, sendo divididos em 09 turmas, no turno da manhã, que abarca 322 alunos e 06 turmas à tarde, que comporta 104 alunos. A estrutura física é de boa qualidade contendo 10 salas de aula, 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 quadra de esportes, 01 cozinha com refeitório, banheiros, secretarias e sala de professores, bem como internet *wi-fi* com livre acesso a professores e alunos.

Quanto à clientela, os alunos que a frequentam, provenientes tanto da zona urbana quanto da zona rural, são de classes sociais heterogêneas que vai desde os filhos de professores – a minoria – a filhos de pais analfabetos ou semianalfabetos,

com rendas provenientes da agricultura e de pequenos comércios. No turno vespertino, a demanda de alunos da zona rural é bem mais acentuada. Em geral, são alunos que não expressam muitos objetivos de vida, e em sua grande maioria, dizem não gostarem de estudar e têm muitas dificuldades na leitura e compreensão textual.

A turma escolhida foi o 8º ano do Fundamental II, do turno vespertino, composta por 22 alunos oriundos das zonas rural e urbana. Em geral, filhos de pais com pouca instrução, e que, na maioria das vezes, não tiveram muito incentivo para a prática da leitura, fato que reflete em seus comportamentos enquanto leitores.

4.4 O COMEÇO: A PESQUISA EXPLORATÓRIA

O embrião de nossa pesquisa surgiu das reflexões advindas do nosso trabalho em sala de aula e das proposições que medeiam o ensino de literatura e, principalmente, frente às constatações a respeito das práticas e níveis de leitura dos nossos alunos.

Com pensamentos soltos e ideias borbulhando, sentimos de fato a necessidade de nos decidirmos e tentarmos montar um projeto de pesquisa que viesse contribuir para a melhoria da nossa prática e sanar alguma das dificuldades mais notórias em nossos alunos. E não nos resta dúvidas, mediante a nossa convivência, a leitura ainda é a maior das dificuldades.

Então, para dar início à construção do projeto de pesquisa, apoiados em ideias mais consistentes, realizamos uma pesquisa exploratória na turma a fim de nos assegurarmos da validade de nossas intenções quanto à mesma, além de já termos uma noção dos artifícios os quais nos ajudariam a minorar essa deficiência na leitura. Esta amostra de pesquisa foi realizada em novembro de 2013 com alunos do 7º ano, hoje o 8º ano.

Para tanto, pedimos que escrevessem um texto de modo bem informal relatando as impressões dos mesmos a cerca de suas práticas de leitura. Escolhemos apenas dois porque entendemos que estes representam de maneira bem clara que tipo de leitura desperta interesse de alguns alunos, bem como por estarmos ainda em fase muito embrionária de nossa pesquisa. Os textos são de alunas oriundas de família com pouca escolarização que gostam e praticam a leitura. A primeira aluna diz:

> Ler é a coisa que eu mais gosto de fazer, até mais que assistir televisão. Que eu me lembre, leio desde criança, ninguém nunca me ajudou a gostar de ler, fui lendo, lendo e quando vi já estava gostando. Através da leitura vou a mundos que não consigo ir na realidade, como o fundo do oceano, o mundo da magia, das fadas, etc. Quero ser escritora quando crescer, para fazer vários livros legais para as crianças lerem e poderem viajar nas minhas histórias como viajo nas dos outros escritores. (ALUNA A, 2013)

A segunda aluna, por sua vez comenta:

> Quem me incentivou a ler foi minha mãe. Quando eu não sabia ler ela me dava um livro e eu sozinha aprendi a ler. Desde então eu me apaixonei pelo mundo da leitura. É maravilhoso conhecer lugares diferentes sem sair do lugar. No momento estou lendo o livro “Coração de tinta” da autora Cornelia Funke. Ele é enorme, tem 59 capítulos, mas vale a pena lê-lo mesmo que demore muito terminar. Os livros nos tiram muitas dúvidas. (ALUNA B, 2013)

Esses relatos justificam e fomentam a nossa pesquisa. No registro dessas falas fica subtendido pelo depoimento da segunda aluna a existência de uma prática que se materializa sob a orientação de um adulto, a mãe que inseriu a filha no mundo da leitura. Já na fala da primeira aluna, vemos que a mesma diz não ter a presença de alguém que incentivasse ou promovesse o seu gosto pela leitura, este gosto aconteceu pelo encantamento com as palavras, pelo apelo emocional que estas leituras o proporcionaram, a viagem que só a leitura literária pode proporcionar. Vemos que o gosto pela leitura da primeira aluna tem no próprio valor literário o componente principal para o desenvolvimento para sua inserção e permanência prazerosa no mundo da leitura.

Com base nesses depoimentos, questionamentos e reflexões permeiam nossos pensamentos acerca de qual seja o papel do adulto na promoção do gosto pela leitura. É um papel direto, como no caso da segunda aluna, ou um papel indireto como nas considerações da primeira aluna?

Em primeiro lugar, nossa concepção entra em acordo com os postulados de Belintane (2013, p. 127), quando este afirma que, na maioria dos casos, o papel dos adultos é primordial, já que a criança desde cedo entra em contato com o mundo da leitura, mesmo que de forma indireta, através da oralidade do adulto, conforme é visto em:

> A criança já nasce enredada pela linguagem. Desde os seus primeiros momentos, a voz parental, com nítida prevalência da materna, já potencializa a relação entre o ver e o escutar, que gradativamente vai se

> matizando na dialética do desejo, em que o outro parental tem um papel estruturante. Nessa alteridade nascente, os gêneros e textos oriundos da tradição da maternância, jogam um papel crucial, pois abrem uma fissura entre utilitarismo da sobrevivência e o espaço da fantasiação. (BELINTANE 2013, p. 127)

Fica claro, portanto, que mesmo quando esse estímulo não é explícito, isto é, que não haja a presença material do livro, as histórias contadas para embalar o sono, para entreter as crianças ou até mesmo aquelas histórias contadas com fins moralizantes repercutem de forma positiva na formação leitora.

Um segundo ponto que queremos elucidar é sobre quais leituras lhes despertam interesse e lhes dão prazer. Fica claro por estes depoimentos que o texto literário é o principal responsável para a aquisição do gosto pela leitura, pois é no encantamento com o literário, pelo fascínio da tessitura das histórias e no apelo emocional que reside o chamariz para a leitura. Belintane (2013, p. 125), reforça nossa concepção ao dizer que:

> A criança, sobretudo a criança pobre, precisa muito de encontros constantes com a fantasia, com o mítico, com o que extrapola o real, pois é dali que ela poderá reunir forças, vitalidade psíquica, para fazer da escrita uma ferramenta capaz não só de ler denotativamente a realidade que cerca, mas também de imprimir a ela o desejo de transformá-la, ainda que inicialmente esse desejo seja fantasioso.

Isto posto, entendemos que o texto literário desperta e explicita sentimentos e desejos que muitas vezes as crianças e adolescentes não têm maturidade para desenvolvê-los sozinhos ou expressá-los e a leitura destes, aguça e mexe com o imaginário de quem os lê.

Feita essa reflexão e a partir dos relatos obtidos na pesquisa exploratória é que nosso projeto foi amadurecendo e se moldando até culminar com a escolha e a materialização da nossa intervenção, a formação dos círculos de leitura literária.

Passada essa primeira fase a qual chamamos de exploratória, partimos para uma segunda, em que realizamos um questionário sobre como estão às práticas de leitura do público alvo da pesquisa e as motivações que os levam a tais práticas. Essa investigação foi feita, primeiramente, através de conversa informal e depois com questionários abertos para que os alunos expressassem sua relação com a leitura.

O questionário foi aplicado a 15 alunos – os que estavam presentes no dia - dos quais 10 disseram gostar de ler e 05 afirmaram não gostar. Dos que responderam positivamente, 05 alunos disseram ter adquirido o gosto pela leitura com os pais; com os professores, 07 alunos.

Sobre as leituras que gostam de realizar as mais citadas foram: histórias em quadrinho, poesia e romance. A priori, esses dados são animadores, mas quando partimos para prática em sala de aula constatamos que entre esses que afirmaram gostar de ler, quando observamos as suas atitudes, aproximadamente três a quatro alunos demonstram de fato o apreço pela leitura na medida em que notamos que estes sempre vão à biblioteca, retiram livros, leem e comentam sobre suas leituras com os colegas de sala bem como, frente às atividades de leitura em sala de aula demonstram interesse e participação de forma mais ativa. Ou seja, buscam captar os sentidos do texto.

Já os demais, mesmo afirmando gostar de ler, quando os observamos não se pôde perceber neles essas atitudes. Frente às aulas de leitura não têm um desempenho e um engajamento de quem realmente aprecia a leitura. Na maioria das vezes não percebemos nestes demonstrações de curiosidade, encantamento, e até mesmo, disposição para leem espontaneamente. E, quando são solicitados para fazer algum tipo de leitura, seja a leitura silenciosa ou oral deixam transparecer o desinteresse, assim como não demonstram habilidade de se posicionar mediante o que leem.

Grosso modo, ficamos muitas vezes nos indagando se os mesmos realmente não gostam de ler e dizem gostar para acompanhar os poucos colegas que demonstram essa apreciação, ou se eles não gostam da literatura abordada pelo livro didático ou ainda da literatura clássica, ou seja, gostam de ler outras leituras que não são propostas pela escola.

Na tentativa de melhorar esse quadro é que nos propomos a realizar durante um semestre, dentro do proposto para as aulas de Língua Portuguesa, práticas de leitura literária que visem despertar uma maior interação, compreensão e, principalmente, o prazer em ler, no caso a formação dos Círculos de Leitura Literária, sobre os quais já mencionamos anteriormente e serão ainda detalhados mais adiante.

4.5 O MEIO: A INTERVENÇÃO PILOTO EM 2014

No segundo semestre de 2014, nossa intervenção começou a solidificar-se. Foi o momento de por em prática os conhecimentos até então apreendidos e transportar o que havíamos projetado para nossa sala de aula. Nesse momento iniciamos de fato, os Círculos de Leitura Literária.

Quanto ao funcionamento geral dos círculos de leitura, as etapas de formação e execução destes se deram da seguinte forma: em um primeiro momento – Agosto/2014 – apresentamos à turma todo o projeto com seus objetivos e especificidades. Notamos logo de cara o entusiasmo de uns e apatia de outros, mas todos concordaram em trilhar conosco esse caminho.

Nesse mesmo momento, tivemos a ideia de, como forma de estímulo e motivação, realizarmos uma aula palestra com uma pessoa graduada em Letras Língua Portuguesa e também membro do Projeto de Extensão BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), do Departamento de Educação do Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros, que oferece capacitação na área de Leitura e Artes, com cursos e oficinas direcionadas à formação de leitores e de repertório de leitura. O mesmo é um apaixonado por leitura e teatro e tem uma história de vida perecida com a deles. Filho de pais pobres, como pouca instrução, proveniente de comunidade rural, mas que superou todas as adversidades da vida e se tornou um leitor proficiente, divulgador e amante da leitura. Essa proposta deixou os alunos bastante animados a conhecer essa pessoa a qual apresentamos oralmente para eles.

Passados alguns dias, chegou finalmente a data da implantação de nossa intervenção, 13 de outubro de 2014, uma segunda-feira. Havíamos falado previamente com os outros professores pedindo-lhes apoio no sentido de que, caso precisássemos de mais algumas horas devido a algum contratempo, eles nos cedessem, para que as aulas previstas ocorressem num horário favorável para garantir que nossa programação fosse cumprida sem preocupação com estabelecimento de tempo, para que tudo acontecesse conforme programamos.

Arrumamos a sala de aula com as cadeiras em círculo, instalamos o projetor de imagem e colocamos em lugar de destaque na sala uma mesa com vários livros dispostos sobre ela. Apresentamos o palestrante – Wanderson Alves, Licenciado em

Letras Língua Portuguesa e integrante do BALE/UERN. Ele continuou sua apresentação, falou um pouco de sua história de vida e de leitura. Em seguida leu a crônica “Cãomício no calçadão” (1981), de José Carlos de Oliveira, fazendo gestos expressivos e vozes dos mais variados tipos, conforme os personagens, enfim, uma leitura encenada. Os alunos ouviam com muita atenção e não seguravam o riso diante de tanta expressividade. Em alguns momentos, foi solicitada a participação dos alunos para fazer coro juntamente com ele em algumas passagens da crônica. No início alguns ficaram um pouco tímidos, mas logo depois perderam a timidez e a participação foi geral. Após a leitura, foram tecidos alguns comentários pelo contador e foi instigada a participação dos alunos no tocante ao entendimento do texto através de questionamentos.

Após esse primeiro momento de leitura, passamos o slide do texto “História de amor” de Regina Colei, no qual conta-se uma história apenas com imagens, deixando a cargo do leitor interpretá-las e produzir a trama de acordo com sua percepção sobre as imagens projetadas. Nesse momento, os alunos foram instigados através de perguntas sobre o que viam e eram incentivados a produzir a história verbal oralmente de acordo com as figuras e imagens passadas. Os alunos iam vendo-as e criando a narrativa, amparados pela tela e pela mediação do palestrante e minha. Ao final, houve divergências de ideias sobre o possível desfecho da narrativa.

Em um terceiro momento, utilizamos os livros dispostos na mesa entregando-os um a cada aluno para que eles observassem, folheassem, lessem algum trecho com o propósito de que, no final do tempo determinado – dez minutos – cada um pudesse tecer comentários acerca de suas impressões de primeira vista e dizer se levaria o livro para ler em casa ou não e justificar a conclusão a que chegaram.

Dos vinte e dois alunos presentes, aproximadamente uns dezenove disseram que sim, levariam o livro que estava em mãos. Ao justificarem o porquê da escolha foram quase unânimes em mencionar elementos como a capa, o título, e alguns até leram algum trecho da obra para argumentar sobre sua resposta positiva. O restante, em um número bem menor, disseram que não levariam tendo como argumentos o não gosto de alguns desses elementos acima citados, que depois fariam uma visita à biblioteca, entre outros. Houve uma aluna (A)[1] que afirmou

[1] Os alunos (as) serão identificados por letras do alfabeto permanecendo o mesmo aluno com a mesma letra até o fim deste trabalho.

categoricamente que não levaria aquele, nem nenhum outro livro porque, definitivamente, não gostava de ler. “Não gosto de ler, nunca gostei”. Diante dessa resposta, tanto eu quanto o meu colega, nos direcionamos à mesma a fim de saber se esta não havia gostado apenas daquele tipo de livro, quais as leituras que ela costumava fazer e então respondeu mais uma vez, enfaticamente, que não gostava de nenhum tipo de leitura; lia apenas aquilo que era “obrigatório” na escola.

É provável que esses alunos que são mais resistentes à leitura e ao gosto pela mesma não tenham tido em sua infância o apoio de sua família ou até mesmo a presença de outros adultos que incitassem a leitura. E, por isso, precisam de mais esforços, de uma pedagogia mais diversificada e com mais frequência para que só assim possam perceber a importância e, pelo menos, se dispor a tentar praticar a leitura.

Após todos os alunos se manifestarem sobre os livros que tinham em mãos, encerramos o momento recolocando os livros dispostos sobre a mesa e deixando-os à vontade para levarem o livro com o qual já haviam tido contato ou escolherem outro dos dispostos ali para conduzirem para sua casa. Apesar de a maioria ter dito que levaria o livro, não confirmaram sua resposta com a atitude de pegar realmente e levá-los consigo, já que apenas seis alunos o fizeram. Então, tomamos nota do nome dos alunos e seu respectivo livro, já que a bibliotecária não se encontrava na escola naquele dia.

Ao final de tudo, ratificamos a importância que a leitura deve ter em nossas vidas. Ao perguntarmos sobre o que acharam daquele momento, foram unânimes em afirmar ter sido bastante proveitoso e descontraído, um momento inesquecível.

Apesar de numericamente, a quantidade de alunos que se propuseram levar o livro para suas casas e ler não ter sido tão expressiva, consideramos ter sido um momento positivo e que ainda poderia render mais frutos na medida em que formos concretizar nosso projeto de intervenção. Afinal de contas, esse foi o primeiro momento; o primeiro passo de um longo caminho a ser percorrido.

Depois dessa experiência, nossa proposta ganhou um ânimo na medida em que pudemos perceber o interesse da turma, então fizemos uma visita à biblioteca da escola a fim de inteirarmo-nos melhor do acervo e fazer uma listagem prévia dos possíveis livros para levar para sala de aula para a escolha final ser feita pelos alunos.

Foi uma seleção um tanto quanto difícil, já que tínhamos que levar em consideração fatores como o tipo de literatura adequada àquela turma, os possíveis temas que os interessariam, assim como a quantidade de exemplares disponíveis na biblioteca, já que cada grupo leria a mesma obra, necessitando assim de mais de um exemplar do mesmo livro. Demoramos uma tarde inteira para fazer essa seleção, pois não tivemos nenhuma ajuda ou opinião da bibliotecária, que se limitou a mostrar-nos onde estavam os livros de literatura infanto-juvenil. Na seleção inclui dois livros que não pertenciam à biblioteca da escola, mas eram de propriedade de uma sobrinha minha. Inserimo-lo porque algumas alunas já haviam me falado do desejo de lê-los.

Seleção prévia feita, o passo posterior a ser dado foi à formação dos círculos, o que aconteceu dia 04 de novembro de 2014. Essa formação aconteceu no tempo estimado de três horas/aula. A turma que agora era composta por vinte pessoas – nesse curto período houve duas transferências –, foi dividida em quatro grupos de cinco componentes. Essas divisões de grupos sempre demandam certo tempo, pois os adolescentes, em sua maioria, já têm suas preferências de grupos e quando são instigados a formarem novos grupos, inserir ou abrir mão de algum de seus componentes relutam bastante sendo necessária muita conversa até que se definam os membros de cada grupo.

Logo após a divisão, foram apresentadas as obras para a apreciação dos membros dos grupos. Os alunos folheavam os livros analisando elementos como título, capa, tamanho do livro, leitura da sinopse, entre outros. Cada componente foi defendo sua escolha até chegarem a uma conclusão final. Foi um momento barulhento, mas muito proveitoso. Procuramos deixá-los à vontade e não interferir diretamente em suas escolhas. Os livros escolhidos foram: *A culpa é das estrelas* e *Cidades de papel,* de John Green; *Os miseráveis,* de Victor Hugo e *O vencedor* de Frei Betto. Como já imaginava, entre os livros escolhidos pelos alunos estavam os dois pertencentes à uma de minhas sobrinhas. Como só havia um exemplar de cada, providenciamos fotocopiá-los e encaderná-los para que todos os membros do grupo tivessem o acesso garantido o mais rápido possível a estes para poder dar início às leituras.

Feitas as escolhas e todos os membros dos grupos com suas respectivas obras, dia 17 de novembro, com a duração de tempo de aproximadamente duas

horas/aula, conversamos sobre as funções de cada um no grupo, sobre as responsabilidades de cada componente e o comprometimento com as leituras.

Essa conversa se deu tomando como base também os postulados de Daniels (2002), pois sabemos que para a formação desse primeiro círculo faz-se necessário uma organização maior e uma distribuição de funções dentro do grupo para melhor nortear as leituras e a participação ativa de cada componente. Desse modo, debatemos sobre as funções elencadas pelos autores utilizando como suportes textuais slides e impressos preparados previamente contendo essas funções e suas respectivas contribuições, a saber:

- Conector: liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento.
- Questionador: prepara perguntas sobre a obra para os colegas. Exemplo: Porque os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento? O que você faria no lugar dele/dela?
- Iluminador de passagens: escolhe uma passagem para apresentar para o grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é fundamental para a compreensão do texto.
- Ilustrador: traz imagens para ilustrar o texto.
- Dicionarista: escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto.
- Sintetizador: resume o texto.
- Cenógrafo: descreve as cenas principais.
- Perfilador: traça um perfil (característica como jeito, caráter, temperamento) das personagens principais.

Após o diálogo a respeito dessas funções e do funcionamento geral dos círculos, os grupos se reuniram e começaram a discutir os papeis de cada um da equipe em um tempo de aproximadamente meia hora, sempre mostrando prazer e satisfação para a realização dos trabalhos e fazendo perguntas a fim de esclarecer as dúvidas existentes. Falamos também das datas para averiguação do andamento das leituras e da possível data para a apresentação final do debate.

Passada uma semana, dia 24 de novembro, os próprios alunos pediram para que no decorrer de duas aulas debatêssemos sobre o andamento das leituras e que fossem elucidadas algumas dúvidas decorrentes da primeira semana de leituras. A maioria deles já expusera comentários sobre os livros, dizendo estar gostando da

leitura. Foram esclarecidos também alguns questionamentos em relação às funções abordadas na aula anterior. Alguns alunos também aproveitaram para trocarem ideias e fazerem leitura individual silenciosa do seu livro. Ainda marcamos a data para a apresentação dos grupos, tendo em vista a aproximação do final do ano letivo que consigo traz os ditames da práxis escolar a qual não podemos fugir, como revisões de conteúdos, avaliações, provas, recuperações, entre outros. Desse modo ficou acertada para o dia 08 de dezembro a culminância dos círculos de leitura literária.

Vale salientar que foi notável o entusiasmo dos alunos, alguns até chegaram a usar suas redes sociais para tecer comentários sobre seu livro, no que aproveitamos para comentar as postagens incentivando-os.

Eis que é chegado o grande dia, o dia da socialização dos Círculos de Leitura Literária, 08 de dezembro de 2014. Arrumamos a sala de aula com as cadeiras em círculo, e houve um pequeno momento para decidir a ordem de apresentação dos grupos.

O primeiro grupo a socializar suas ideias e impressões foi o responsável pelo livro *O vencedor* de autoria de Frei Beto. Os alunos começaram a apresentação lendo o resumo da obra, e em seguida foram falando de acordo com as funções de cada um e trouxeram para apresentar à turma desenhos feitos por eles mesmos os quais ilustravam passagens do texto que consideram mais relevantes demonstrando assim o envolvimento dos mesmos com a obra lida, já que ao expô-los os alunos foram explicando o que cada um representava. Alguns componentes demonstravam bastante segurança e que tinham lido realmente com muito empenho, outros nem tanto, mas todos deram suas contribuições para a realização da atividade. Ao serem questionados sobre qual a avaliação faziam das leituras, foram unânimes ao dizer que gostaram bastante da obra porque falava da vida real, de coisas que realmente aconteciam na vida das pessoas e o modo como foi trabalhado, bem como os encaminhamentos e objetivos bem definidos ajudaram bastante no entendimento do livro. Enfim, todos disseram e demonstraram ter gostado de participar do círculo.

O segundo grupo foi o responsável pelo *A culpa é das estrelas* de Jonh Green. Neste, uma aluna se destacou por sua segurança e habilidade em falar da obra, contou com suas próprias palavras e de forma bastante entusiasmada todo o enredo, bem como fez uma ponte entre o mesmo e a vida real. Quando algum colega, ao falar, se mostrava inseguro ela ajudava-o fazendo colocações

pertinentes, e ainda respondia as perguntas feitas pelos colegas. Os outros membros do grupo, apesar de certa timidez e com menos segurança também deram suas contribuições. Todos relataram ter sido uma boa experiência e o que nos surpreendeu foi o depoimento de uma aluna, ao dizer que esta foi a primeira vez que lia um livro completo e que esta experiência lhe impulsionou a querer ler mais de agora em diante. A aluna B destacou:

> Ao ler o livro senti muita alegria e ao mesmo tempo muita tristeza. A parte que me fez sentir triste foi quando Augustus morreu. Eu recomendo o livro para quem ainda não leu. Se eu me encontrasse com o autor gostaria de saber em quem ele se inspirou. É muito emocionante essa história.

Chegada à vez de *Cidades de papel,* também de Jonh Green, o grupo mostrou-se um pouco mais disperso que os outros, leram o resumo, falaram um pouco fazendo uma ponte entre a obra e os acontecimentos sociedade atual. Destacaram também trechos da história que consideraram mais relevantes e emocionantes. Quatro membros do grupo disseram ter gostado de ler e recomendaram a obra aos demais colegas. A aluna A continuava a repetir que não gostava de ler nenhum tipo de texto e que lia apenas quando era “obrigada” pelas tarefas da escola, mas mesmo assim, havia lido o livro inteiro, o que considerava um avanço. Aproveitamos para parabenizá-la pelo esforço e convidá-la a continuar tentando com outras leituras, pois é praticando que se aprende e se adquire o gosto pela leitura.

O último grupo, de posse de *Os miseráveis,* de Victor Hugo, começou com o resumo através de slides preparados por eles mesmos. Todos os membros demonstraram segurança sobre o texto lido, falavam sobre os mínimos detalhes e sempre faziam comparações entre os personagens do texto com algumas pessoas ou situações semelhantes sobre as quais eles tinham conhecimento, seja pela televisão ou de suas próprias realidades. Trouxeram também desenhos ilustrando algumas passagens do texto, respondiam com segurança a perguntas feitas pelos próprios membros do grupo e pelos demais colegas e faziam ligações e comparações entre passagens do texto e acontecimentos da sociedade atual. Enfim, foi uma ótima socialização. Todos afirmaram ter gostado do livro, uma aluna (C) declarou ter se apaixonado pela leitura. “Nunca pensei gostar tanto de uma história assim. É um livro encantador, faz a gente pensar muito sobre a vida e as injustiças

da sociedade”. Encerraram recomendando a obra aos colegas e enfatizando quão boa foi à experiência do círculo de leitura. O aluno D, com segurança, manifesta: “Quando a gente lê em grupo é muito melhor, um ajuda o outro, às vezes você não *tá* entendendo e o colega *tá*, assim tiramos as dúvidas, entendemos mais o texto”.

Entendemos que a apresentação desse último grupo merece alguns comentários e esclarecimentos, pois a forma como eles apresentaram mostra que os mesmos realmente se prepararam para a socialização, pois em sua apresentação não ficaram apenas com a leitura das considerações elencadas por suas funções, mas prepararam slides com resumo e imagens referentes ao texto e mostraram segurança em suas falas.

Vale salientar que os alunos desse grupo, não são muito participativos nas aulas de português em geral, não têm notas elevadas e apresentam um comportamento de dispersão, como conversas paralelas, negligência com as atividades de casa, uso do celular indevidamente na hora da aula, e mesmo assim, em uma atividade de cunho não avaliativo, mostraram empenho e eficiência.

Desse modo, acreditamos que esse entusiasmo se deu em parte porque o texto lido lhes dava emoção, lhes despertava sentimentos como amor ao próximo, indignação, revolta pelas injustiças e desigualdades sociais, entre outros. E por outro lado, os componentes do grupo tiveram boas relações entre si e gostaram de trabalhar juntos, houve de fato, uma interação entre os participantes do grupo.

4.6 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA

De acordo com o exposto anteriormente, com a nossa percepção enquanto professor, em consonância com o desempenho, envolvimento e avaliação oral dos alunos, podemos afirmar que a nossa primeira intervenção proporcionou momentos de aprendizado e interação, não só entre os alunos participantes do círculo, mas trouxe uma aproximação e envolvimento afetivo entre os próprios alunos como também comigo enquanto professora, porém, como toda empreitada apresentou pontos positivos e negativos.

Primeiramente, teceremos alguns comentários sobre os acontecimentos positivos, depois sobre o que não funcionou de forma satisfatória e, por fim, as

propostas para solucionar os problemas enfrentados para que na intervenção principal sejam melhoradas essas pendências.

Enfatizamos como uma grande marca dos círculos, a interação e a união entre os membros dos grupos, na medida em que foram visíveis o empenho e a colaboração entre estes, o que não acontece quando cada aluno é levado a ler uma obra diferente e, sozinho tentar entender e tecer comentários a respeito da mesma em sala de aula.

A leitura feita em grupos através dos Círculos, além dos efeitos benéficos em relação ao aprendizado, fortalece os laços de amizade entre seus partícipes, torna cada vez mais relevante o seu papel. Atividades como esta podem servir de exemplo e de estímulo para que nos empenhemos a cada dia mais em novas maneiras de se trabalhar de modo que favoreça, não apenas o desenvolvimento intelectual dos indivíduos, mas também o seu desenvolvimento social enquanto maneiras positivas de relacionamento com o próximo.

Desse modo, concordamos com o que postula Coll (1992), quando considera que também é papel da escola ensinar o trabalho cooperativo por meio da organização sistemática dos alunos em equipes, contribuindo, assim, para o respeito e a valorização dos sujeitos e de suas diferenças.

Long (1993 *apud* COSSON, 2014, p. 139), também declara que “ler em grupo encoraja novas formas de associação e fomenta novas ideias que são desenvolvidas em diálogo com os outros e com os livros.” Esse encorajamento de fato acontece na medida em que os participantes têm a oportunidade de se reunirem e trocarem ideias a respeito do que está sendo lido por eles sem receio de se expor, já que estão entre amigos e com objetivos comuns.

Destacamos também que esta experiência serviu de estímulo para alguns alunos, pois notamos que, depois da finalização dos círculos de leitura já buscaram outros livros e se sentem orgulhosos em comentar com os colegas as aventuras vividas através dos enredos. No início do ano letivo, ao serem perguntados sobre quais deles tinham lido alguma obra literária nas férias, seis alunos, sendo três meninos e três meninas responderam que sim. Entre as leituras feitas estão: *Histórias para não dormir,* organizado por Luís Roberto Guedes; *Ponte para Terabítia*, traduzido por Ana Maria Machado; *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James; *Romeu e Julieta,* de William Shakespeare; *O outro lado da meia noite,* de Sidney Sheldon; *Contos de enganar a morte,* de Ricardo Azevedo, dentre outros.

Instigamos a contar um pouco do que tinham lido e cada um foi fazendo comentários sobre sua leitura. Uma aluna chegou a dizer: “É tão bom ler, que quando começo a ler um livro não quero mais parar. A vontade é de ler até o final de uma vez só”. Parabenizamo-los pela atitude e incentivamos o restante da turma a seguir o exemplo dos colegas. Também perguntamos aos demais por que não leram. Obtivemos respostas como: “Ah professora, dá uma preguiça danada nas férias”; “Não tenho nenhum livro em casa”.

Diante desses relatos, podemos perceber que estamos atingindo mesmo timidamente, nossos objetivos, pois houve um avanço quanto ao posicionamento leitor de alguns alunos, tanto pela iniciativa de buscar a leitura espontaneamente, quanto por saberem expressar-se mediante o texto lido.

Outro fato que chamou-nos a atenção é que suas escolhas permeiam desde os clássicos remotos da literatura aos mais atuais, mostrando assim a diversidade literária presente em suas leituras, e sem sombra de dúvidas, essas atitudes são a colheita das sementes plantadas pelos Círculos de Leitura Literária.

Outra questão que merece destaque é que, mesmo com algumas limitações, os participantes conseguiram ler os textos, atribuíram sentidos, fizeram comparações entre os dilemas vividos pelos personagens com os vividos pelas pessoas na sociedade atual. Enfim, conseguiram de alguma forma expressarem-se sobre o que leram. Consideramos válida essa empreitada, pois conforme mostram Bohm e Marangoni (2011, p. 153):

> A tarefa que se coloca para o Círculo é fazer luz sobre as cenas de leitura e sobre os atos de construção de sentidos na leitura, sem impor perspectivas. Por priorizar o texto literário, a atividade viabiliza a manifestação polissêmica e, consequentemente, maior liberdade de atuação para o leitor, que experimenta a identificação com conflitos e personagens, posicionando-se criticamente e ressignificando seus horizontes pessoais e de leitura.

Como pontos que merecem ser revistos, em primeiro lugar, destacamos o curto espaço de tempo em que foram feitas as atividades dos círculos de leitura, já que, envolvidos pelos ditames escolares e preocupados com avaliações, provas finais, entre outros e com datas preestabelecidas, reservamos apenas três aulas em um único dia para a apresentação dos grupos. Esse fato tornou um pouco cansativa a exposição e, por isso, a atenção dada aos primeiros grupos a se apresentarem foi bem maior que a concedida aos últimos.

Devido a essa pressa, não fizemos uma avaliação aprofundada, esta ficou apenas na oralidade e com comentários breves acerca do gosto em realizar tal atividade, como: “Gostei muito, é bom ler desse jeito várias pessoas com o mesmo texto, assim um ajuda o outro.”; “Gostei muito, ano que vem, vou querer de novo”; “No início, não gostei muito da história, mas depois adorei.”; “Acho que a partir de agora vou ter mais facilidade pra ler e entender”.

Conforme já esperado, notamos também que alguns alunos se detiveram apenas em suas funções não procurando expandir sua visão a respeito de outros aspectos relevantes da obra, prendendo-se muito ao que haviam escrito em suas anotações. Algumas discussões também não passaram do que estava ali posto no livro, sem adentrar nas entrelinhas do texto, porém não vemos como um grave problema, na medida em que sabemos que nem todos os leitores tem o mesmo nível de amadurecimento e de envolvimento com o texto.

Vale salientar ainda alguns pontos que consideramos ter sido de grande relevância para que nossa intervenção acontecesse de forma positiva, mesmo que ainda necessitando de ajustes. Destacamos que todo esse processo aconteceu de maneira em que:

Em primeiro lugar, acentuamos que os alunos não se sentiram cobrados, testados ou avaliados. Deixamos bem claro desde os primeiros momentos que o nosso objetivo era a leitura e discussão dos textos, não um julgamento para saber quem sabe mais ou quem erra menos.

Esse modo de se fazer leitura agrada aos participantes na medida em que, para muitos, só o fato de pensar que está sendo avaliado, que dependendo do que ele fizer ou disser vai lhe ser atribuída uma nota, um conceito, torna-se frustrante e até castra seu posicionamento e participação pelo medo de errar e de ser prejudicado por isso.

Destacamos como um segundo ponto primordial a abertura para que os participantes se vejam como parte integrante de um processo que busca contribuir para o seu crescimento intelectual, a tomada de consciência que os mesmos adquirem dado ao poder que a leitura proporciona àqueles que se apoderam dela e fazem da mesma uma constante em suas vidas, principalmente quando atribuímos objetivos a nossas leituras. Souza (2012, p. 104), nos mostra que:

> Esta atividade potencializa a condição do leitor, oferecendo-lhe, para além de sua relação pessoal com as manifestações da cultura letrada, um momento de mirada sobre suas concepções de leitor, leitura e literatura. Um Círculo de Leituras é, também, um momento de crítica, resultando em reelaborações acerca das situações do cotidiano e dos objetos estéticos, à luz da ficção.

Como terceiro ponto que merece destaque, em consequência de todo esse processo, apontamos o quanto a forma de desenvolvimento das atividades favoreceu e deu abertura para que os participantes se sentissem à vontade para expor sua opinião, suas visões e impressões acerca do que leram sem o receio de ter classificações de correto ou incorreto. O tom de igualdade promovido pelo Círculo afasta o medo de que o professor possa intervir fazendo considerações de certo ou errado. O que poderia frustrar e intimidar, levando-os a, muitas vezes, mesmo sabendo se posicionar, ou terem opiniões a ser expostas, preferirem o silêncio e a espera para que outro colega o qual se julga menos tímido, mais inteligente faça suas considerações.

Bohm e Marangoni (2011, p. 146), também partilham desse pensamento ao deixarem claro que:

> Os círculos de leitura baseiam-se, justamente, nessa atmosfera de troca, simbolizada pela soma das individualidades. [...] A novidade não está na leitura em círculo, mas em fazê-lo para aproximar leitores na troca de suas interpretações – sobretudo tratando-se de sujeitos que, via de regra, foram educados a silenciar –, no intuito de favorecer a experiência de *dizer* e *dizer-se*, sem constrangimentos, temores, disputas e exibicionismos.

Como o próprio Cosson (2014, p. 168) coloca, “todas as formas de ler valem a pena, desde que proporcionem um efetivo encontro entre o leitor e a obra”. E é justamente esse encontro que ambicionamos proporcionar para que, a partir dessa experiência, tenhamos despertado o gosto pela leitura literária em nossos alunos, bem como uma maior participação crítica perante o que leem e, consequentemente, uma participação social mais efetiva e digna.

4.7 O FIM: A INTERVENÇÃO 2015

Denominamos esta última etapa de nossa intervenção como “O fim", mas temos a convicção de que esse fim dar-se-á apenas em termos técnicos. Ou seja, o fim da etapa do trabalho para construção de nossa dissertação, pois ainda temos

muito a fazer em sala de aula no tocante ao desenvolvimento leitor de nossos aprendizes.

Aqui relataremos detalhadamente como aconteceu o segundo Círculo bem como outros procedimentos e estratégias de leitura realizados nas aulas de Língua Portuguesa da turma alvo de pesquisa/intervenção durante o primeiro bimestre de 2015.

Para dar continuidade ao nosso trabalho de forma mais coerente, dia 09.03.2015, no decorrer de 02 horas/aulas, tivemos uma conversa com a turma a fim de fazer uma avaliação da primeira etapa de Círculos de Leitura Literária pelos próprios alunos.

Começamos a aula fazendo uma reflexão a respeito do desenvolvimento do Círculo anterior destacando os pontos que os participantes consideraram positivos e negativos. E ainda se houve alguma contribuição/melhoria para estes, enquanto leitores.

Entre os pontos positivos, dos doze alunos presentes na aula, oito disseram que despertaram para a vontade de ler. Vejamos comentários de alguns alunos: Aluno D: “Antes eu tinha a maior preguiça de ler, depois dessa atividade não tenho mais. Já até peguei livro na biblioteca e li”. Dois alunos disseram que as leituras “abriram a mente”, como podemos ver no depoimento do aluno E: “Antes eu lia e não entendia muito bem, depois dos círculos parece que abriu minha mente, leio e entendo melhor.” Isso mostra que houve uma descoberta da habilidade de leitura e compreensão. Também foi citado, por dois alunos, que a leitura em grupo, o trabalho em equipe ajudou-lhes a compreender melhor o que se lê como declara a aluna F:

> É muito bom ler dessa forma, saber que seu colega também *tá* lendo o mesmo livro que a gente e que podemos trocar ideias. Por exemplo, às vezes eu *tava* lendo e não entendia bem e falava pra meus colegas e eles me ajudavam e às vezes algum deles também pedia minha ajuda. Assim todo mundo acabava entendendo.

Como pontos negativos, tivemos a declaração de uma aluna mencionando que um dos componentes do círculo dela não leu o livro na íntegra, porém não mencionou o nome desse membro, nem tão pouco o mesmo se manifestou. Também não houve reclamações de outros grupos sobre este acontecimento.

Conversamos ainda quanto ao tempo destinado às apresentações e todos concordaram que este, no primeiro Círculo, foi insuficiente. A aluna F ainda fez

comentários sobre as anotações que eles fizeram durante a leitura, perguntando se na socialização poderiam dispensar estas para não ficarem “presos” à leitura das mesmas. Respondemos que sim, cada grupo, cada membro socializa suas considerações da maneira que considerar mais adequada para si e para turma. Então ficou acordado conforme o sugerido pelos próprios alunos, que para essa segunda etapa de Círculos, poderíamos ter uma apresentação mais espontânea, mais informal.

Nos dias que se seguiram, começamos a modelar a nossa segunda edição dos Círculos de Leitura Literária. Primeiro começamos pela listagem do acervo disponível na biblioteca da escola. Em períodos de horários vagos e nos intervalos, fizemos visitas à biblioteca e, com a ajuda da bibliotecária, compomos uma lista apenas com obras que tivessem três ou mais exemplares, devido ao fato de as leituras serem feitas em grupo, por isso, se fazer necessário que cada membro do grupo esteja munido de seu livro. Portanto fizemos uma lista prévia composta pelos seguintes títulos: *Família composta, Cobras em compota, Madalena, Cabelos molhados, Léo o pardo, Raptado, Ubirajara, Luzia homem, A escrava Isaura, O seminarista, A moreninha, O moço loiro, Esaú e Jacó, Helena, Memórias Póstumas de Brás Cubas, O mulato* e *A madona de cedro*.

Separamos esses livros numa estante à parte na biblioteca e, no dia 17.03.2015, reservamos 01 hora/aula para a formação dos grupos, apresentação e escolha dos mesmos, porém não foi possível a escolha, pois a bibliotecária do turno vespertino faltou ao trabalho. Logo a biblioteca ficou fechada não sendo possível a realização total do que estava programado. Formamos apenas os grupos e essa formação aconteceu de forma mais tranquila do que na da primeira etapa. Em alguns grupos permaneceram os mesmos componentes, noutros houve acréscimos, trocas ou diminuição de participantes. Ao final tínhamos um total de seis grupos, sendo quatro compostos por três participantes e dois grupos com quatro componentes.

No dia seguinte, 18.03.2015, com a bibliotecária na escola foi possível a escolha dos livros. Pegamos então os livros citados e dispusemo-los sobre um birô no centro da sala e explicamos que seria a escolha. Cada componente apreciaria as obras ali dispostas e escolhia um livro e o grupo entraria em consenso para que fosse escolhido apenas um livro para a leitura de todos. Os alunos se aproximaram do birô e começaram a pegar, folhear, observar e conversar com os colegas sobre

elementos como titulo capa, ilustrações, tamanho do livro, entre outros. Escolhas feitas, tivemos a seguinte composição: *Família composta*, escrito por Domingos Pelegrine; *Cabelos molhados,* de Luís Pimentel; *Madalena,* de Cristiane Dantas; *O Santinho,* de Luís Fernando Veríssimo; *Ubirajara,* de José de Alencar e *Como viver para sempre*, de Colin Thompson.

Aproveitamos também a oportunidade para fazer alguns esclarecimentos sobre o desenvolvimento das atividades, reforçar alguns pontos falhos na organização e execução dos Círculos anteriores, a fim de se buscar melhoramentos. Ainda cuidamos do cronograma de apresentações que ficou previamente agendado para os dias 06, 07 e 08 de Abril.

Dia 23.03.2015, no decorrer de 02 horas/aula, intercalando as leituras das obras feitas em casa pelos alunos, ministramos uma aula de leitura que havíamos preparado previamente, na qual acreditamos ser de grande valia expô-la aqui.

Folheando a revista “Na ponta do lápis”, que é destinada a professores de Língua Portuguesa que trabalham com a Olímpiada de Língua Portuguesa que é de iniciativa do Ministério da Educação – MEC e Itaú Social. Na mesma deparamo-nos com um artigo de Magda Soares intitulado “Ensinar a leitura lendo” na qual mostrava-se uma estratégia de leitura que a mesma denominava de “Leitura protocolada”. Esta consiste em estimular a leitura por partes, a qual é feita com paradas estratégicas em trechos específicos do texto para se fazer perguntas aos alunos de modo a atiçar a curiosidade, fazer deduções dos próximos acontecimentos com bases em pistas textuais, bem como analisar o que está sendo lido por partes.

Então, preparamos *slides* com o texto sugerido na revista – *Catástrofe*, escrito por Luís Junqueira Vilela – e as perguntas acerca do texto como mostrava a revista. Levamos para turma e começamos as perguntas a partir do título, sobre quais ideias cada educando tinha sobre o mesmo, e qual gênero textual podia comportar uma história com aquele título. A maioria fez comentários inferindo ser um texto jornalístico tratando de algum desastre ambiental ou um acidente de grandes proporções.

Começamos a ler o texto, alguns se mostrando, de início, um pouco tímidos em se expressar, fazer predições sobre o mesmo, mas logo foram se soltando e, em pouco tempo, cada um queria dar sua opinião. Logo notaram que não se tratava do que eles haviam imaginado pelo título e ficaram curiosos e atentos a cada parte em

que se seguia a leitura e mais ansiosos em responder as perguntas feitas. Íamos anotando no quadro branco suas colocações e após a leitura do trecho, confrontamos suas respostas com os acontecimentos descritos. De acordo com as colocações deles iam surgindo também novas perguntas e debates.

No final, todos participaram e evidenciaram satisfação naquela aula, bem como demonstraram compreender os propósitos do texto. Ficamos felizes quando, ao término da aula, dois alunos nos abordaram no corredor para dizer que tinham adorado a aula e pediram que fosse repetido aquele modo de trabalhar com leitura.

Dando continuidade, dia 31.03.2015, reservamos 01 hora/aula para falarmos a respeito do andamento das leituras. Dos seis grupos formados, quatro disseram já está lendo os livros e se reunindo, porém dois grupos declararam não ter iniciado suas leituras alegando problemas diversos. Entre os argumentos para o atraso das atividades está a impossibilidade da reunião de todos os membros do grupo visto que a maioria dos alunos da turma reside na zona rural, distante vários quilômetros da cidade e devido à falta de regularização do transporte escolar. Por essa causa, seis deles estão com elevado índice de faltas, o que os deixa impossibilitados de, até o momento, frequentarem assiduamente as aulas e, consequentemente, encontrar-se com os colegas para a leitura e discussão de suas obras com todos os componentes do grupo presentes. Infelizmente esse fato não prejudica apenas o bom andamento dos círculos, mas também enfraquece o andamento de outras atividades em sala de aula.

Em vista disso, combinamos adiar a data da socialização já anteriormente firmada, dando um prazo de mais uma semana para a concretização dos mesmos. Aproveitamos o momento para enfatizar a importância da leitura e também a criação de nomes para identificação de cada grupo.

Para o dia 06.04.2015, 02 horas/aula, preparamos a leitura do livro *Palavras, palavrinhas & palavrões* de autoria de Ana Maria Machado, pertencente à coleção Literatura em minha casa. Começamos falando a respeito da escritora, perguntando se os alunos já tinham lido alguma obra ou ouvido falar da mesma. Dois ou três responderam que sim, o restante, que não. Mostramos o livro, lemos o título e perguntamos se alguém já o havia lido. Uma aluna (G) respondeu: “Acho que eu já li, não tenho certeza mesmo se foi esse”. Perguntamos também o que eles podiam deduzir a partir do título sobre o que iria falar a obra e cinco alunos disseram achar

se tratar do tamanho das palavras; quatro sobre alguém que falava palavrões e um aluno disse pensar se tratar do significado das palavras.

Convidamo-los a ouvir com atenção a leitura em voz alta para descobrirmos sobre o que realmente falava aquela história. Então iniciamos a leitura procurando sempre dá ênfase à entonação, às pausas, enfim, enfatizando uma leitura bem expressiva. À medida que adentrávamos ao percurso da leitura, íamos fazendo pausas para mostrar as ilustrações presentes nas páginas e perguntando sobre os próximos acontecimentos. Eles respondiam e, na maioria das vezes, confirmavam-se suas respostas com o prosseguimento leitura. E assim lemos o livro na íntegra.

Consideramos que foi um momento bastante vantajoso, de muita atenção onde todos silenciaram para ouvir a leitura e, quando indagados, posicionaram-se de maneira proveitosa.

Terminado o texto, quisemos saber se haviam gostado da história e da forma como foi feita a leitura. Foram unânimes em afirmar que sim através de falas tais como: “A leitura foi muito boa, a história é ótima”; “Essa menininha é danada, viu?”; “Eu também, quando criança tinha muitas dúvidas com as palavras”. Aproveitamos o momento para incentivar ainda mais a leitura ao declarar “Como este livro, há muitos outros encantadores e gostosos de ler/ouvir na biblioteca, aqui bem pertinho de vocês, eles estão lá só a espera de alguém que os leiam”.

Dia 13.04.2015, conforme havíamos combinado anteriormente, tivemos a apresentação/socialização de dois grupos. O primeiro grupo, identificado por “Leitura e aventura” é composto por três componentes, três meninas. Estas discorreram sobre o livro *Ubirajara,* de José de Alencar.

O grupo começou a socialização com a exposição oral do resumo, uma componente leu o mesmo e, depois, cada uma comentou com suas próprias palavras. Depois fizeram a apresentação dos personagens traçando o perfil de cada um mostrando suas características físicas e psicológicas. Em seguida, mostraram desenhos feitos por eles que representam passagens do texto, e conforme iam mostrando as gravuras comentavam a que passagem as mesmas representava. Logo após, emitiram comentários fazendo comparações entre as guerras retratadas no livro com a violência dos dias de hoje. Uma aluna, a qual denominamos de aluna H, destacou:

> É interessante que naquela época já tinha muita violência, mas é diferente da violência dos dias de hoje. Lá eles lutavam por amor, por questões de honra das tribos e hoje nós temos a violência por drogas, para roubar, por dinheiro. Hoje as pessoas matam sem motivos.

O segundo grupo, composto por quatro integrantes, nomeado de “Lendo e aprendendo” ficou com *Família composta*, escrito por Domingos Pellegrine. Os participantes apresentaram oralmente e com bastante desenvoltura o resumo da obra e os personagens. Destacaram ser um texto em forma de teatro, que no início não há um narrador e ninguém conta nada sobre os personagens, que são cinco: o pai, a filha, o poeta, a mãe e o homem da tv, e que só no decorrer da leitura é que vai se conhecendo mais profundamente os personagens. Também fizeram perguntas e responderam entre si. Destacaram ser uma obra que trata da família moderna, frisando a gravidez na adolescência. A aluna I declarou:

> Gostei muito desse livro porque essa história é o que realmente acontece hoje em dia. É uma história de uma família moderna. A gravidez na adolescência é um fato bem presente no nosso dia a dia, conheço várias meninas que são mães bem cedo, não casam e ficam aí namorando com o pai da criança ou não. A separação dos pais também! Quem não é ou não conhece alguém próximo, filho de pais separados? Isso tudo hoje é normal.

Foi uma socialização bastante interessante na medida em que os componentes do grupo demonstravam segurança em suas colocações e não ficaram presos a anotações, mas iam falando livremente, cada uma expondo as suas considerações.

Dia 14.04.2015, continuamos com o terceiro e o quarto grupos. O terceiro, “Leitura é vida”, explanou sobre *Madalena,* de Cristiane Dantas. O grupo é composto por três componentes sendo que apenas um pertenceu aos círculos passados, pois os outros chegaram para a turma agora em 2015. Os participantes não demonstraram muita empolgação e segurança, começaram lendo o resumo da obra e falando um pouco sobre os personagens. O restante da turma fez algumas perguntas sobre a personagem principal e o grupo respondeu. Ao final, a aluna J frisou que havia gostado da história por que “Madalena era guerreira, encarou a vida como quis e não como a sociedade queria para ela”.

O quarto grupo composto por quatro componentes e denominado de “A alegria da leitura” ficou com o livro *Cabelos molhados* de Luís Pimentel. Começaram explicando que o livro é composto por dezesseis contos e que eles haviam lido

todos, porém iam apresentar apenas um, o que leva o título do livro. Isso porque, segundo eles, o conto cabelos molhados, era um retrato dos acontecimentos da sociedade atual. Continuaram falando abertamente sobre o conto, contando o resumo com detalhes, descrevendo as partes mais importantes e sempre fazendo pontes com os acontecimentos sobre os quais eles tinham conhecimento e instigando reflexões acerca do assunto abordado. Um aluno, nomeado de L então declarou: “Gostei muito do livro, mas o conto mais real e interessante foi *Cabelos molhados*. Muito triste também, acontece muito do marido matar a mulher e esconder o crime. O pior é que nem todos são punidos”.

O aluno E completou: “O título tem muito a ver com a história, ele ficava alisando o cabelo dela morta”. E a aluna M coloca: “O que me chamou muito a atenção e fez com que eu não odiasse tanto ele é que ele não maltratava a mulher na frente dos filhos e no final ele se arrepende do que fez e se entrega a polícia”.

Terminaram recomendando a leitura do livro aos demais colegas com muito entusiasmo.

Dia 15. 04. 2015, tivemos os dois últimos grupos. O penúltimo, integrado por três componentes, intitulado de “Leitura é vida” apresentou a obra *Como viver para sempre* de Colin Thompson. Começaram justificando que a escolha do livro se deu pelo título, “quando vimos achamos que íamos encontrar uma história bem interessante, nem levamos em consideração a quantidade de páginas”. Em seguida, contaram de forma bem entusiasmada o resumo, falaram dos personagens, das suas características, seus sonhos e desejos, de como a leitura faz refletir sobre a importância da família, de se ter amigos, do não egoísmo. Enfim, fizeram uma boa explanação da obra demonstrando segurança no que diziam. Ao final, a aluna C declara: “Eu achei perfeito, são coisas que eu nem imaginava! Vivi uma aventura muito bacana ao ler esse livro”. A outra, que era a aluna N, por sua vez comenta: “Foi maravilhoso, realmente é uma viagem pelo mundo da fantasia”.

O sexto e último grupo, com três componentes, denominado “Encanto de livro”, conversaram sobre *O santinho,* de Luís Fernando Veríssimo, também uma coletânea de contos. O grupo explicou ter lido a obra completa, mas que escolheram três contos para ser debatido com os colegas. Como os contos escolhidos eram pequenos, pediram para ler cada um na íntegra e ir falando suas considerações sobre cada um. O primeiro escolhido foi *O diamante,* o qual a aluna F leu e depois

todos falaram sobre suas impressões, sobre o que chamou mais a atenção e as reflexões que fizeram a partir do mesmo. A aluna F também declarou:

> Me identifiquei com esse conto por que também, em algumas vezes, me sinto como a personagem: triste, sozinha e assim como ela, o carinho de minha mãe me faz sentir-se bem novamente. Daí a importância, do carinho da mãe e de mães e filhos serem amigos, conversarem por que assim um ajuda o outro quando estamos tristes. Nós somos únicos.

O segundo conto debatido foi “Flete”, o qual um aluno (D) leu procurando fazer as pausas e entonações criando um tom de voz para cada personagem, dando mais expressividade à leitura. Depois conversaram espontaneamente sobre o mesmo cada um fazendo a sua colocação. O aluno D toma novamente a palavra e, por sua vez, declara:

> Hoje em dia, com uma escolaridade maior, e com mais acesso aos meios de comunicação e mais esclarecimentos sobre a importância da conversa em família, os filhos têm mais abertura para conversar com os pais, e mais, alguns conversam sobre todo tipo de assunto, isso é muito bom por que ajuda a tirar nossas dúvidas e sabermos o que é certo e o que é errado.

O terceiro conto apresentado foi *Experiência*. Da mesma forma, um aluno leu e depois conversaram espontaneamente sobre o mesmo enquanto o restante da turma ouvia com bastante atenção. Ao término da conversa o aluno O enfatizou sobre a importância daquele momento, os aprendizados que os livros proporcionam quando falou: “Tem vezes que a gente aprende mais nos livros que na televisão, por que o livro ajuda a gente ler. Gosto dos livros mais modernos. Às vezes a gente pega o livro e acha grande ou pequeno, mas o tamanho não importa; o que importa é o que tem dentro”.

Com o término das socializações nos encaminhamos para o fechamento das atividades da segunda edição dos círculos de leitura. Para dirigirmos a avaliação das mesmas, fizemos a leitura de uma carta endereçada aos alunos que tinha como tema “Minha biblioteca íntima”, na qual contamos de maneira breve nossa própria história de leitura. A mesma relata desde a aprendizagem das primeiras letras, de como adquirimos o gosto pela leitura até os dias de hoje. (Ver a carta em anexo). Foi um momento bastante intenso, transbordamos de emoção ao contar para eles nossa história de leitura e sentimos por parte deles também a emoção fluindo à medida que íamos lendo. Ao final, os alunos aplaudiram e fizeram comentários tais como:

“Nossa professora, fiquei emocionado”; “Muita bonita sua história”. Então perguntamos se eles poderiam escrever cartas também nos contando a história de leitura deles e fazendo a avaliação dos nossos Círculos de leitura literária. Foram unânimes em dizer que sim e ficaram animados com a ideia. Com essas socializações encerramos a segunda etapa dos Círculos de Leitura Literária, fruto da nossa intervenção.

A seguir, trataremos das avaliações feitas pelos alunos e de nossa análise à luz das teorias até então estudadas e dos efeitos produzidos através da realização dos mesmos.

4.8 AVALIANDO A INTERVENÇÃO FINAL: A TÉCNICA DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE LEITURA

Chegamos ao término do desenvolvimento desta intervenção com um misto de sentimentos e uma certeza: a de que a batalha pela valorização da leitura literária e aquisição do gosto pela mesma em nossos alunos está muito longe de ser encerrada, porém nos consideramos vencedores na medida em que foi visível o alcance de alguns resultados que serão explicitados nesta nossa avaliação. Não só sob a ótica do professor pesquisador que aqui vos fala, mas também pelas considerações dos próprios alunos envolvidos nessa empreitada.

Temos também a consciência das falhas e limitações ocorridas, mas estas fazem parte do próprio processo educacional que é passível de reflexões sobre nossas ações, bem como aberto a ajustes e correções para então chegarmos a uma prática mais eficiente e homogênea, que atenda as necessidades de nossos educandos.

Começaremos nossa reflexão pondo em relevo, primeiramente, um fator que restringe o trabalho com os Círculos de Leitura Literária, que é o acervo da nossa biblioteca. Temos uma razoável variedade de títulos, mas como as obras devem ser lidas pelos componentes do grupo ao mesmo tempo, faz-se necessário que tenhamos mais de um exemplar por título, e, em sua maioria, dispomos apenas de um único exemplar, limitando assim a escolha das obras. Os que encontram-se em quantidade suficiente para a leitura em grupos, em sua maioria, são os clássicos literários, os quais conforme podemos observar pelas escolhas feitas por nossos

alunos nas duas etapas dos círculos, são deixados um pouco de lado em detrimento de uma literatura mais moderna.

Talvez esse afastamento do cânone ou do clássico literário aconteça devido a questões ligadas a pouca familiaridade vocabular, padrões narrativos mais complexos que os atuais, temas que não lhes causam impacto ou curiosidade imediata o que se torna um fator preponderante nos dias que correm onde na era da informatização e da comunicação rápida.

Os jovens preferem aquilo que é mais fácil, mais condensado, mais próximo de seus conflitos e realidades sociais, econômicas e culturais, dando prioridade às adaptações cinematográficas, resumos encontrados na internet e a supervalorização dos *best-sellers* momentâneos propagados pelas mídias. Isso se torna um entrave para nós, enquanto mediadores e propagadores da leitura literária, na medida em que a maioria das nossas escolas não possui recursos para que possamos acompanhar essas transformações e esse novo gosto literário, como foi o nosso caso, em que se gerou uma grande dificuldade para escolha das obras a serem lidas pelos alunos na nossa segunda etapa dos Círculos de leitura literária.

Superamos esse entrave, pois concordamos com as palavras de Cosson (2014, p. 160-161), quando enfatiza que:

> Não há um texto ideal para os círculos de leitura, mas sim textos adequados àquela comunidade de leitores. [...] texto adequado é aquele que é bom para ler e discutir. Bom para ler é o texto que ‘prende’ o leitor ou suscita seu interesse em fazer uma leitura completa. [...] Bom para discutir, é o texto que desperta, inquieta e demanda uma posição do leitor, um texto cuja leitura parece nos exigir o compartilhamento com alguém.

Sendo assim, nossas escolhas foram válidas à proporção em que observamos um engajamento dos alunos quanto às obras trabalhadas e que eles, em sua maioria, identificaram-se com as leituras feitas e queriam opinar, discutir as situações apresentadas, concordar, discordar, dar seu parecer na tentativa de resolução do problema. Não raro, nos deparamos com falas do tipo: “É dessa forma que acontece em nossa sociedade”; “Essa história fala dos conflitos da família moderna”; “Já vivenciei situação parecida” ou “Conheço alguém que passou por isso”, deixando-nos claro que, para os alunos é mais interessante ler textos que vão ao encontro de suas vivências e particularidades.

Outra questão trazida pela leitura e socialização que merece destaque refere-se à argumentação. O medo ou timidez de se posicionar, de se expressar sobre os textos e diante dos colegas foi minimizado. Embora alguns ainda tenham ficado um pouco mais reservados, a maioria conseguiu explicitar suas ideias e posicionamentos com bastante desenvoltura. Creditamos esse avanço, por mais simples que possa parecer aos olhos de quem não conhece a realidade leitora de nossos alunos, aos Círculos de Leitura Literária, ao trabalho em grupo, pois conforme vemos em Bohm e Marangoni (2011, p. 147):

> Acredita-se que a leitura e o debate em grupo criam um espaço para a divisão das experiências individuais, que se entrelaçam ao texto artístico e alcançam o território coletivo, ressignificadas. Nesse sentido, a entrega e a comunhão de experiências, convicções e temores, que, nessa faixa etária, dispõe de um lugar social estreito, concretiza-se pela via do outro, representado pelo texto literário.

Dessa forma, a contribuição do texto literário para o desenvolvimento e crescimento intelectual e pessoal dos nossos discentes fica evidenciada, na medida em que percebemos o surgimento de fatores que até então eram inexistentes ou pouco notáveis em sala de aula, conforme já mencionamos acima. Isso comprova nosso posicionamento que é posto nas palavras de Theodoro da Silva (2011, p. 44), quando diz que:

> As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento.

Dessa forma, acreditamos ter dado um passo adiante para uma melhor e mais eficiente formação leitora dos nossos alunos. Com isso, abrimos caminhos para que a leitura de fato realmente aconteça e passe a fazer parte de suas rotinas trazendo assim ganhos em sua formação estudantil e pessoal que será levada por toda sua existência, pois como bem mostra Lois (2010, p. 79):

> Aprender a ler não é um conteúdo da escola, é uma etapa da vida do estudante; e ler bem é mais que ser fluente, é saber se posicionar sobre aquilo que se encontra escrito; é ter seus próprios pensamentos; é se envolver com a trama; é gostar de conhecer novos mundos.

Por tudo isso que já mencionamos, e o que ainda vamos citar através das avaliações feitas pelos alunos, temos a certeza de que o encontro com a leitura é algo que deve ser proporcionado cada vez mais cedo a nossas crianças. Isso, de forma que o prazer, a viagem pelo texto, a inspiração e alusão ao seu mundo interior sejam a principal força motivadora, pois quando a leitura acontece por prazer e é feita uma constante em nossas vidas, o posicionamento crítico, a leitura das entrelinhas, acontecem despretensiosamente e sem maiores dificuldades em consequência da maturidade dos leitores.

Diante de nossa pesquisa, os depoimentos dados em sala de aula, com a convivência ao longo de dois anos de experiência com a turma, atrelados ao trabalho com os Círculos de Leitura Literária e a escrita da carta intitulada de "Minha biblioteca íntima", pudemos conhecer melhor a história de vida e de leitura de nossos alunos, bem como a relevância da nossa intervenção para os mesmos.

Traremos agora, a título de comprovação para tudo que já foi falado sobre leitura, literatura e os benefícios dos Círculos de Leitura Literária, algumas falas dos alunos envolvidos nessa maravilhosa experiência de encontro com a leitura que foram colhidas através das cartas. Vale salientar mais uma vez que não citaremos nomes a fim de preservar a identidade de nossos alunos colaboradores. Trataremos apenas como, já viemos fazendo desde o início deste trabalho, por aluno/aluna (A, B, C...). O leitor interessado poderá ler as cartas em anexo.

A Aluna H, de 14 anos, em sua carta, coloca:

> Eu não gostava de ler, mas depois dos grupos de leitura, eu voltei a mim interessar a ler de novo. Nesses grupos de leitura, eu aprendi que graças à leitura e aos livros, você descobre coisas diferentes e aventuras. Eu já peguei na biblioteca, nesses 2 meses 4 livros como: *O Vencedor, Ubirajara, O Sítio do Pica Pau Amarelo* e *A Arca de Noé*. O livro que realmente me marcou foi *O Vencedor*, porque ele se parece com a realidade de hoje.

Pelas palavras acima citadas, percebemos que os círculos de leitura foram de grande importância na descoberta do prazer pela leitura. E ainda fica subtendido que a mesma gosta da literatura, cujos fatos trazem de forma literária acontecimentos que marcam pela semelhança com o seu cotidiano.

Lois (2010, p. 60-61) ilustra bem esse entusiasmo agenciado pelo literário mesmo quando se trata de fatos que possam estar presentes no cotidiano do leitor, ao declarar:

> [...] A arte literária estabelece encontros com os valores, as projeções e as ideias do sujeito no mundo. Ela possibilita que o leitor penetre na pele do outro (um personagem) e se perceba em situações, cujo final, já pré-escrito, lhe dá a segurança que a 'vida real', com suas surpresas e imprevistos, não pode dar. Estar em contato com literatura é desfiar o tecido de uma vida que surpreende a todo tempo pela mágica da imprevisibilidade.

A Aluna J também comenta:

> Na minha infância não gostava muito de ler livros, tanto de literatura, quanto de quadrinhos, mas com o passar do tempo pessoas foram me incentivando, indicando livros e fui gostando. Comecei a ler aos 6 anos de idade. Com o passar do tempo, ler livros virou algo bom para mim e para minha mente. Ler é algo essencial que todos deveria fazer o mesmo. Ao ler você descobre coisas, testa seu conhecimento, abre a mente para coisas que talvez o mundo não mostre. Nos livros tem amor que na vida real possa até existir, mas muito raro. Descobri que ler me faz muito bem e hoje aos 15 anos de idade já li na média uns 30 livros de quase todas as classes. Ler é um bem que a gente faz para si próprio e lendo eu conheci, viajei em outros ares. A leitura é muito importante e vou continuar a ler muitos e muitos livros de romance, que é o que eu gosto e amo.

O depoimento da aluna revela uma apropriação da leitura que vem desde a infância, mas que teve o incentivo de adultos. A mesma tem consciência e sente por sua própria experiência de vida, os ganhos trazidos pela leitura, e ainda encontra na literatura sentimentos e emoções diferentes do seu mundo real. Esse poder transformador da literatura carregado de sentimentos e sensações é revelado em Antunes (2009, p. 200), quando enfatiza que:

> [...] Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia, do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza. Leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Pelo prazer da apreciação, e mais nada.

Nas palavras de Antunes fica evidente ainda mais a adequação do texto literário para a formação de leitores e o estímulo à prática constante da leitura, visto que o mesmo é carregado de subjetividades que vai ao encontro com o emocional dos leitores ajudando a aguçar o seu imaginário conforme vemos no depoimento do aluno O:

> O Círculo de leitura que a professora Socorro fez mim ajudou a descobrir que é muito bom ler, mim fez perceber que a leitura é uma coisa muito importante, ler realmente é muito bom. Ler é viajar por um mundo imaginário onde nos ajuda a descobrir coisas que nós jamais imaginamos

> que existia. Eu descobri tudo isso com a ajuda dos círculos de leitura da professora Socorro Dias.

Outro depoimento que merece destaque e que desperta um sentimento de felicidade e a sensação de que contribuímos de fato, se não para a completude da formação leitora, mas despertando o interesse e gosto pela leitura, é o da aluna A, que conforme ela mesma comenta. E o caro leitor vai lembrar de que anteriormente já citei esta aluna. Trata-se da mesma que repetia enfaticamente que não gostava de ler nada, nem demonstrava abertura para isso. Porém não desistimos dela, buscamos conversar, mostrar a importância e as maravilhas proporcionadas pela leitura e o fruto brotou e se fortaleceu conforme podemos ver em:

> No primeiro círculo, houve uma palestra com Corrinha e seu amigo. Lá todos se reuniram no círculo e a professora entregou um livro a cada um. Chega a hora de lerem seus livros, a professora perguntou o entendimento do texto e o que acharam. Eu levantei a mão e falei que não gostava de ler, achava desnecessário. Ela (a professora) falou que ler é muito bom e que, sempre que eu pudesse, pegasse um na biblioteca para ver como além de melhorar a leitura, conhecer mais sobre assuntos e treinar o cérebro para atividades do dia-a-dia, poderia me tornar uma pessoa melhor. Ela passou vários trabalhos e atividades utilizando o livro. A partir daí fui me interessando mais pela leitura, aprendi mais. Enfim, amei!

As palavras da aluna A mostram que houve um grande avanço, na medida em que a mesma era avessa à leitura e com a realização da intervenção conseguimos mudar sua opinião e atitude leitora. Isso vem ratificar a importância do trabalho e insistência constante do professor a fim de promover o gosto pela leitura. Lois (2010, p. 82), destaca a dimensão do papel do professor no despertar para a leitura ao apontar que:

> Para que o estudante veja o ato de ler com outros olhos; ou melhor, para que ele resgate o prazer de ler, é necessário que o professor dialogue com a leitura como quem dialoga com a arte, buscando nela sua capacidade de fazer contemplar e refletir, e que trace nesse triângulo – professor/leitura/estudante – uma comunicação escolarizada, porém menos pedagogizada e mais preocupada com o prazer do texto.

Somos conhecedores da relevância desse papel e buscamos sempre estar atentos às práticas de leitura de nossos alunos a fim de instigar ainda mais aqueles que já a praticam e conduzir aqueles que ainda não descobriram as maravilhas que a leitura proporciona. E, conforme temos observado pelos depoimentos, estamos dando passos importantes para a realização desse feito.

Podemos confirmar esses avanços nos depoimentos das alunas F e I apresentados a seguir.

Aluna F: “Sobre os círculos de leitura gostei bastante, pois foi aí que despertei o meu interesse para ler. Se tivesse de dar uma nota dava um 10”. A Aluna I salienta: “Em minha opinião, sua iniciativa para nos aproximar dos livros, foi ótima, eu gostava de ler, mas tinha parado há alguns meses. E com o início do círculo de leitura me aproximei ainda mais dos livros e hoje não vivo mais sem eles”.

Entendemos que, para se adquirir o gosto pela leitura é necessário estar em contato com ela, se entregar aos livros e deixar-se envolver pela trama, viajar pelo mundo da imaginação, conforme aponta Petit (2009, p. 47): “Para ‘encontrar vida nas palavras’, é preciso ‘estar com os livros, sem pudores’ [...]. Em outras palavras, esses objetos não podem constituir um monumento intimidador, enfadonho”.

Dessa forma, os Círculos de Leitura Literária contribuíram de forma significativa para aproximar e reaproximar os discentes dos livros e, consequentemente, do mundo da leitura. Podemos observar isso nas palavras do Aluno L:

> Achei muito bom os círculos de leitura em sala de aula porque desperta o interesse sobre os livros e a leitura. Comecei a ler muitos livros como *Peter Pan, Ponte para Terabítia, Cabelos molhados* e etc... Eu achei muito bom todos eles. Hoje eu leio e gosto e pretendo ler muito ainda.

E o aluno E por sua vez, destaca:

> Tenho quatorze anos. Minha convivência com a leitura era muito pouca quando eu estudava no sítio, não estou falando mal da escola, pelo contrário, os professores sempre foram bons, eu que não queria ler, mas eles sempre diziam que era bom ler. Eu só ligava em jogar bola e brincar, mas estudava. Sempre fui bom aluno, só não queria ler. Minha mãe me ajudou muito a fazer meus deveres de casa. Passei de ano e fui estudar no Zenon de Sousa, uma escola boa que tem professores excelentes, mas tem uma que pra mim ela é a melhor de todas, pena que tem alguns que não reconhece, aí ela que me incentivou a ler quando começou com os círculos de leituras eu me interessei a ler os livros que ela passava. O primeiro livro que li foi Contos de enganar a morte de Ricardo Azevedo que até arrumei um livro desses pra mim e aqui acolá eu leio ele. Desde então fui tendo convivência com a leitura e hoje eu gosto de ler graças a Socorro uma ótima professora que quem quer aprender é com ela a pessoa certa.

Diante do exposto acima, defendemos que esses avanços só foram possíveis graças à maneira como foram colocadas as leituras das obras literárias. De sorte que os alunos sentiram-se parte integrante do processo de uma forma bem

dinâmica, desprovidos de cobranças exageradas e atribuições de notas, do certo ou do errado, mas sim de um compartilhar de leituras e experiências que os livros lhes trouxeram. Nesse sentido concordamos com Alves (2013, p.45) quando fala a respeito da formação de leitores destacando:

> É fundamental pensar em procedimentos que fujam da tradicional aula expositiva de literatura, das abordagens que têm como ponto de partida não o texto, mas informações históricas, formais, temáticas sobre autores e obras. É imprescindível sempre partir do texto literário – seja ele popular ou erudito – e procurar, no âmbito da escola, realizar o que Colomer (2007) chama se leitura compartilhada. Noutras palavras, estimular o jovem leitor ou a criança a se pronunciar sobre o texto, dizer seu ponto de vista, a dialogar com o texto e com os colegas.

Dessa forma, os círculos de leitura literária foram de suma importância e se adequaram perfeitamente às nossas intenções, na medida em que têm como foco o compartilhamento de leituras.

O depoimento da Aluna C também vai mostrar o quão importante foi a realização desse projeto para despertar o gosto pela leitura.

> Antes eu não gostava de ler, de se interessar pelos livros, mas depois que você começou o projeto de leitura onde eu li o meu primeiro livro com interesse (acho que foi o meu primeiro) foi o livro Os miseráveis, daí comprei um livro (A culpa é das estrelas) e aí fui gostando mais dos livros e querendo ler mais e mais. Suas aulas me incentivaram muito a não só gostar dos livros, mas também da matéria de 'Português'. Não só eu, mas sei que muitos assim como eu estão gostando de livros através de você. Suas aulas mostravam o lado bom da vida que era a leitura, muitos não queriam sabe, mas depois do projeto foram gostando assim como eu e agora tô querendo montar uma biblioteca no meu quarto porque nada é melhor que ler.

E a Aluna G, comenta:

> Quando eu estudava no sítio a matéria que eu mais gostava era português, porque o professor colocava para nós ler em casa um livro e eu adorava ler, mas depois que fui estudar em Umarizal na escola Zenon de Sousa mim afastei mais dos livros, mas depois que a professora colocou nós pra fazer um trabalho círculo de leitura eu voltei a ler vários livros como Cidades de papel, Palavras, palavrinhas e palavrões, Cabelos molhados e A culpa é das estrelas e agora estou lendo 50 tons de cinza, gostei muito do círculo de leitura.

O Aluno D em sua carta declara:

> [...] Eu só vim aprender a ler mesmo no 2º ano graças as professoras, como meu pai vivia viajando ele nunca me incentivava a ler, eu só lia na Escola

> dia de sexta-feira. No 3º, 4º, 5º ano eu estudei na Escola Municipal Santa Filomena e era tudo igual, eu só lia nas sextas-feiras e ninguém me incentivava além das professoras. Já no 6º ano letivo eu me interessei mais em lê por que podia levar os livros para casa. No 7º ano letivo eu esqueci o mundo dos livros não sei por que. Vim despertar novamente no 8º ano quando a professora Socorro Dias fez os círculos de leitura e hoje estou no 9º ano letivo. Fora da escola esse ano já li dois livros "50 tons de cinza e 50 tons mais escuros" e se Deus quiser vou ler o outro "50 tons de liberdade". Sim! Sobre o círculo de leitura eu achei uma boa ideia. Em compensação o melhor ano de círculo foi a do ano passado, mas o desse ano passado também foi bom, mas parabéns pela ideia.

Após esses depoimentos, trazemos para nossa reflexão as palavras de Pierre Bayard (2007, *apud* PETIT 2009, p. 111), quando diz que:

> Os livros são uma segunda linguagem, aos quais recorremos para falarmos de nós mesmos, 'um espaço privilegiado para a descoberta de si': 'O bom leitor opera uma *travessia dos livros*, sabe que cada um carrega uma parte dele mesmo e pode mostrar-lhe o caminho, se ele tiver a sabedoria de não parar por ali [...] a linguagem pode encontrar na travessia do livro o meio para falar daquilo que geralmente nos escapa'.

Conforme o exposto, podemos dizer que a leitura é essencial para a descoberta de nós mesmos. Ela nos auxilia a entendermos as coisas ao nosso redor e a nós mesmos e é um caminho que nos leva a muitos lugares e, ao mesmo tempo, a um infinito, já que nunca nos cansamos, nem tão pouco paramos de aprender e de nos descobrir enquanto seres humanos. E foi essa descoberta que acreditamos ter exercido tanto fascínio em nossos alunos com os Círculos de Leitura Literária. E a literatura foi escolhida propositalmente por nos levar a esse mundo de descobertas e emoções que tanto apreciamos, como enfatiza Petit (2009, p. 286):

> A literatura, em particular, sob todas as suas formas (mitos e lendas, contos, poemas, romances, teatro, diários íntimos, história em quadrinhos, livros ilustrados, ensaios – desde que sejam 'escritos'), fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relança a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas.

As palavras da autora supracitada dialogam com o que vemos na carta da Aluna N, ao abordar a força propulsora de sentimentos e emoções explorados e evidenciados através da leitura e apreciação do texto literário. Vejamos:

> Aos 4 (quatro) anos eu entrei na escola, aos 6 (seis) aprendi a ler. Não sou muito chegada a ler, mais às vezes leio livro de romances e histórias em quadrinhos, mas na leitura as histórias que mais mim fascinam são as

> histórias de superação, aquelas que nos fazem refletir sobre o que está sendo tratado. Amo ler livros onde as histórias neles contadas mim surpreenda, mim faça querer ler mais umas mil vezes. Quando estou lendo não gosto que ninguém mim atrapalhe, gosto de ler em um lugar calmo e tranquilo, onde esteja só eu, o livro e a minha imaginação para que eu possa entender bem direitinho o que está sendo contado.

Conforme o exposto, observamos que a fala da aluna dialoga com o que postula Costa (2007, p. 48), ao afirmar que:

> Ler é reconhecer-se. Toda vez que percebemos a identificação do leitor com situações, sentimentos e personagens, vivenciamos o poder de expressar o ser humano, que o texto literário, por natureza, contém. É por isso que o leitor alimenta seu imaginário ao interagir com as construções literárias, inventadas a partir do real.

A Aluna P, sobre qual traremos o depoimento a seguir, também reconhece os benefícios da leitura e está buscando torná-la parte integrante do seu dia a dia, na medida em que escreve:

> O círculo de leitura que a professora Socorro fez com a gente me deixou mais focada com na leitura porque antes não gostava tanto de ler os livros da escola Estadual Zenon de Souza, mas com os círculos de leitura comecei a focar mais nos livros e aprendi que a leitura nos faz melhorar a escrita e também a raciocinar mais as coisas. Obrigada professora Socorro por ter abrido a minha mente sobre a leitura.

A fala supracitada deixa a entender que a aluna, quando envolvida em um contato mais próximo com a leitura, experimentou, ou, melhor ainda, apropriou-se de benefícios advindos com a prática da leitura. Como ela mesma comenta a questão de melhorias na escrita e entendimento do mundo ao seu redor, uma amplitude no seu modo de se ver e ver as coisas que a cercam, reforçando ainda mais o caráter formativo da leitura literária. A mesma coloca em evidência o papel do professor como mediador desse processo. Zinani e Pezzi dos Santos (2013, p. 157), ilustram bem o que acabamos de comentar ao declararem que:

> A mediação do professor na condução da leitura de textos literários, por conseguinte, pode determinar a constituição de um leitor produtor de sentidos, pois não basta decodificar o que está escrito na página, é necessário que o aprendiz, a partir de seu repertório de conhecimento, tenha a oportunidade de alargar seu horizonte de expectativas para poder tornar-se um apreciador da palavra artística. Por esse viés, viabiliza-se uma visão de ensino de literatura que transgride o processo de respostas pré-determinadas para dar lugar a uma diversidade de alternativas possíveis em que o aluno se percebe um ser humano capaz de pensar criticamente.

Dessa forma, compreendemos que o educador comprometido com uma formação eficiente dos seus alunos deve ser, antes do tudo, um mediador, um incentivador. Mas principalmente, um leitor assíduo do texto literário para que assim possa instigar de forma coerente o prazer, o gosto pela leitura e em consequência disso, teremos: sujeitos mais ativos, críticos e reflexivos não só na escola, mas na vida de um modo geral.

Citamos agora algumas palavras da aluna B que corroboram com as nossas reflexões acerca da leitura literária. A mesma coloca:

> Não fui uma criança muito ligada na leitura por que meus pais não tinham condições de comprar livros para eu ler, nesse tempo só tive oportunidade de ver e admirar um livro dos 9 anos em diante, foi quando comecei a ler. Daí em diante, sempre gostei de ler. Hoje sempre que posso gosto de ler histórias para minha irmã e falo sempre para ela que os estudos é tudo na vida, foi o que sempre meus pais me falaram. Hoje ela tem o que eu não tive, a oportunidade de ouvir meus pais lerem para mim. Ler para ela é o que eu mais gosto de fazer. O livro que mais gostei de ler foi *A culpa é das estrelas*, também os contos e os poemas de amor e etc. Gosto muito da leitura por que ela nos faz viajar, refletir, aprender e nos dar mais possibilidade para gostar de ler não importa o tamanho do livro, mas sim o que está nele. Aprendi isso com minha querida professora Corrinha que me mostrou e aos meus colegas a importância que a leitura tem na vida de cada um de nós.

A Aluna M, por sua vez relata:

> Desde cedo comecei a estudar e me interessar pela leitura, logo comecei a observar as pessoas lendo e com incentivo da professora fui me apaixonando pelos livros. [...] Os professores e minha mãe sempre me incentivaram para o estudo, para a importância do hábito de ler. Hoje gosto bastante de livros de contos, ficção, livros que nos levam a imaginar coisas incríveis. Outro meio de leitura constante é a internet. Adoro ler sobre meus ídolos, conversar com pessoas e ouvir música. O costume de ler e aprender fez com que eu me interessasse pela musica, tendo a capacidade de compor, uma inspiração vinda através dos livros. Sou muito grata a leitura, e espero que sempre eu possa gostar de ler. A leitura muda o mundo, sempre para melhor!

As declarações das alunas B e M mostram que as mesmas têm consciência da relevância da leitura para suas vidas, e que a aluna B, mesmo não tendo o auxílio efetivo dos pais e um encontro um pouco tardio com a leitura, não desistiu e tem na leitura a inspiração para viagens e reflexões, e procura, por sua própria experiência de vida, inserir a irmã nesse mundo encantado através da “contação” de histórias.

Com esse depoimento, podemos dizer que, mesmo de forma inconsciente a aluna B, quando dedica seu tempo a contar/ler histórias para sua irmã, deixa

transparecer o valor atribuído à leitura, bem como tem convicção da importância do estímulo da família e da sua ação para promover o gosto pela leitura em sua irmã.

Sobre a contação de histórias na infância, concordamos com Costa (2007, p. 89), quando diz que “contar histórias – assim como ouvi-las – é uma experiência humana insubstituível”. Portanto temos aí um duplo benefício: ambas envolvidas se apoderam da literatura como uma forma prazerosa de entretenimento, interação e estreitamento do vínculo familiar.

Já a aluna M diz que o gosto pela leitura encontra respaldo na intervenção de um adulto. Ou seja, houve quem a incentivasse e a inserisse nesse mundo. E ainda vai além, encontra em suas leituras inspiração para fazer outra atividade que lhes dar prazer que é compor músicas. Isso leva-nos a crer e a perceber o quão importante é a leitura na vida do ser humano e quantas possibilidades esta tem a oferecer para quem a ela se dedica. A esse respeito Costa (2007, p. 23), declara:

> A competência de leitura, adquirida nas trocas que, enquanto leitor, ela realiza, aperfeiçoa-se ao longo da vida e pode mantê-la conectada à toda produção do pensar, agir e criar, realizada pela humanidade e registrada em formato de textos escritos. A força dessa aprendizagem constrói consciência e atitudes eficazes ao longo da vida.

Desse modo, é incontestável o poder que a leitura exerce em nossas vidas. Através da mesma é que desbravamos mundos nunca imaginados, realizamos vários feitos e nos realizamos enquanto pessoas através de nossas atitudes que são consequências de nossas aprendizagens.

Portanto, como educadores, é nosso dever propiciar aos nossos educandos esse contato e apreço pela leitura, em especial a literária, pois esta possui em sua essência elementos que alimentam e fortalecem nossa alma, conforme vemos nas palavras de Cândido (1995, *apud* SILVA, 2005, p. 63) quando afirma:

> A literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Com esses depoimentos e as considerações teóricas a respeito dos mesmos e do ensino de leitura literária encerramos nossa intervenção e sua avaliação com um sentimento de que, de alguma forma contribuímos para o despertar da leitura em

nossos alunos. E mais ainda, com a certeza de que a literatura quando bem trabalhada em sala de aula provoca efeitos positivos a quem a ela se dedica.

Encerramos essas discussões com as palavras de Petit (2009, p. 289), que define de forma clara e sucinta nosso pensamento acerca do ingresso e permanência dos nossos alunos no mundo literário.

> A literatura, a cultura e arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências.

A seguir traremos as nossas considerações finais acerca da nossa pesquisa/ intervenção onde explicitaremos de forma mais detalhadas as conclusões a que chegamos ao longo do desenvolvimento e finalização do nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões a respeito da leitura nos últimos tempos vêm tomando cada vez mais espaço nas deliberações, não somente daqueles envolvidos no processo educacional, mas atinge diversas esferas da sociedade. As mesmas permeiam entre a falta que a leitura faz, sobre resultados de pesquisas e estudos sobre o número de leitores, o que eles leem e com que frequência leem, perpassando por discussões sobre métodos e procedimentos que devem ser adotados para melhorar um quadro considerado deficitário. É certo que a apropriação da leitura e da escrita, consequentemente, é sobremaneira um fator preponderante para o desfrute dos bens que a sociedade oferece, não sendo apenas um fator essencial para o sucesso escolar.

Portanto, na sociedade competitiva e tecnológica na qual estamos inseridos, a leitura torna-se ao mesmo tempo, fator de inclusão e exclusão. Inclusão para aqueles que dela se apropriam e exclusão para aqueles que, por diversos motivos, não tiveram acesso ou não conseguiram permanecer imersos na cultura letrada. Sendo assim, a preocupação é tamanha para que possamos fazer cada vez da leitura um fator inclusivo, ao alcance de todos.

Mas a quem compete prover inclusão? Os debates se acaloram ainda mais quando se discute sobre a quem devemos atribuir a responsabilidade por propiciar e mediar à formação de leitores desde a infância até a vida adulta.

Discussões à parte, sabemos que essa tarefa é delegada em sua maioria, à escola e, principalmente ao professor de Língua de Portuguesa como se o aprendizado da leitura fosse uma questão disciplinar.

Depois da tomada de consciência da escola como principal provedora da formação leitora, reconhecida a sua importância e responsabilidade para com a sua clientela e a sociedade em geral, temos então outros embates: como fazer e o que fazer para se formar leitores? Como instigar o gosto pela leitura e vencer a concorrência que a sociedade extraescolar oferece e que atrai tantos nossas crianças e adolescentes?

Depois de muitas reflexões, observações e conversas em sala de aula pudemos perceber que uma porta de entrada seria o texto literário, na medida em que, mesmo de forma inconsciente, é a literatura, a qual, com seus contos de fadas,

fábulas, entre outros, entra como sendo o primeiro contato da maioria das crianças com o mundo encantado das palavras.

Esse contato muitas vezes é perdido ainda na infância quando a escola prioriza outros gêneros para auxiliar na alfabetização e mais ainda no Ensino Fundamental II, quando há uma escassez do literário na maioria dos livros didáticos dando lugar a textos publicitários, informativos, argumentativos, entre outros, e o texto literário quando aparece resume-se a pequenos trechos para fins de análises linguísticas.

Dessa forma, procuramos responder a nossa inquietação inicial de como contribuir para a formação leitora e despertar o gosto pela leitura através da literatura, esforçando-nos para resgatar o texto literário em sua totalidade para sala de aula por compreendermos que este vem a suprir as nossas necessidades e anseios. Para esta empreitada apostamos nos Círculos de Leitura Literária por compreendermos que só se aprende a ler, e se adquire o gosto pela leitura, lendo.

Sendo assim, nos apropriamos e examinamos o que alguns estudos versam sobre a formação de leitores a partir dessa metodologia e ratificamos que este abre caminhos e fomenta a necessidade de se formar leitores autônomos, críticos e participativos não só no contexto escolar, mas na vida social de forma bem ampla.

Nossa aposta residiu no fato de buscarmos mediar práticas de leituras diferentemente do ensino o qual estamos acostumados a vivenciar. A prática da leitura literária quando acontece se restringe a um meio avaliativo com questionários e exercícios posteriores com julgamentos de erros e acertos para a atribuição de notas.

Contrários a essa metodologia, os Círculos de Leitura Literária, buscaram uma leitura autêntica, prazerosa, sem o ranço da avaliação tradicional e classificatória, mas sim uma reflexão e análise sobre os avanços e as mudanças de posturas dos educando mediante as atividades propostas. O que pregamos foi a leitura e a socialização espontânea. Prática em que todos os participantes tinham voz e vez, configurando assim uma maior abertura para se posicionarem e argumentarem suas ideias a respeito dos textos lidos.

Graças a isso, podemos dizer que conseguimos atingir de forma satisfatória os objetivos por nós elencados no início deste trabalho conforme pudemos observar na concretização das atividades, nas atitudes dos alunos frente à leitura e nos depoimentos feitos através das cartas em anexo nessa pesquisa, pois conseguimos

envolver toda a turma nas aulas de leitura, inclusive os alunos com níveis de leitura mais fracos. Notamos melhoras quanto aos modos de ler, quanto a questão da pontuação, as mudanças nos turnos de fala e um significativo avanço no tocante a interpretação textual, na medida em que observados alunos mais centrados no texto, com maior facilidade de reflexão e atribuição de sentidos ao mesmo, buscando desenvolver e expressar seus próprios argumentos. Outros objetivos que foram atingidos satisfatoriamente que merecem destaque foram: o fortalecimento do trabalho em equipe, no qual constamos a união dos membros dos grupos em torno de suas pretensões, bem como o compartilhamento de aprendizados, o que culminou com nosso ponto principal: a aquisição do gosto pela leitura.

Vale abrir aqui um espaço para destacarmos e falarmos de forma breve sobre a maneira pela qual procedemos para fazermos a avaliação dos Círculos de Leitura Literária, que foram as cartas intituladas de “Minha biblioteca íntima”. Nelas vimos uma forma de como os leitores falarem de modo espontâneo sobre sua história de vida, de leitura e, ao mesmo tempo, falar das contribuições dos Círculos para eles, enquanto leitores.

Consideramos também que foi de grande importância o modo como lhes abordamos, pois em primeiro lugar, pudemos mostrar nossa história, o nosso exemplo, para que eles se sentissem motivados e encorajados a abrir a trajetória de vida deles para nós e mensurar os efeitos da nossa empreitada para a sua formação leitora, ou pelo menos, para início de um longo caminho a ser percorrido.

Dessa forma, podemos dizer que nosso esforço e dedicação na concretização desse projeto/intervenção valeu a pena, na medida em que contribuímos para despertar o gosto pela leitura, resgatar a literatura em nossa sala de aula de forma prazerosa, encorajar o debate, as discussões e as socializações das ideias e posicionamento dos alunos, que antes era quase inexistente. Conseguimos através dos Círculos de Leitura Literária romper com o silêncio que antes habitava a sala de aula frente a um texto. Enfim, temos a consciência de que não resolvemos todos os problemas concernentes à leitura, até porque tivemos um tempo limitado, mas ao menos contribuímos para a abertura de novas possibilidades e fomos capazes de aproximar os alunos da leitura, dos livros.

Assim sendo, reiteramos o poder transformador que a leitura exerce na vida das pessoas e acreditamos ainda mais que esta deve ser instigada, mediada, incentivada incansavelmente por toda a comunidade escolar para que cheguemos

de fato a ser um país de leitores. Compreendemos também não somente ser papel da escola inserir o indivíduo nas práticas de leitura, mas que esta tem em suas mãos o poder de cativar leitores com metodologias favorecedoras ao despertar de uma leitura prazerosa, reflexiva, libertadora, que traga para aqueles que a praticam a abertura de novos rumos em suas vidas e daqueles que os rodeiam.

Para tanto, legitimamos o texto literário como sendo o elo, a ponte que viabiliza o encontro do nosso alunado com o precioso mundo da leitura e consequentemente, com novas possibilidades, já que este traz em sua tessitura o encantamento, a beleza, o mistério e a vivacidade que buscamos para enfrentar os percalços a que somos submetidos todos os dias de nossas vidas.

Em virtude dos resultados obtidos e das conclusões a que chegamos sobre: a formação leitora, o gosto pela leitura e do potencial que o texto literário possui para o trabalho em sala de aula, recomendamos àqueles educadores comprometidos com o seu papel de mediador de saberes e formador de leitores proficientes, a metodologia por nós adotada com os Círculos de Leitura Literária. A realização destes nos mostrou que é possível, mesmo diante de tantas dificuldades, reavivar e trazer de volta para nossas salas de aula a leitura prazerosa, o encantamento com as palavras, e acima de tudo, um trabalho com o texto desprendido de julgamentos e de tons avaliativos.

Acreditamos que com estas atitudes, é que podemos minorar as deficiências leitoras encontradas em nossos alunos ao longo de nossa caminhada. Salientamos aos colegas professores que por ventura venham a se interessar por esta prática, que a mesma não tem contraindicação de idade, nível de leitor ou série escolar, já que a literatura é riquíssima em variedades que atinge a todos os públicos, desde leitores mais leigos e iniciantes até aos leitores mais veteranos e aplicados.

Em vista de tudo o que foi colocado até aqui, ambicionamos não parar tão cedo, pretendemos em um momento posterior dar continuidade à nossa pesquisa ainda tomando os Círculos de Leitura Literária como suporte, bem como explorar com mais profundidade as narrativas autobiográficas, no caso as cartas, formando uma dupla poderosa em busca de inovações para a formação leitora. Para tanto, precisamos aprofundar nossos estudos e essas ferramentas de ensino tomando como base duas fontes teóricas: a corrente das narrativas autobiográficas, da Professora Conceição Passeggi – UFRN e da relação com o saber, do Professor Bernard Charlot – UFS.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. H. P. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.) **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013, p. 35-49 (Estratégias de ensino).

AMARILHA, M. **Alice que não foi ao país das maravilhas:** a leitura crítica na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2006.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZEVEDO, F. **Língua materna e literatura infantil:** elementos nucleares para professores do Ensino Básico. Lisboa: Lidel, 2006.

BARROS, M. G; TAMANINI, J. Interpretações da leitura em livros didáticos. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá. **Anais**. Maringá: 2009, p. 1858-1870.

BELINTANE, C. **Oralidade e alfabetização:** uma nova abordagem da alfabetização e do letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOHM, V; MARANGONI, M. C. T. Círculo de leitura: ressignificando experiências. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 143-157, 2011. Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/16567/14643> Acesso em: 08 abr. 2015.

BORTONI-RICARDO, E. M. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, A. **Vários escritos.** 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHIAPPINI, L. **Aprender e ensinar contextos didáticos e para didáticos**. 5 ed. v. 2. São Paulo: Cortez, 2007.

COLL, C. **Los contenidos en la reforma.** Madrid: Santillana, 9-18, 1992.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Literatura: modos de ler na escola. In: Semana de Letras, 11, 2011, Porto Alegre. **Anais recurso eletrônico.** FALE/PUCRS Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/corpus.html> Acesso em: 28 nov. 2014.

COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura Infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

CUNHA, J. R. Incentivo à formação do leitor. In: Semana de Letras, 10, 2010, Porto Alegre/RS. **Anais da X Semana de Letras.** Porto Alegre: EDIPUCS, 2010. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/> Acesso em: 14 jul. 2014.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=ler]> Acesso em: 12 jul. 2014.

DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.) **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013, p. 67-97 (Estratégias de ensino).

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, Paraná: Brasil Educar, nº 16, 2000, p. 181-191, 2000.

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Pró-Livro, 2012.

GONÇALVES, S. Aprender a ler e compreensão do texto: processo cognitivo e estratégias de ensino. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, España: n. 46, p. 135-151, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2011> Acesso em: 15 jul. 2014.

ISENSEE, A. S. **A leitura literária na formação humana:** um olhar discente. Blumenau, 2004. 79 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

JACOBI, P. R; TOLEDO, R. F. pesquisa□ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação e Sociedade.** Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, jan./mar, 2013. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 25 jan. 2015.

KLEIMAN, A. **Leitura, ensino e pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

_____. **Oficina de leitura:** teoria e prática.14. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola:** o real, o possível, e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOIS, L. **Teoria e prática da formação do leitor:** leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARTINS, M. **O que é a leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração.** São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem/1996, p. 1-5.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna.** Natal: EDUFRN, 2011.

PASSOS, J. S; SACRAMENTO, C. S. Círculos de leitura: influências na formação do leitor proficiente. In: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, 17, 2009, Campinas/São Paulo. **Anais recurso eletrônico**. Campinas: UNICAMP, 2009 Disponível em:<http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/cadernodeatividades.pdf> Acesso em: 25 jul. 2014.

PAULINO, G. et al. **Tipos de textos, modos de leitura.** Goiânia: Formato, 2001.

PAULINO, G; COSSON, R. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PINHEIRO, A. S; RAMOS, F. B. (Orgs.) **Leitura e formação continuada de professores:** desafios da prática educativa. Campinas: Mercado das letras; Dourados: UFGD, 2013.

REGIMENTO GERAL DO PROFLETRAS. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/~profletras/images/pdf/REGIMENTO%20PROFELETRAS.pdf> Acesso em: 13 jul. 2014.

ROJO, R; MOURA**,** E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial. 2012.

ROUXEL, A. Tradução: Neide Luzia de Rezende. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.) **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013, p. 17-33 (Estratégias de ensino).

SANTOS, L. W. Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: TAVARES, K. C. A; BECHER-COSTA, S. B.A; FRANCO, C. P. (Orgs.) **Ensino de leitura:** fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011.

SANTOS, D. C. L; PAIVA, S. C. F. Literatura infantil e a formação do professor formador de leitores. In: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 3, 2012, Porto Alegre. **Anais recurso eletrônico.** II Fórum Latino Americano de pesquisadores em leitura. Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: < http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S6/danielesantos.pdf> Acesso em: 20 fev. 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, S. A. **A Leitura Literária e a Formação de Leitores nas 3as e 4as séries do Ensino Fundamental da cidade de Paranavaí.** Maringá, 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Estudos Literários) - Universidade Estadual de Maringá – UEM.

SILVA, E. T. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. M. Leitores, leitura e círculos: uma perspectiva metodológica. **Ponto de Acesso**. Salvador, v.6, n.1, p. 92-107, abr. 2012. Disponível em: < www.pontodeacesso.ici.ufba.br> Acesso em: 15 jan. 2015.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação)

TRIPP, D. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, nº. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VILELA, M. G. **Sobre o ensino da literatura:** os ensinamentos de Xerazade. Tradução: Mª Eugénia de Castro de Sá da Bandeira. Lisboa: Publicações Europa-América, s./d. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4593.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2015.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YEN-TSANG, C; DULTRA-DE-LIMA, R. G; PRETTO, K. Análise qualitativa das publicações nacionais e internacionais em etnografias em administração e estudos organizacionais. **Administração: ensino e pesquisa,** Rio de Janeiro, v. 14 nº 2, p. 211–247, abr/mai/jun, 2013. Disponível em: < http://old.angrad.org.br/_resources/_circuits/article/article_1502.pdf> Acesso em: 15 dez. 2014.

YUNES, E. Círculos de Leitura: teorizando a prática. **Leitura: Teoria e prática**, Campinas, v. 18, n. 33, p. 17-21, jun. 1999.

ZINANI, C. J. A; SANTOS, S. R. P. Leitura literária e ensino: pesquisa em sala de aula. In: PINHEIRO, A. S; RAMOS, F. B. (Orgs.) **Literatura e formação continuada de professores:** desafios da prática educativa. Campinas: Mercado de Letras; Dourados: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

APÊNDICES

Apêndice A – Carta aos alunos “Minha biblioteca íntima”

Lucrécia/RN, 27.04.2015

Queridos alunos do 9º ano, boa tarde!

Estou escrevendo esta carta para contar-lhes um pouco da minha história de leitura, abrir para vocês a quem eu tanto admiro e desejo o bem, a minha “Biblioteca íntima”. É com muita emoção que procuro em minha memória as mais remotas lembranças dos meus primeiros contatos com a leitura até os dias atuais. Nasci em uma família humilde, residente na zona rural do município de Lucrécia onde vivi até aproximadamente até os 21 anos de idade. Meu pai é agricultor e analfabeto funcional, ou seja, escreve apenas o nome e lê pequenas palavras. Minha mãe, também agricultora, concluiu o Ensino Fundamental II e começou o Ensino Médio, mas por circunstâncias da vida, desistiu, porém mesmo com todas as dificuldades existentes, meus pais sempre se preocuparam com a minha educação e a dos meus três irmãos.

Comecei a frequentar a escola com seis anos acompanhando minha irmã mais velha na primeira série, como assim era chamada, mesmo não podendo efetuar matrícula devido à idade. Não havia naquela época, na comunidade onde morávamos creche ou pré-escola. Ah, queridos alunos, se vocês soubessem o quanto era difícil. Íamos a pé de um sítio para outro todos os dias. No ano seguinte, já com sete anos, pude efetuar a matrícula e frequentar normalmente, neste lembro-me que já sabia juntar as sílabas.

Bem, partindo agora para a leitura, de como adquiri o gosto pela mesma, tenho algumas lembranças bem vagas e outras bem marcantes. Em primeiro lugar não lembro ter ouvido de minha mãe ou de meu pai as tão famosas e encantadoras histórias infantis. Só lembro que ela pedia sempre para estudarmos e mais enfaticamente ainda para nos comportarmos bem na escola, se não..., eram chineladas, cipoadas, na certa.

Aprendi a ler mesmo na 2ª série, embora não soubesse escrever ainda. Além das leituras do livro didático na escola, o contato que tinha com a leitura era através

do meu avô – essas lembranças eu as guardo até hoje com muito carinho. Embora ele não soubesse ler nem escrever, era apaixonado pela Literatura de Cordel. Para satisfazer a essa paixão, trazia aos domingos, um amigo que também gostava dessa literatura, sabia ler e que possuía vários livretos, para recitar os poemas. Eu como uma criança sapeca e curiosa que sempre fui ficava ali quietinha a escutá-los. Isso acontecia constantemente até que aprendi a ler corretamente e meu avô pedia emprestado com seu amigo Vicente e às vezes até comprava os cordéis para que eu os lesse para ele.

Outro fato, queridos alunos, que não me sai da memória e lembro com saudades, que me inseriu mais ainda nesse maravilhoso mundo da leitura e da escrita, foi que meus avós eram bastante religiosos, faziam novenas constantemente na enorme calçada de sua casa e meu avô gostava muito de cantar “benditos” – que devido à idade de vocês, acredito, nem saibam do que se trata – pois bem, o bendito é um hino religioso dedicado a um santo. À cada santo um bendito, e meu avô sabia de muitos, já que era devoto de vários santos. Sim, mas onde entra a leitura e a escrita? É o que vocês devem estar se perguntando. Pois bem, como meu avô não sabia ler nem escrever ele guardava-os todos em sua memória. Devido a isso, ele sempre cantava sozinho, um ou outro era que minha avó o acompanhava. Então, para que as novenas ficassem mais animadas, ele teve a ideia de fazer um caderno com esses benditos. É aí onde entra a minha participação. Foram dias e dias, ele cantando e eu transcrevendo no caderno aqueles benditos, de São José, Santa Luzia, Santo Antônio, entre tantos outros. Enfim, construímos um Caderno de Benditos, que durou por muitos anos, até levar sumiço em alguma das faxinas feitas na casa. O que me deixa triste, porque deveria guardá-los comigo até hoje.

Meus caros alunos, e se eu disser para vocês que livros já foram objetos de enfeite na casa de minha avó e que eu era impedida de lê-los, vocês acreditam? É, amigos, isso aconteceu de fato. Era um desejo meu ler aqueles maravilhosos livros verdes e cor de vinho, com letras douradas da coleção de minha tia. Lembro bem, eles ficavam no último degrau da estante em suporte de madeira, eram uns livros da Editora Abril. Entre eles tinham histórias em quadrinhos, Dom Casmurro e outros tantos que eu não lembro. Ela não nos deixava pegá-los por medo de estragarmos. Algumas vezes, quando ela saía, eu minha irmã nos arriscávamos subindo em cadeiras para alcançá-los e saborearmos algumas das histórias em quadrinhos. Só muito tempo depois, quando nós já havíamos crescido e os filhos dela nascido, é

que finalmente, tivemos acesso a eles. Como já tínhamos contato com outros livros na escola, estes não eram mais tão interessantes e tão desejados por nós. Mas foi através deles a minha primeira leitura de Machado de Assis.

Outro tipo de leitura que me fascinava, na infância era a mitologia. Debruçava-me horas e horas sobre a história dos deuses, da criação das coisas. Lembro-me de ter lido uma coleção inteira da escola.

A carta está se prolongando, e para não lhes cansarem com a leitura, vou falar um pouco agora daquelas que me marcaram. Lá pela adolescência, lembro que um dos primeiros romances lidos por mim foi *Cinco minutos* de José de Alencar, que conta uma história de amor, bem apropriado para quem está nessa fase...

Meus amigos, não me lembro de na escola, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, haver uma preocupação e um estímulo para a leitura. Os textos com os quais tínhamos contato eram apenas os poucos dos livros didáticos. Literatura, dessa, ouvi falar só no Ensino Médio, apenas nomes de autores com sua listagem de obras. Já no terceiro ano, pensando em fazer vestibular, e informada das obras que seriam cobradas, li *Dom Casmurro*, *Memórias de um sargento de milícia* e *O cortiço* – a este me entreguei tanto, que conseguia sentir o cheiro do café, na descrição feita das madrugadas no cortiço. Lembro que na mesma época li também *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na curiosidade de descobrir o defunto autor de que ouvira falar.

Para minha surpresa, passei no meu primeiro vestibular. Aí sim, na faculdade, tive um encontro verdadeiro com a Literatura, foi aí que comecei não apenas a ler por ler, ou pela apenas pela emoção, mas sim para ter também uma visão mais crítica e aprofundada das obras que li. Entre muitas posso citar: *A moreninha*, *A hora da estrela, Ubirajara, O Ateneu, O Crime do Padre Amaro, O Guarani, Pequenas memórias, Esaú e Jacó, O evangelho segundo Jesus Cristo*. Enfim, muitas que no momento minha memória me trai e não me deixa expor para vocês. Ah!, teve também *Menino de engenho*, essa não posso esquecer... Senti-me o próprio personagem principal, devido à semelhança da vida no campo, brincando na mata, sem preocupação com a vida de adulto. Teve também dois contos de Clarice Lispector que me marcaram profundamente, *Felicidade Clandestina* e *Feliz aniversário*. Enfim, foram tantos, que poderia passar horas aqui contando. Uns com experiências maravilhosas de entrega, de emoção, de reflexão. Outros nem tanto, como foi o caso de *Amor de perdição*, que peguei na biblioteca por ter ouvido

alguém falar que era bom. Comecei a ler com entusiasmo achando que ia adorar, mas tamanha foi minha decepção, tanto sofrimento, um amor que não dava certo, que quase não conseguia terminar a leitura. Parava, depois continuava tentando ver se conseguia gostar. Mas não teve jeito. Não gostei e ponto, mas li todo mesmo assim.

Com a aproximação do término da faculdade, as leituras literárias cessaram um pouco, pois tínhamos agora leituras mais técnicas para o estágio e o trabalho final. Terminada a faculdade veio minha primeira filha e um recesso das leituras. Só aproximadamente um ano e meio depois retornei, mas agora eram leituras para a criança, aquelas que não lembro ter tido na minha infância, de contos de fadas, histórias bíblicas infantis, histórias em quadrinhos. Enfim, a literatura infantil passou a ser uma constante em minha vida. Toda noite uma história, uma leitura, uma canção.

Intercalado a este momento maravilhoso, vieram novamente às leituras técnicas para o trabalho, mais recentemente para o Mestrado, deixando um pouco de lado a leitura por prazer, mas os últimos foram apaixonantes, *Os porquês do coração* e *Palavras, palavrinhas e palavrões*. Ainda me sinto em falta com leitura, gostaria de ter mais tempo para devorar livros e mais livros.

Terminando, quero dizer a vocês que a leitura é essencial em minha vida, e que mesmo deixando um pouco de lado a leitura descompromissada, leio o que preciso para o meu dia a dia com muito prazer e entusiasmo, porque eu posso afirmar com todas as letras que GOSTO DE LER, não me imagino sem a leitura e tudo o que consegui até hoje foi graças a ela. Não me deixei vencer pelas dificuldades impostas e pretendo ler muuuuuuito ainda! Sou feliz com a leitura e fico feliz, transbordando de alegria quando vejo algum de vocês enveredando pelo caminho da leitura.

É isso meus queridos amigos alunos, abri para vocês a minha Biblioteca Íntima. Espero que tenham gostado e possam abrir para mim a biblioteca de vocês. Será um prazer ler e conhecer um pouco mais a fundo a história de vocês.

Agradeço a atenção!

Com carinho,

Socorro Dias

ANEXOS

ANEXOS A – Questionários aos alunos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: _____

Idade: 13 ANOS Série: 8º ANO Turno: Matutino ( ) Vespertino ⋈

Escolaridade do pai: 1º ANO DO ENSINO MÉDIO Profissão do pai: VIGIA, SEGURANÇA

Escolaridade da mãe: ENSINO MÉDIO Profissão da mãe: DONA DE CASA

1. Você gosta de ler? Por quê?

SIM, PORQUE EU APRENDO MAIS PALAVRAS E APRENDO A SE EXPRESSAR MELHOR.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

SIM, OS PROFESSORES, MEUS PAIS, ME DANDO LIVROS E REVISTAS.

3. O que mais você gosta de ler?

REVISTAS ESPORTIVAS

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

POR QUE ATRAVÉS DA LEITURA EU APRENDO A ME EXPRESSAR MELHOR, ESCREVER AS PALAVRAS CERTAS, SABER AONDE DEVO COLOCAR AS VIRGULAS, PONTO DE INFLAMAÇÃO ETC.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras
UERN
ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: _____

Idade: 14 Série: 8ª 9ª Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: E. F. incompleto Profissão do pai: Mecanico

Escolaridade da mãe: E. F. incompleto Profissão da mãe: Dona de casa

1. Você gosta de ler? Por quê?

Bem Eu gosto e não gosto. Por que tem liturs muito boas e bequenas e Eu gosto. e tem liturs um ruins e muito grandes e Eu não gosto

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Sim ora escola. Pedindo para ler um trucho e elora que não vou dizer não. e nos bitis eu vou o livro. para ler e eu obrigado a ler.

3. O que mais você gosta de ler?

Mensagem de texto. alguns histórias em quadrinhos, e outros o mais.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

Saber falar mais direito. e escrever corretamentes.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 15 Série: 8º Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: Ensino fudamental Profissão do pai: agricultor

Escolaridade da mãe: Ensino fudamental Profissão da mãe: .

1. Você gosta de ler? Por quê?

Não ou menos porque eu costo de ler um pouco.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Meus pais por que eles contavam historias para mim.

3. O que mais você gosta de ler?

Historias em quadrinhos.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

Por que ois se você não sabe lê e nem escrever você ois não é niguem

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 13 anos Série: 8º ano Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: 5º Serie E.F Profissão do pai: agricultor

Escolaridade da mãe: 8º Serie E.F Profissão da mãe: Borçamete

1. Você gosta de ler? Por quê?

Mais ou menos, Eu acho inretante ler foor so olhando Para o livro é muito Ruim.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

niguem

3. O que mais você gosta de ler?

Eu Gosto mais de ler Jornal.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

Para muitas coisas Pois tudo nos Presesamos da leitura.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 14 Anos Série: 8º "U" Turno: Matutino ( ) Vespertino (x)

Escolaridade do pai: Ens. Medio Profissão do pai: Veriado

Escolaridade da mãe: Ens. Medio Profissão da mãe: A.S.G

1. Você gosta de ler? Por quê?

Não muito. Tenho um pouco de preguiça, mas sempre que eu leio acho bom porque vei de varias coisas.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Sim. Educando Historias livras.

3. O que mais você gosta de ler?

Livros e piquenas frases

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

Tem toda a importância. A pessoa que não sabe ler, não sabe de nada

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 14 anos Série: 8ºU Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: Graduado em Pedagogia Profissão do pai: Professor

Escolaridade da mãe: Graduação em Enfermeira Profissão da mãe: Enfermeira

1. Você gosta de ler? Por quê?

Sim Por que quando estava aprendendo a ler aí que meu Pai mim incentivou Para mim ler aprender ser alguém na vida muito legal a leitura.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Sim meu Pai quer mim ensinou a ler lá meu Professor até o 5º ano ele mim incentivou tanto Por isso que amo a leitura.

3. O que mais você gosta de ler?

historia em quadrinho

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

tudo quando eu terminar o meus estudos eu quero fazer um livro Prá incetivar os alunos como e bom a aprender.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 17 Anos Série: 8ª Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: Primário Profissão do pai: Agricultor

Escolaridade da mãe: Primário Profissão da mãe: Agricultora

1. Você gosta de ler? Por quê?

Sim. Porquê ler é importante.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Sim. uma ex. Professora minha, ela mim falava que aprender a ler é muito importante.

3. O que mais você gosta de ler?

Poesias que falem de Amor.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

Tudo. Porque com a leitura a gente aprendemos a ler e escrever melhor.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 14 Série: 8º Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: E.F. ENCOPLETO Profissão do pai: SERVENTE

Escolaridade da mãe: E.F. ENCOPLETO Profissão da mãe: DONA DE CASA

1. Você gosta de ler? Por quê?

Sim e não Por que é uma coisa que tem que ter vontade é coragem e eu não tenho vontade por que os livros são muito grandes com letras pequenas.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Sim mas eu não sou muito chegada a leitura mandando eu ir na Biblioteca e ter alguns livros.

3. O que mais você gosta de ler?

Gosto de ter historias em quadrinhos.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

a importancia e que me ajuda a ter uma leitura melhor e a menos complicada como algumas palavras complicadas.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 13 anos Série: 8º ano Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: primário Profissão do pai: Agricultor e Servente

Escolaridade da mãe: Ensino medio Profissão da mãe: Remedeira e Professora

1. Você gosta de ler? Por quê?

gosto, por qui quando eu leio eu min sinto como si eu estivesse no livro eu gosto de livros animados e decorados eu adora muito ler e é muito importante ler.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

não eu qui aprendendo sozinho com a ajuda da minha ex-professora e min ensinado muito bem.

3. O que mais você gosta de ler?

Eu gosto de ler de tudo menos terror mais gosto de tudo pinturas dos livros etc.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

quem não sabe ler eu acho e não saber não e muito bom ler e sabe eu e minha mãe ainda bem que eles sabem ler e muito legal e interessante

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 14 Série: 8º ano Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: primario Profissão do pai: Agricultor

Escolaridade da mãe: primario Profissão da mãe: Domestica

1. Você gosta de ler? Por quê?

Sim, por quê ler e muito legal, e lendo aprenderiamos muitas coisa importante.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

Sim alguem mim incentivou a minha mãe, e como ela colocava Eu pra ler em casa e a ler na escola.

3. O que mais você gosta de ler?

Historia de mesterio.

4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

Que uma importancia muito Boa na minha vida.

OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

UERN

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pesquisa sobre práticas de leitura de alunos dos 8º e 9º anos da Escola Estadual Zenon de Sousa/Umarizal-RN.

Nome: [redacted]

Idade: 13 Série: 8-ano Turno: Matutino ( ) Vespertino (X)

Escolaridade do pai: primario Profissão do pai: agricultor

Escolaridade da mãe: E.F. incompleto Profissão da mãe: dona de casa

1. Você gosta de ler? Por quê?

Sim porque eu lendo eu aprendo a escrever correto ler e eu aprendo muito mais.

2. Alguém incentivou você a gostar de ler? Como?

minha mãe meus professores porque eles dizia que se eu aprendesse ler seria muito bom pramim e eu mim sentivei a estudar.

3. O que mais você gosta de ler?

Historias em quadrinhos e outros tipos de historias

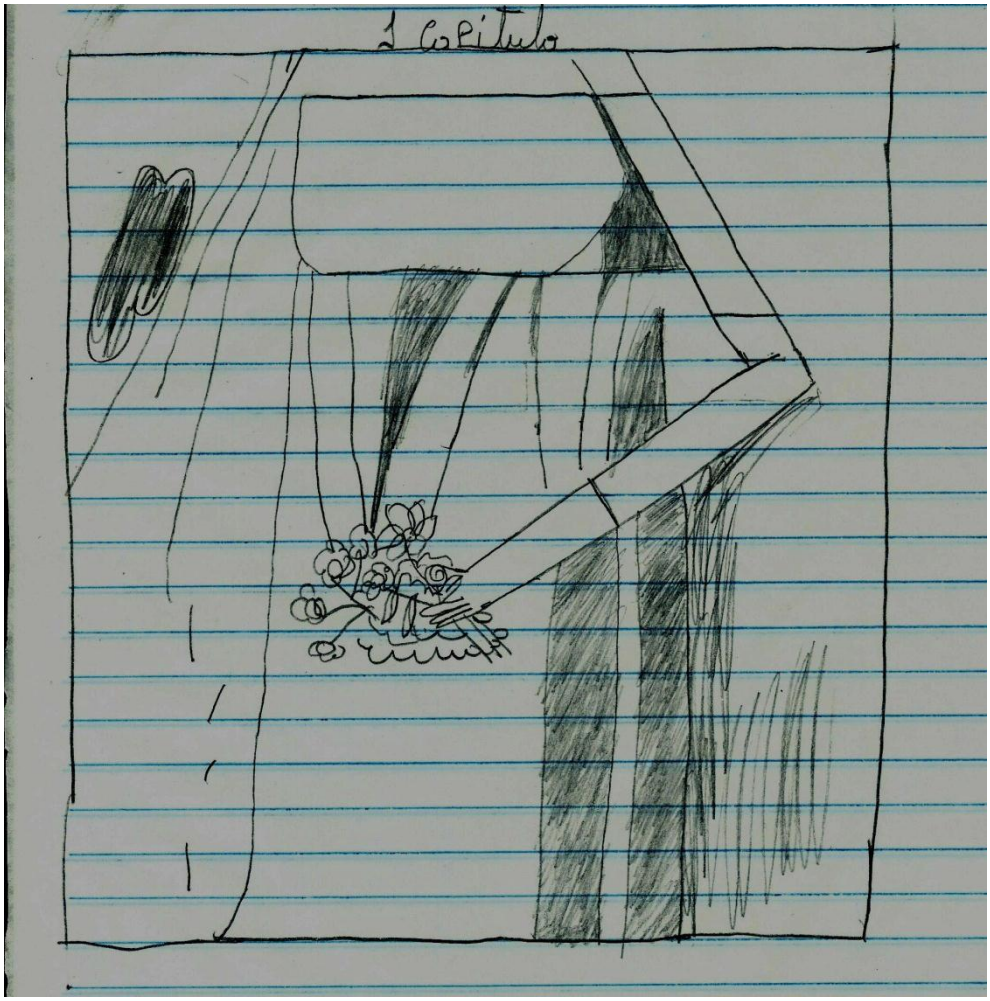
4. Qual é a importância que a leitura tem em sua vida?

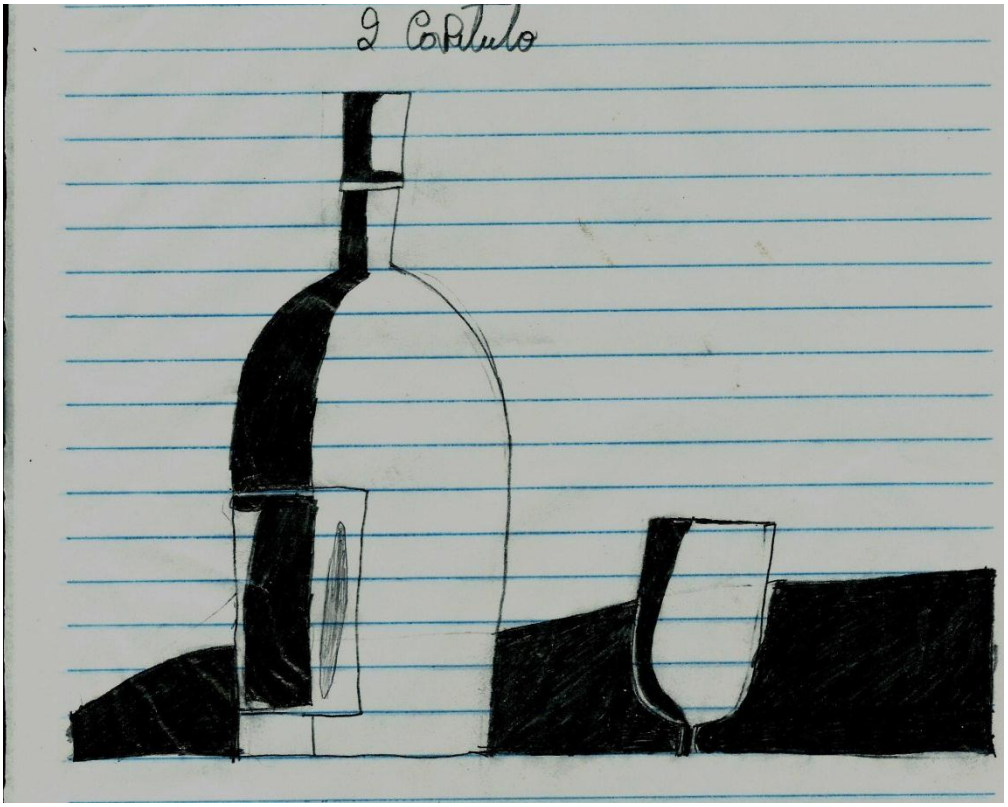
a leitura pra mim tem muinta importancia porque aprender a ler é muito bom que tudo que se faz hoje tem que saber ler e escrever.

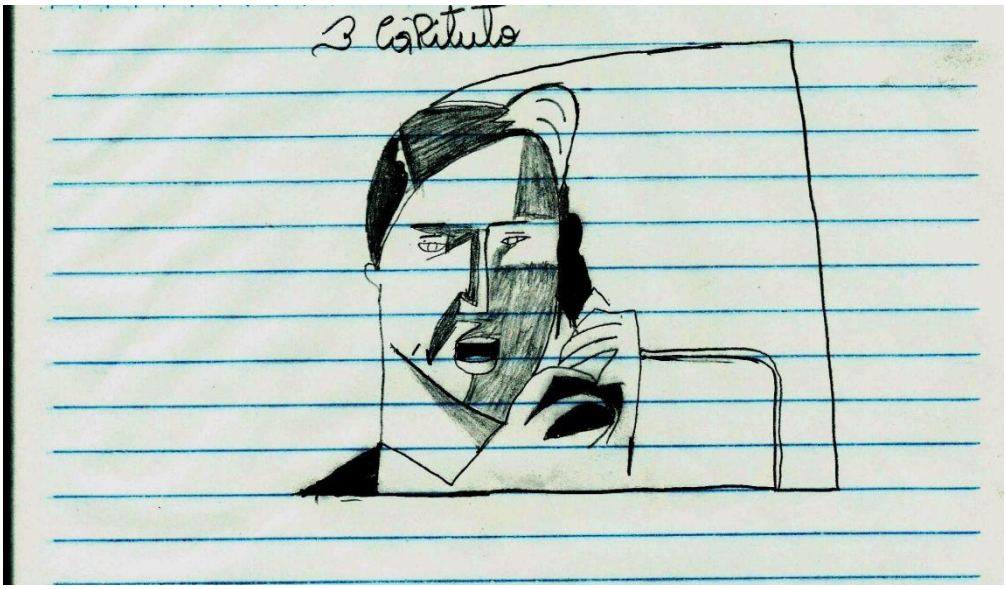
OBRIGADA PELA CONTRIBUIÇÃO!

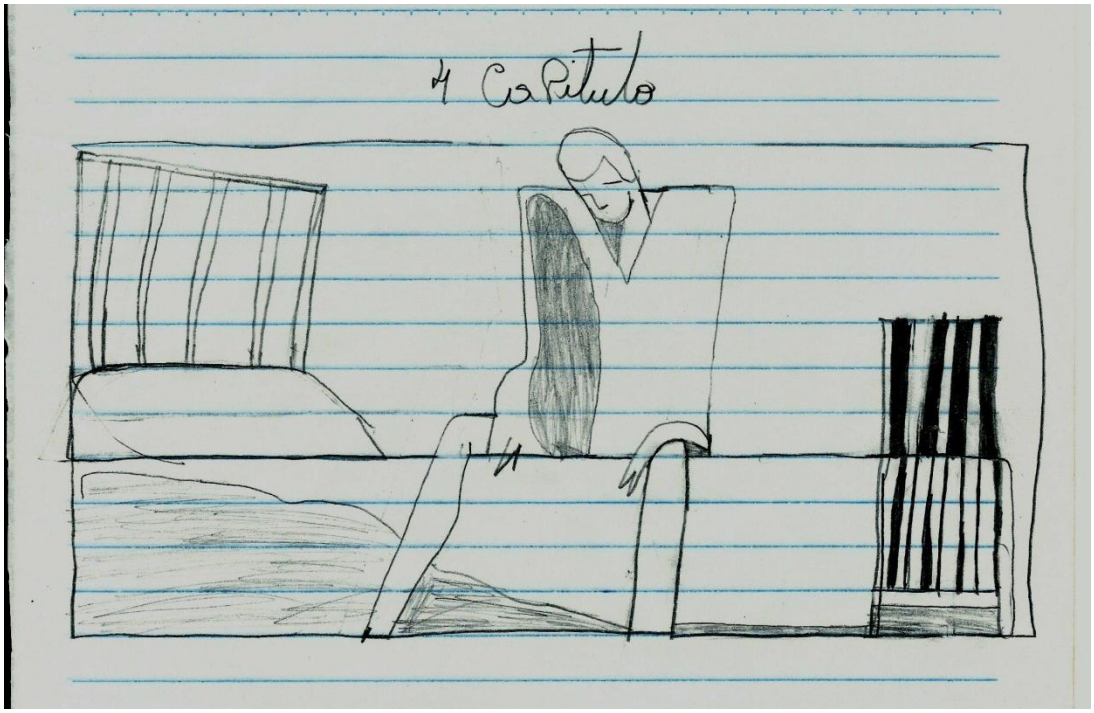
MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DIAS, aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

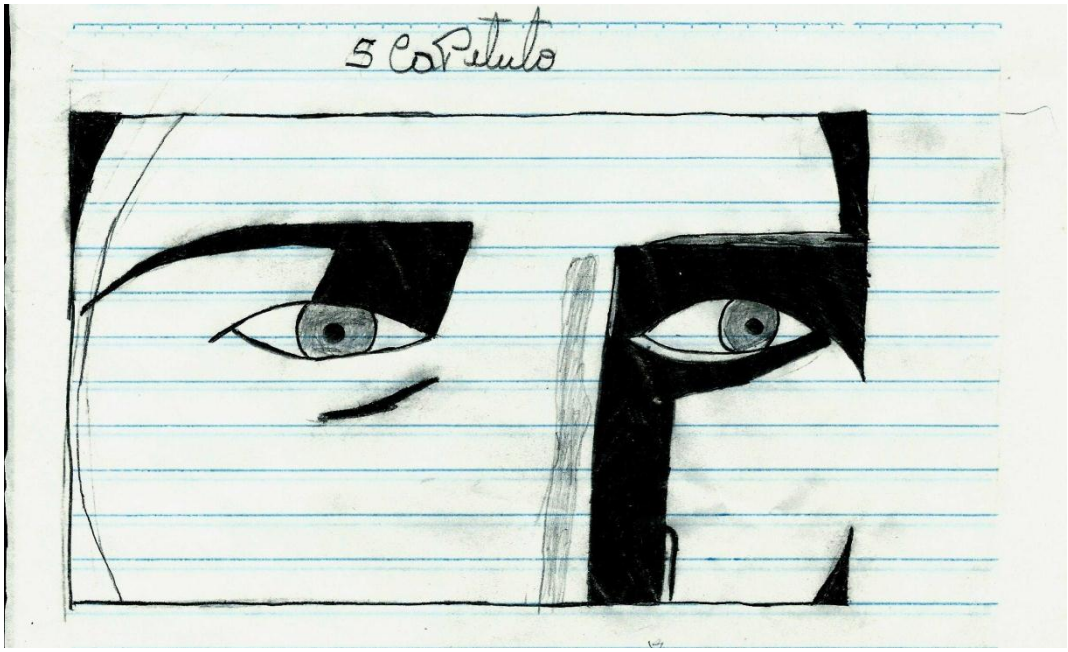
ANEXOS B – Desenhos representando trechos das obras lidas pelos alunos




2 Capitulo


3 Capitulo


4 Capitulo


5 Capitulo

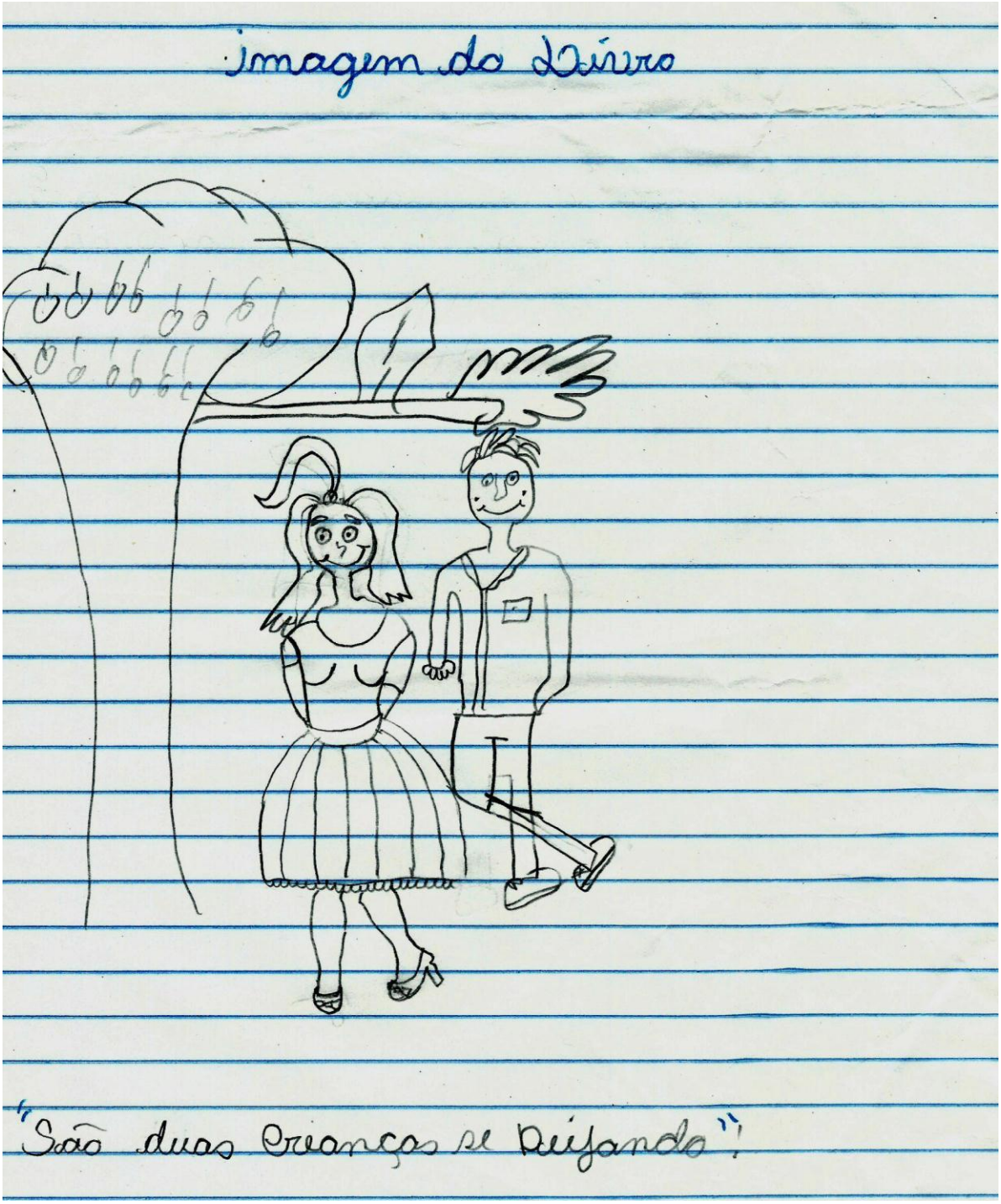
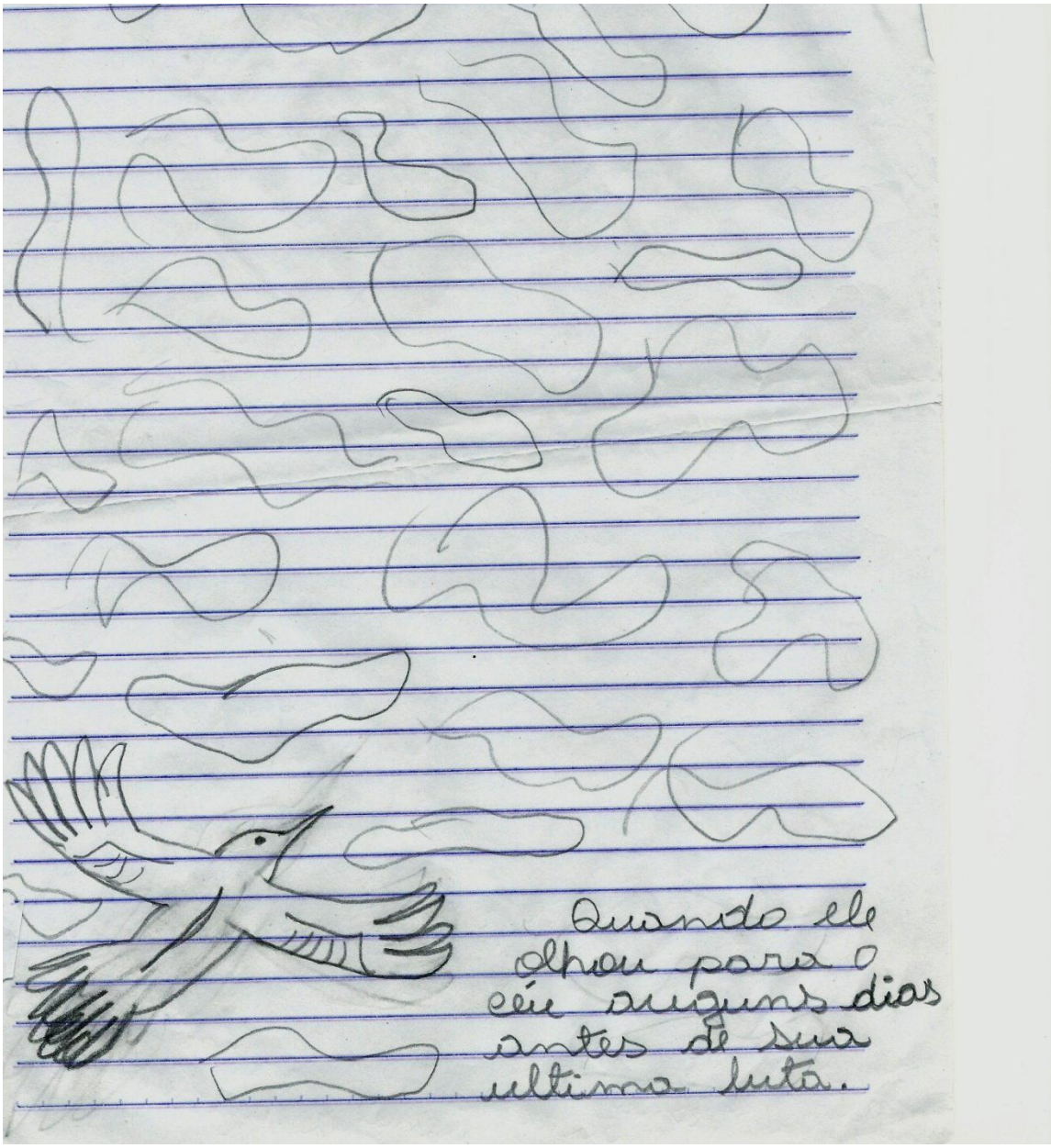
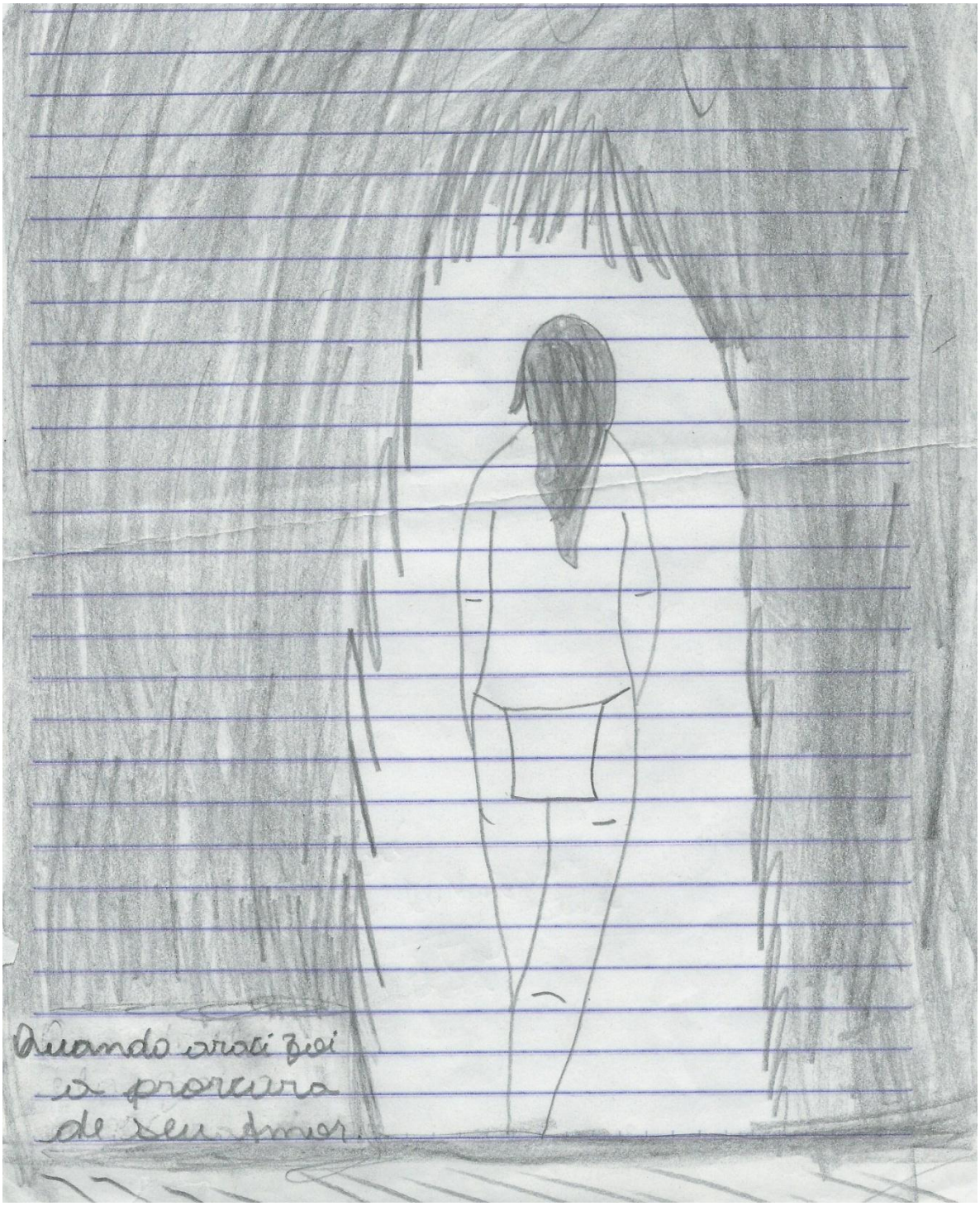
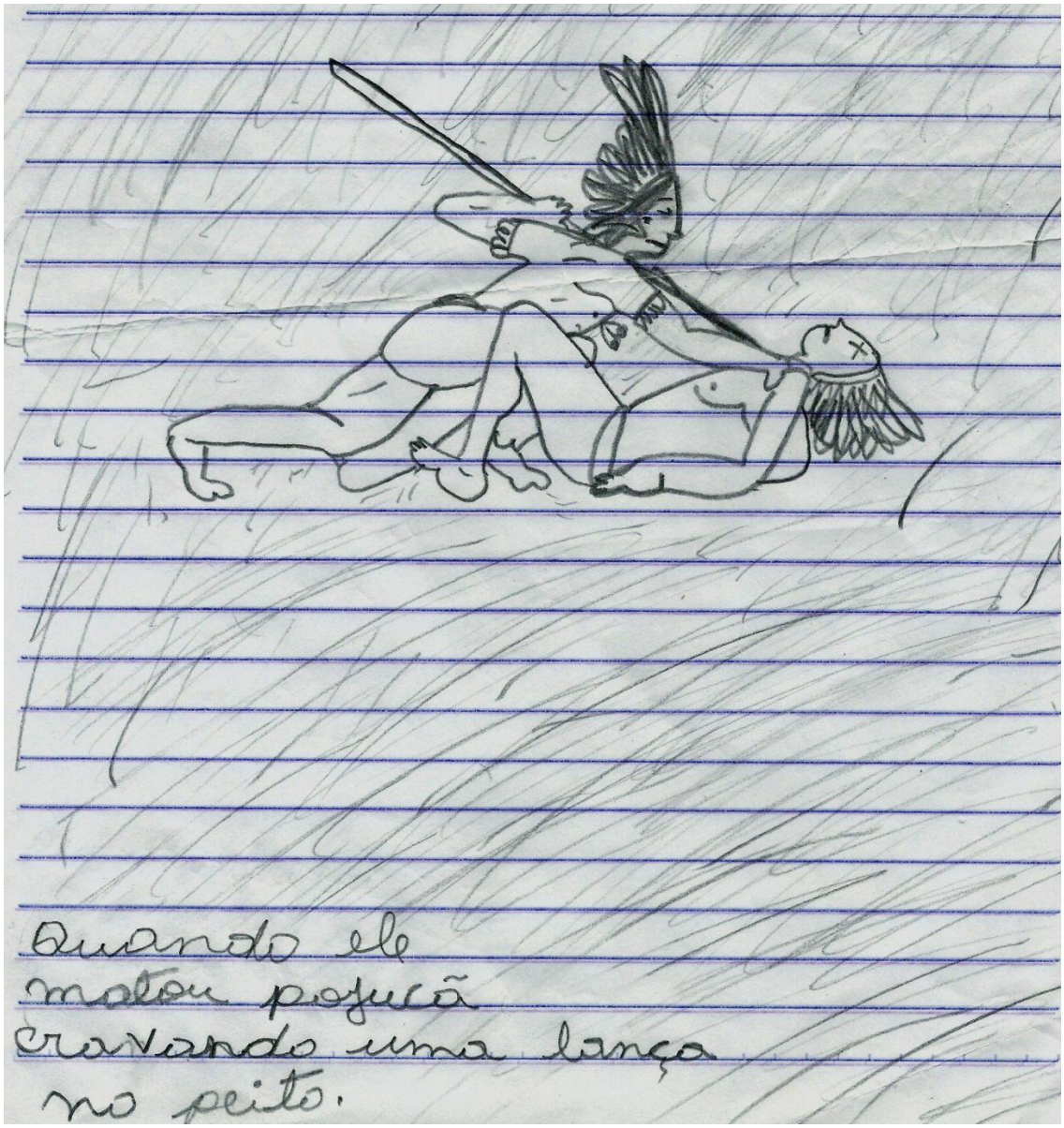


Imagem do Livro
"São duas crianças se beijando".

Quando Piguçã e
Jaguarê tiveram sua
Primeira luta.


Quando ele
olhou para o
céu alguns dias
antes de sua
ultima luta.


Quando você
se procura
de seu Amor.


Quando ele
matou pojucã
cravando uma lança
no peito.

Os Miseráveis
VICTOR HUGO
A minha cena predilita capítulo 20
O Casamento
Eu acho que tem um final feliz.

Capitulo 1:
Juan
Valiao

Capítulo 2
O Bispo

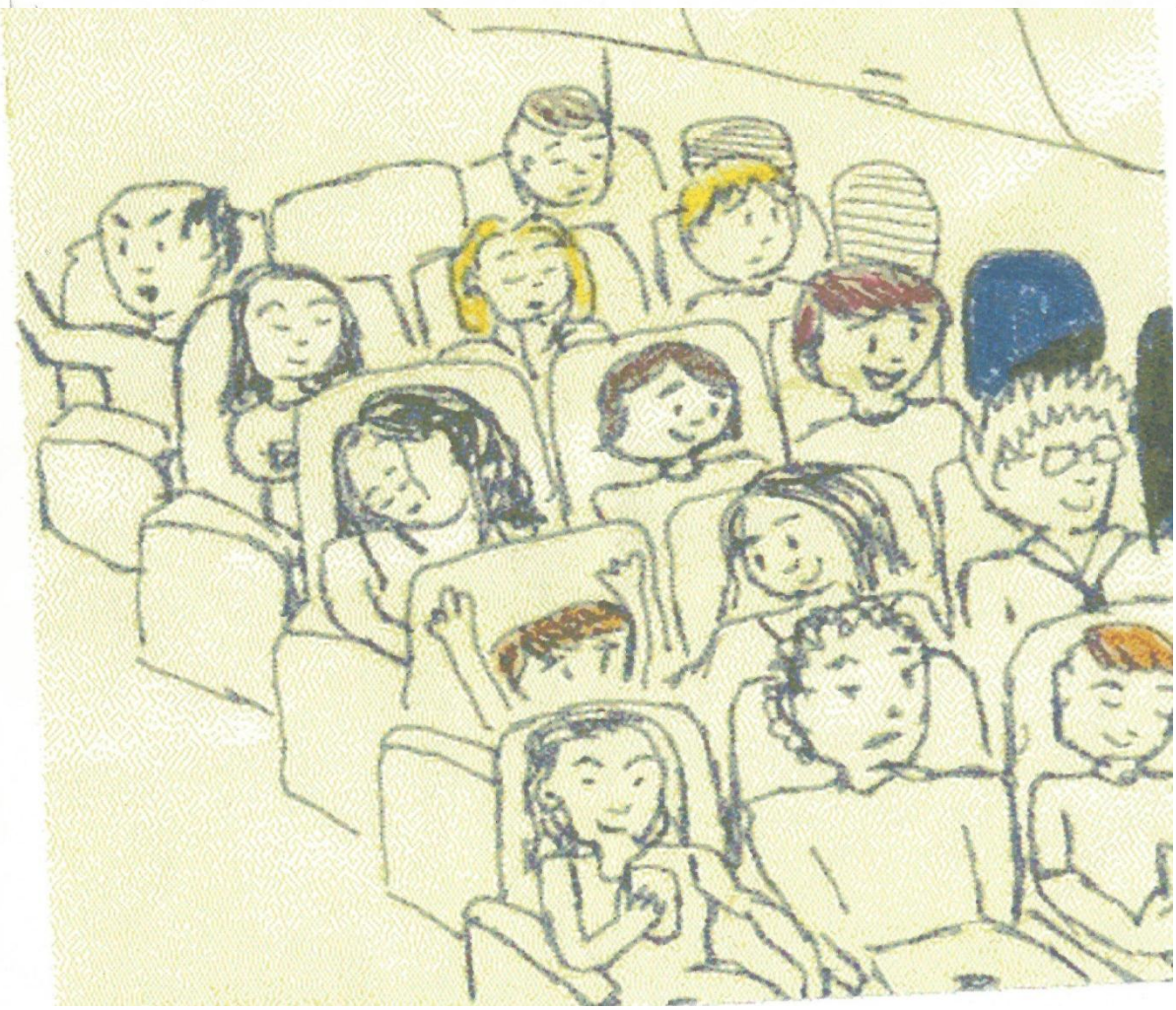
Os sete irmãos
capítulo 3:
O Roubo:

Capítulo 4: A moeda de prata

Capitulo 5
Cosette
Cosette
Cosette Baby

Capítulo 12
A Boneca de Louça
Capítulo que fala Sobre uma menina Sofria com uma velha mau que mandava ela ir busca água la na fonte que era muito longe e ela viu uma boneca de louça.

Em uma quarta-feira



Anexos C – Cartas dos alunos

Aluna A

Nome: 9º Ano

Círculo de Leitura

No primeiro círculo, houve uma palestra com Corrinha e seu amigo. Lá todos se reuniram com círculo, e a professora entregou um livro a cada um. Chega a hora de lerem seus livros, a professora perguntou o entendimento do texto e o que acharam.

Eu ~~levantei~~ levantei a mão e falei não gostava de ler, achava desnecessário. Ela (a professora) falou que ler é muito bom e que, sempre que Eu pudesse, pegasse um na biblioteca para ver como, além de melhorar a leitura conhecer mais sobre assuntos, e treinar o cérebro para atividades do dia-dia, poderia me tornar uma pessoa melhor.

Ela passou varios trabalhos atividades utilizando o livro. A partir daí, fui me interessando mais pela leitura, aprendi mais, Enfim, amei! Agradeço muito a minha professora Corrinha pelo esforço que valeu muito a pena, pela paciência, e por ela estar sempre no meu pé, me incentivando à leitura e sempre querendo o melhor dos seus alunos. Obrigado :)

Aluna B

Querida Professora

Lorrinha

Boa tarde!

Estou te escrevendo esta carta para falar um pouco da minha história de vida. Saí de uma família humilde e muito simples, mas meus pais nunca deixaram faltar nada, sempre me deram uma boa educação e sempre estão me incentivando a estudar. Meu pai tem o ensino médio completo, mas já minha mãe não, ela deixou de estudar muito nova que foi quando ficou grávida de mim aos 17 anos. Parou na 5ª Série, mas mesmo assim sempre me deu uma boa educação.

Minha mãe trabalha como doméstica e o meu pai é vigia em um centro de saúde, é funcionário público. Recentemente moro com minha mãe porque meus pais são separados, mas nunca faltou nada pra mim mesmo não morando com meu pai. Ele é casado com outra mulher que com ela tem uma filha de 1 ano, e também tenho outra por parte de mãe. Quando eu pequena parei de estudar aos 7 anos porque tive que deixar a escola para me operar. Nasci com problemas no parto, aí meus pais só perceberam quando eu comecei a andar. Fui muitas vezes para Natal, fiz muitos exames mas os médicos não descobriram o que era. Até que um dia descobriram e me afastaram da escola depois

Monster High

Continuação da Aluna B

de um tempo voltei. Não fui uma criança muito ligada na leitura porque meus pais não tinham condições de comprar livros para eu ler. Nesse tempo só tive a oportunidade de ver e admirar um livro do 9 ano em diante sempre gostei de ler, hoje sempre que posso gosto de ler histórias para minha irmã e falo sempre para ela que os estudos é tudo na vida, foi o que sempre meus pais me falaram. Hoje ela tem o que eu não tive, a oportunidade de ter e avaliar meus pais lerem para mim, ler para ela o que mais gosto de fazer. Os livros que mais gostei de ler foi A culpa é das estrelas, também os contos e os poemas de amor e etc. Gosto muito da leitura porque ela nos faz viajar, refletir, aprender, e nos dá mais possibilidades para gostar de ler, não importa o tamanho do livro, mas sim o que está nele. Aprendi isso com minha querida professora Corinha que me mostrou e aos meus colegas a importância que a leitura tem na vida de cada um de nós. Então queria te agradecer por tudo, em ter trazido e nos mostrado o que é a leitura e como ela é importante na vida de cada um de nós. Muito obrigado.

Te adoro muito e te admiro.

Um grande abraço!

De sua aluna:

[redacted]

Aluna C

Umarizal 12/05/2015

Antes eu não gostava muito de ler, de se interessar pelos livros, mas depois que você começou um projeto de leitura onde eu li meu primeiro livro com interesse, acho que foi o meu primeiro, foi o livro (os miseráveis) daí comprei um livro (A culpa é das estrelas) e aí fui gostando mais dos livros e querendo ler mais e mais. Suas aulas me incentivaram muito a não só gostar de livros, mas também gosta da matéria "Português" não só eu mas, sei que muitos assim como eu está gostando de livros através de você!

Sua aula mostrava o lado bom da vida que era a leitura, muitos não queria saber, mas depois desse projeto foram gostando assim como eu, e agora tô querendo montar uma biblioteca no meu quarto, porque nada é melhor que ler. Quero agradecer a você pelo incentivo que me ajudou muito, e pedir desculpas pelas aulas que já atropalhei!

Aluno D

Umarizal - 05/04/2015

Boa tarde nesta carta vou conta minha Auto Biografia leitoral:.
Eu nasce no dia 28/05/2001. as 00:00 em ponto.
E aos um anos e meio meus pais se separaram e eu fui
mora com minha mãe, ela procurou ir pra
São paulo e eu fiquei com minha vó materna
então meu pai entrou no Justiça para Ganha
minha Guarda e então ele Ganhou e eu fui
morar mas ele, com dois anos e dois meses ele
se casou-se com outra mulher, Eu so entrei na
Escola com Cinco anos e fui direto para Creche
e lá estudei um ano. passei para o 1º ano letivo
na escola Estadual Profª Alzani de Freitas Dias
em Apodi/Rn no 1º ano letivo eu já sabia
soletra alguns palavras no final do 1º ano
meu pai fui morar em Umarizal e tive
que estudar o 2º ano letivo aqui em Umarizal
na Escola Estadual Paulo Abelio eu so sim
aprender a ler mesmo no 2º ano graças as
professoras, Como meu pai vivia viajando
então ele nunca mi incentivava a
ler, eu so lia na Escola dia de Sexta-feira.
no 3º, 4º, 5º, ano eu estudei na Escola
Municipal Santa Felomena e era tudo
igual, eu so lia em livro nas sexta-feira
e ninguem me incetivava alem das
professoras. já no 6º ano letivo eu me interessei

Aluno E

Umarizal, 12.05.15

Meu nome é [redacted], tenho quatorze anos minha convivência com a leitura era muito pouca quando eu estudava no sítio, não estou falando mal da escola, pelo contrário, os professores sempre foram bons, eu que não queria ler, mas eles sempre diziam que era bom ler, eu que só ligava em jogar bola e brincar, mas estudava. Sempre fui bom aluno, só não queria ler. Minha mãe me ajudava muito a fazer meus deveres de casa. Parei de uno e fui para o Zenon de Souza, uma escola boa que tem professores excelentes, mas tem uma que para mim ela é melhor de todos, pena que tem alguns que não reconhecem, aí ela que me incentivou a ler. Quando começou com os círculos de leituras eu me interessei a ler os livros que ela passava. O primeiro livro que li foi Contos de enganar a morte de Ricardo Azevedo que eu até arrumei um livro desses para mim e aqui onde eu leio ele. Desde então fui tendo convivência com a leitura e hoje eu gosto de ler graças a professora Socorro, uma ótima professora que quem quer aprender é com ela, a pessoa certa.

Aluna F

Cara professora.

Sobre os circulos de leitura gostei bastante, pois foi aí que despertei o meu interesse para ler.
Se fosse de dar uma nota daria um 10
Parabéns professora gostei bastante do tempo que passei com você Aprendi bastante.
Espero que os proximos professores me ensinem como a senhora.

Umarizal.
18 de maio de 2015

Aluna G

Querida progessora vou contar um pouco da minha historia, quando comeci estuda com 6 anos na escola do Sitio que moro até hoje, o nome da escola e unidade XII emilias Francisco da costa onde aprendir a ler e a escreve, o progessor que mim ensinou do pré ao 5º ano, no sitio era só um progessor para todas as materias, quando eu estudava no Sitio a materia que Eu mais gostava era português, porque o progessor colocava para nós ler em casa um livro e Eu adorava ler, mas depois que qui estuda em umarizal na escola Tinon de sousa mim apartir mais dos livros mas depois a progessora colocou nós pra fazer um trabalho circulo de leitura eu voltei a ler vários livros como cidade de papel, palavra, palavrinhas e palavrões, cabelos molhados, a culpa e das estrelas e agora estou lendo 50 tons de cinza, gostei muito do circulo de leitura, socorro adorei o jeito que você ensina e interagem, muito obrigado por ser essa pessoa amiga e legal e que você sempre seja esse amor de pessoa que você foi todos esses anos que mim ensinou... Bom parte...

"Te Adoro"

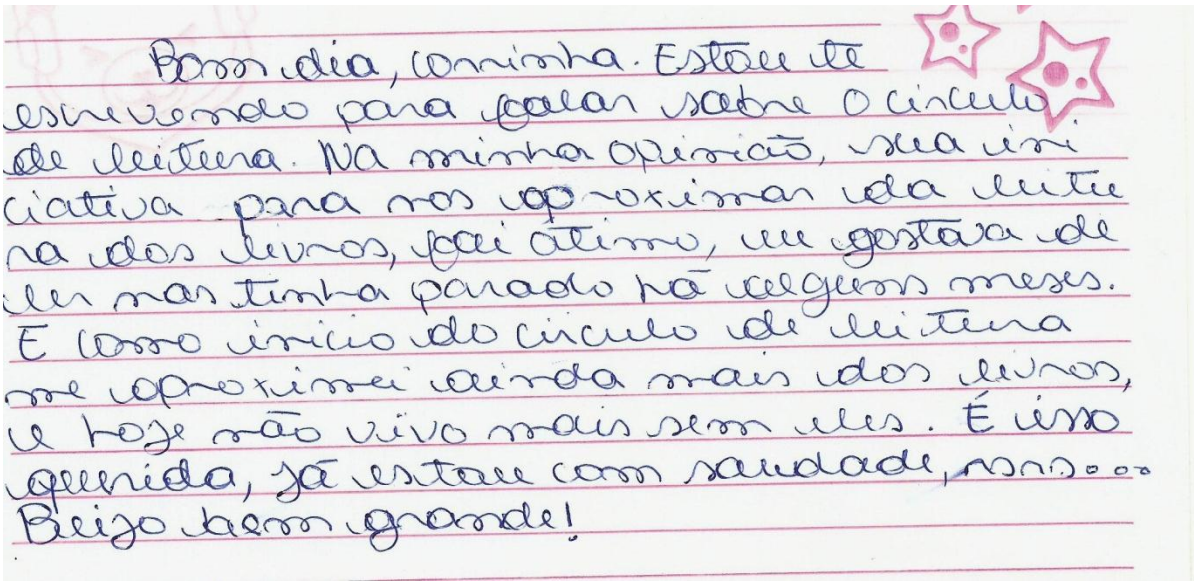
Aluna H

Data: 29/04/15
Local: RN

Boa tarde Professora e colegas.

Meu nome é [redacted], tenho 14 anos e vou abrir para vocês, minha bibliteca intima, nasci aqui, e sempre morei no sitio com minhas 2 irmãs e meu irmão. Mãe e pai são as pessoas que min encentivam nos estudos, e tenho um sonho de me formar em arquitetura, meu primeiro livro foi a arca de noé, e o segundo foi um livro que fala sobre passarinhos, eu não gostava de ler, mas depois dos grupos de leitura, eu voltei a min interessar a ler de novo, nesses grupos de leitura, eu aprendi que graças a leitura, e os livros, você descobre coisas diferentes, e aventuras, eu já peguei na bibliteca, esses 2 meses 4 livros como: O vencedor, Ubirajara, O sitio do pica pau amarelo e a arca de noé. O livro que realmente min marcou, foi O vencedor, porque ele se parece com a realidade de hoje.

Aluna I



Bom dia, Corinha. Estou te escrevendo para falar sobre o círculo de leitura. Na minha opinião, sua iniciativa para nos aproximar da leitura dos livros, foi ótimo, eu gostava de ler mas tinha parado há alguns meses. E com o início do círculo de leitura me aproximei ainda mais dos livros, e hoje não vivo mais sem eles. É isso querida, já estou com saudade, snn...
Beijo bem grande!

Aluna J

Carta

Olá, sou [redacted] e vou contar minha história sobre leitura. Na minha infância não gostava muito de ler livros, tanto de literatura, quanto de quadrinhos, mas com o passar do tempo pessoas foram me incentivando, indicando livros e gostando. Comecei a ler aos 6 anos de idade, com o passar do tempo, ler livros virou algo bom para mim e para minha mente. Ler é algo essencial que todos deveria fazer o mesmo, ao ler você descobre coisas, testa o seu conhecimento, abre a mente para coisas que talvez o mundo não mostre. nos livros tem amor, que na vida real posso até existir mas muito raro. Descobrir que ler me faz muito bem e hoje aos 15 anos de idade já li na média uns 30 livros, de quase todas as classes. Ler é um bem que a gente faz para si próprio e lendo eu conheci viajei em outros ares, a leitura é muito importante e vou continuar a ler muitos e muitos livros de romance, que é o que eu gosto e amo.

De: [redacted]

Para: Socorro

Aluno L

Umarizal RN
Data: 05. 05. 2015

Cara Socorro

Socorro eu aprende a ler com 6 anos eu via meus pais e avós lendo e eles contavam historias e eu tambem queria lér e eu comecei a ler pequenas palavras e fui lendo devagar pequenos livros e quando eu aprende comecei a ler livros ja grande e desde então eu leio muitos livros pequenos, grande e vou cada vez mais lendo e a leitura está em tudo o que eu faço pois eu acho bom ler.

Achei muito bom os circulos de leitura da sala de aula por que despertou interesse sobre os livros e a leitura. Comecei a ler muitos livros como Peter Pan, Ponte para Terabitia e Cabelos molhados e etc... eu achei muito bom todos eles. Hoje eu leio e gosto e pretendo ler muito ainda.

Aluna M

Minha vida e a leitura

Meu nome é [redacted], desde muito cedo comecei a estudar e me interessar pela leitura, logo comecei a observar as pessoas lendo, e com incentivo da professora fui me aproximando pelos livros.

Quando pequena estudei na ESCOLA Estadual Paulo Abilio, onde ele lá tudo começou. Os livros infantis me ajudavam a reconhecer palavras, figuras e letras, foi uma período muito importante, comecei a aprender a ler e escrever.

Fui crescendo e com o tempo aprendendo a gostar de livros. A leitura agora deveria ter mais atenção, postado como. Os professores e minha mãe sempre me incentivaram para o estudo, para a importância do hábito de se ler.

Hoje gosto bastante de livros de contos, ficção, livros que nos levam a imaginar cenas incríveis. Outro meio de leitura constante é a internet adoro ler, saber meu ídolo, conversar com pessoas, ouvir e ler musicas.

Continuação Aluna M

O costume de ler e aprender fez com que eu me interessasse pela musica, tendo a capacidade de compor, uma inspiração vinda através dos livros.

Sou muito grata a leitura, e espero que sentre eu posso gostar de ler, e que os professores que como a professora Socorro. A leitura vinda o mundo, sentre para melhor!

OBRIGADO SOCORRO!

Pelo abraço, pelo carinho, e atenção

Você é uma grande mulher, Te admiro muito!

Abraço de [redacted]!

FOI UNICA que consegui que eu se interessei pela leitura

Aluna N

05.05.2015

Minha Vida na leitura

Aos 4 (quatro) anos eu entrei na escola, aos 6 (seis) aprendi a ler, não sei muito chegada a ler, mais as vezes leio livros de romance e historinhas em quadrinho, mais na leitura as historias que mais mim faziam são as historias de superação, aquelas que nos fazem refletir sobre oque esta sendo tratado, ami ler livros onde as historias nela contada mim surpirnde, mim faz querer ler mais umas mil vezes.

Quando estou lendo não gosto que ninguem mim atrapalhe, gosto de ler em um lugar calmo e tranquilo, onde esteja só eu, o livro e a minha imaginação, para que eu possa entender bem direitinho tudo aquilo que esta sendo contado.

Bem essa é a minha vida na leitura.

Aluno O

19.05.15

Ciclo de leitura

O circulo de leitura que a professora Socorro fez nos ajudou a descobrir que é muito bom ler, nos fez perceber que a leitura é uma coisa muito importante, ler realmente é muito bom, a ler é viajar por um mundo imaginario, onde nos ajuda a descobrir coisas que nos já mais imaginamos que existia.

Eu descobri isso tudo com a ajuda dos circulos de leitura da professora Socorro Dias.

Aluna P

CARTA

ENDEREÇO: Sitio espituria

NOME: [redacted]

meu primeiro livro foi Rapunzel. quando eu era menor li muitos livros, comecei a estudar, e aprendi a ler na escola do meu sitio espituria, quando estudava lá eu li muitos livros, que levava pra ler em casa e quando acabava levava de volta pra escola e se quiser-se podia levar mais aprendi muita coisa, os circulos de leitura que a professora Socorro fez com a gente me deixou mais perto na Leitura pq antes não gostava tanto de ler os livros da escola Estadual zero de coisa, mais com os circulos de leitura comecei a jogar mais nos livros e aprendi que a leitura nos faz melhorar a escrita, e também a raciocinar mais as coisas, obrigada professora Socorro por ter abrido a minha mente sobre a leitura vc me ensinou que se a gente não gosta de uma coisa tem que, correr atrás e tentar gostar é agora estou gostando muito de ler essa semana e li um livro chamado os trevos azuis e gostei, obrigado por ser maravilhosa e ter me ensinado isso.

Beijos e Tchau.